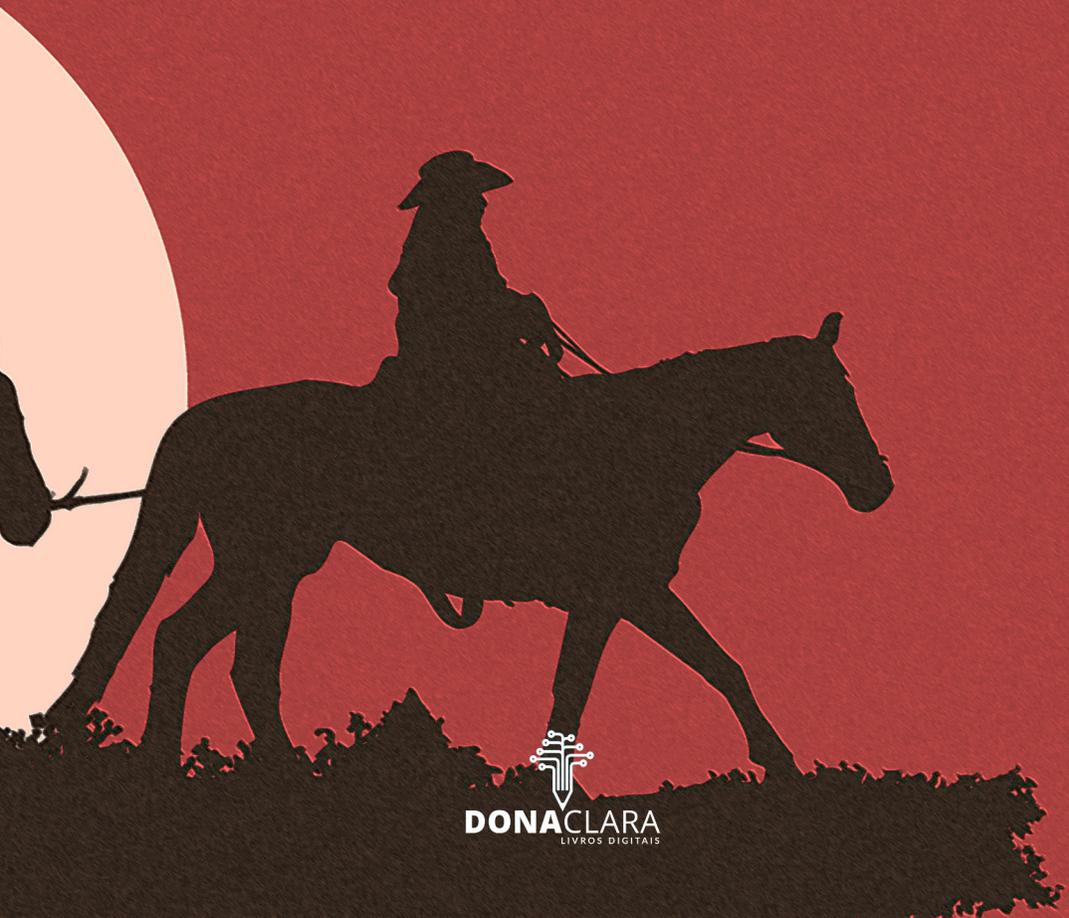


LINO GERALDO RESENDE

O CAVALEIRO DE MARAVILHA




DONACLARA
LIVROS DIGITAIS







LINO GERALDO RESENDE

O cavaleiro de Maravilha

5

Vila Velha, ES
BRASIL
2021



O CAVALEIRO DE MARAVILHA

Copyright © 2021 Lino Geraldo Resende

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa autorização do detentor dos direitos autorais.

Projeto Gráfico, Edição e Editoração:



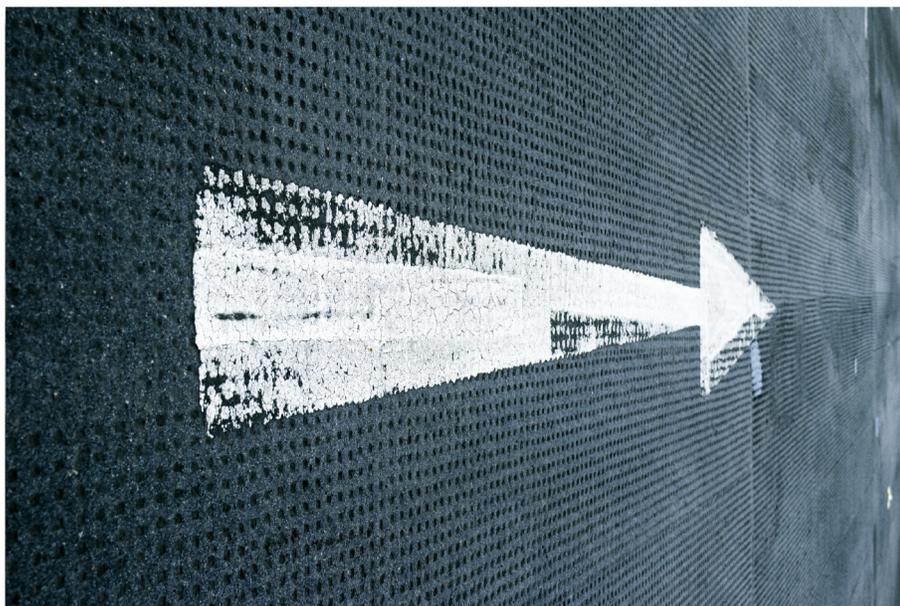
DONA CLARA
LIVROS DIGITAIS

6

Dona Clara Livros Digitais
Rua Luiza Grinalda, 550, Sl. 204, Centro,
Vila Velha, ES, CEP 29100-080
www.donaclara.jor.br

ISBN:

1ª Edição
Vila Velha, ES,
2021

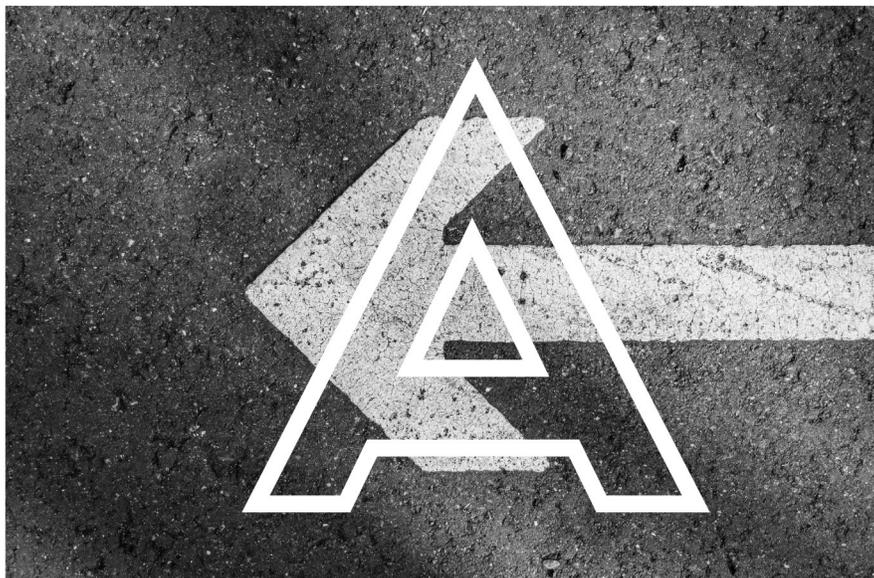


ÍNDICE

O HOMEM E SEU DESTINO	11
SEIS HISTÓRIAS	19
O curandeiro jovem	20
O grande mágico	26
O guerreiro liso	30
O bardo apaixonado	39
O bom cavaleiro	45
O feiticeiro inesperado	51
A DONZELA CHOROSA	59
O choro da perda	60
O falso consolo	68
A mudança de lugar	74
O encontro frustrado	80
A morte da esperança	89
A volta da esperança	94
A DESCOBERTA E A DESDITA	103
A mudança do jogo	104
Apenas coadjuvante	110
O grande ato	115
A sequência de eventos	121
O crime revelado	130
Crime, castigo e revelação	139
INTERMEZZO	147
O primeiro passo	148

O primeiro nome	151
A morte do guerreiro	155
Mais que mestre	159
O pequeno mercador	163
Novos papéis	166
O HOMEM RESTAURADO	171
A decisão confirmada	172
Um só e muitos	180
O amor recompensado	190
Decisão de mudança	199
O DESTINO DO HOMEM	211





O HOMEM E SEU DESTINO

O grande caminho era seguro, mas não para o jovem cavaleiro que sentia-se envergonhado de seu nome. Acusado de desonra, que não cometera, fora exilado, banido e perdera o nome e título, duas das coisas mais importantes da sua vida. De alguém, próximo de galgar mais um degrau na carreira, havia se transformado em ninguém. Seu novo nome era de conveniência e sem significado. Não mais tinha identidade. Estava sozinho, sem amigos, sem família e, pior ainda, longe da mulher que amava desde a adolescência e com quem iria se casar. A cada passo do cavalo, estava mais longe dela. Suspirou e baixinho sussurrou: Anika, sentindo a doçura do nome.

Ali, em um caminho desconhecido e sem volta, sua única esperança era ver cumprida a profecia do kara, dada assim que saiu sua sentença.

12

- Você voltará, reassumirá seu posto e galgará outros, mais importantes. Ofuscará seus inimigos, derrotando-os e irá casar-se com quem ama.

Nanderu, o grande deus dos povos de Maravilha, não tinha sido generoso com ele. Suas preces feitas com todo fervor não tinham sido ouvidas. Era como se tivesse lhe virado o rosto e coberto os ouvidos, ignorando as súplicas. Ele se sentia desamparado. O orgulhoso guerreiro estava morto e, se quisesse viver, teria de se transformar em homem de aluguel, oferecendo proteção a quem lhe pagasse. Chegara ao nível do chão, o mais baixo para o orgulhoso guerreiro anambê. Era “homem livre”, igual aos que não respeitavam regras, não tinham honra, não se submetiam aos deuses, bebiam, fornicavam e não se importavam.

Tivera tudo e tudo perdera. A única coisa que lhe restara era Nani-ke, o garanhão que adestrara e que o reconhecia pelo cheiro. O garboso cavalo facilitaria sua jornada e, valendo bom dinheiro, poderia, se vendido, permitir que vivesse bem por um ano. Cabisbaixo e amargurado, lamentar não o ajudaria. Precisava pensar na longa jornada que

o levaria a Caturama e à procurar de alguém, de quem tinha apenas o nome. Ao encontrá-lo, poderia ter trabalho, arranjar um meio de vida e transformar-se em “guardião”, nome bonito para mercenário. Eram os guardiões que faziam a segurança de caravanas, ajudando a garantir o lucro de seus patrões. E lucro, todos sabiam, não era do agrado dos deuses. Mas teria de esquecer o passado e viver sob novas regras.

Na jornada, tinha muito tempo para pensar e o julgamento, que lhe ocupava a mente, desde o início foi uma farsa. Nele, combinaram inveja, mentira e despeito. Foi um complô que não conseguiu desmascarar. O que tinha havido? Inveja. Era o mais novo abá admitido na Liga e, mais do que isso, estava próximo de assumir o comando de guarnição. À inveja seguira o despeito de alguém que rejeitara, o que levaria à mentira. Não imaginara, jamais, o que viria a ocorrer: a farsa, o engodo, a mentira e, fruto delas, o julgamento em que perdera o nome e a honra, tendo seu tacape quebrado, sendo banido da Liga e exilado de sua nação.

A desídia e a mentira venceram a verdade e a retidão. A maioria do Conselho da Liga Abá considerou seu “comportamento” desonroso. Na corporação, desonra significava expulsão, que levava ao exílio. No final do julgamento – e da encenação - rebaixado e humilhado, viu, impotente, o choro de Anika, que não teve como ajudá-lo. Desesperado, apelara ao pai da amada, kara da Liga. E ouviu, consternado, o que já sabia: a função não lhe dava o direito de contestar a decisão do Conselho. E como kara tinha de seguir o ritual, despojando-o do nome, do título e lançando ao opróbrio o futuro da própria filha. E quando o despojava de tudo o que sempre quisera e por que lutara, lhe fizera o vaticínio do retorno.

“Era guerreiro, altivo, honrando a família, a aldeia e nação”, refletia pesaroso enquanto se deixava levar pelo balanço dos passos do cavalo. O Conselho, em nenhum momento, levou em conta sua defesa. Sua palavra de nada adiantou. Jurara inocência, invocando os deuses tribais. Ninguém acreditou. Acabou condenado, desonrado, ficando com o anátema de não ter nome. Perdera a família, já não pertencia à tribo e fora aliado da nação, como alguém que nunca nascera. Fora anambê, mas já não o era, como mostrava o nome que não queria lembrar. De

guerreiro altivo e confiante, transformara-se em fugitivo amedrontado, com medo de encontrar conhecidos, alguém que lhe perguntasse o que tinha havido. Estava envergonhado e foi a vergonha que o levou a evitar o grande caminho, que teria tornado sua jornada mais rápida e fácil.

Ao escolher rota alternativa, aumentara a jornada. Estava em fuga, fugindo mais dele mesmo que das outras pessoas. Fugia do antigo nome, de sua posição, do amor que tinha deixado e julgava perdido e se consumia na raiva, sentindo-se injustiçado e traído pelos companheiros. Desiludido, pensou em se matar, o que seria ainda mais desonroso. Nele, ardia o desejo de vingança. Estava decepcionado com os companheiros, que não mostraram nenhuma solidariedade. O único consolo foi poder se despedir de Anika, um gesto magnânimo do pai. Ela não conseguiu se conter, abraçou-o forte e chorou no seu peito, molhando a velha camisa que não cobriria sua desdita. Com o pai fingindo que não os via, beijaram-se e ela lhe sussurrou:

- Vou te esperar. Prometo. Não importa o tempo. Quando voltar estarei à espera.

Deixou-o e saiu chorando. Parado e estático, não soube o que fazer. Depois, montou, deixou a cidadela e embrenhou-se no desconhecido, a caminho de futuro que não desejara e que não sabia como seria. À medida que se afastava, conseguia pensar de forma mais racional, mas continuava cético, perguntando-se se algum dia veria novamente a mulher amada. Na desdita, chegou a pensar em furtivamente voltar à cidadela e matar seus acusadores. Não o fez, com seus princípios vencendo. Seguiu adiante, mas jamais iria perdoar quem o julgara, acreditando nas mentiras de Vaara e Covar, responsáveis por sua desdita.

As duas tinham arquitetado tudo. Vaara, apesar da grande beleza, não conseguira conquistá-lo. Chegara a lhe propor fazerem sexo, mas a rechaçara. Rejeitada, prometeu vingar-se e aliou-se a Covar. Juntas, com falso testemunho e induzindo outros a mentirem, acusaram-no diante do Conselho Abá. Não acreditou que o Conselho aceitasse a denúncia e, muito menos, que o condenasse. Só havia uma explicação: Vaara devia ter feito um feitiço muito forte, conseguindo a intervenção de algum espírito para convencer os outros de sua culpa. Nem mesmo

Nanderu o salvou, pois não foi ouvido.

Cheio de comisseração, no desespero e na desesperança, ia adiante e já no segundo dia do exílio, a noite ia chegando. Precisava de local seguro onde acampar e esperar passar os perigos da escuridão. Todos sabiam que os espíritos andavam soltos à noite pela mata e não era incomum atacarem humanos. Temia a escuridão, mas não tinha opção. Precisava descansar, arranjar forças para seguir adiante e conquistar o caminho de volta, quando reencontraria Anika. Era o sonho que vivia, de ter família, filhos, netos. Pretendia recuperar a honra, provar que fora injustiçado.

Como anambê e abá, era bem instruído e informado, mas não conhecia o mundo. Na aldeia vivia protegido. E mais ainda quando aderiu à Liga e foi para a cidadela. Era o que sempre quisera. Como abá, aprendera técnicas de sobrevivência e as iria usar na viagem. Mas não podia evitar o medo da noite, o tempo dos espíritos que temiam a luz de Nanderu.

Achou o local adequado e armou o acampamento, muito diferente da aldeia, quando se recolhia à oca. Ou na cidadela onde tinha o seu próprio quarto. Os locais eram cercados por poderosos feitiços que os protegiam, impondo aos espíritos distância respeitosa. Na mata e sozinho, tinha de dizer seus próprios feitiços para se proteger, lembrando o aprendizado como assistente do kara e pedindo ao Caapora que o protegesse da escuridão. Não tinha medo de gente, mas o sobrenatural o assustava, mesmo que o povo de Maravilha fosse pacífico e hospitaleiro.

15

Estava iniciando nova vida e tinha de se acostumar a ela. Felizmente, tinha mais conhecimento do que um simples abá, o que poderia lhe ser útil quando chegasse a Caturama. Tinha de agradecer a aldeia e, principalmente, o kara, que muito lhe ensinara.

Armada a barraca, disse os feitiços de proteção e lembrou-se da infância e juventude. Fora um bom estudante. O kara gostava do seu interesse, ensinando-lhe feitiços e quando e onde usá-los. Aprendeu a fazer e aplicar remédios contra diversos males. Sabia reconhecer venenos e como extraí-los ou combatê-los, aplicando os antídotos. Curio-

so, vivia perguntando e experimentando. Começou a lutar o ucauca, aprendeu música e no momento em que se interessou em ser abá, começou a montar e a tratar de animais, tornando-se exímio com os cavalos. Com os guerreiros aprendeu e desenvolveu técnicas de combate. E os surpreendeu por recorrer aos livros, aprendendo o que não lhe haviam ensinado.

Poderia ser kara, substituindo o de sua tribo. Seria simples. Sabia os feitiços, conhecia os remédios, as simpatias, os venenos e seus antídotos. Ao aprender, seguiu os conselhos do avô e podia ouvi-lo dizer que conhecimento não ocupa espaço e que todo aprendizado um dia poderia lhe ser útil.

Na adolescência seus interesses mudaram. Encantou-se com histórias de guerreiros dos tempos antigos, quando o povo era menor e ocupava menos espaço em Maravilha. Eram lendas. A Liga Vivá com seus treinamentos, apresentações e regras estritas carregava muito da antiga simbologia, lembrando-lhe das lendas. E foi o que o levou a escolher ser um deles. Conseguiu, sendo o abá mais jovem da corporação. No meio de boas lembranças, terminou de montar a barraca. Era a constatação dos conselhos do avô. O que tinha aprendido estava lhe servindo.

Antes de se recolher, no entanto, precisava isolar o perímetro do acampamento com outros feitiços, que o iria deixar seguro, mas não afugentaria o temor. A mata tinha espíritos poderosos que podiam lhe enfeitiçar ou rogar praga – e talvez isso tivesse acontecido na cidadela. Antes de se aprontar para a noite, dedicou-se a última tarefa: escovar e alimentar o cavalo, deixando-o confortável. Nanike era dócil, obediente e não iria fugir, mas decidiu prendê-lo, não correndo risco. Ao se aproximar afagou a cabeça do animal, dando-lhe alguns torrões. De forma sistemática e meticulosa, o escovou arrumando os pelos, desembaraçando a crina e cuidando da cauda, para que ficassem vistosas. Sempre que mudava de posição, o cavalo lhe tocava com o focinho, como se o incentivasse a prosseguir.

Tarefa terminada, recolheu-se à barraca, abriu a manta e se deitou, procurando a posição mais confortável e relaxada. O aconchego do local, o cansaço do dia e o stress da mudança rapidamente lhe trouxeram

o sono. Dormiu e sonhou com Anika. No sonho, era feliz. A amada, com a cabeça sobre seu peito, brincava com a espessa e bem cuidada barba. De olhos fechados, sentia os dedos entre os pelos, acariciando seu rosto. Aproveitou o momento. Ao abrir os olhos as coisas tinham mudado e não era mais a ex-noiva que estava a seu lado. Viu uma sombra e ela, aos poucos, foi mudando, transformando-se em fantasma. Olhou-a fixamente e invocou os feitiços que aprendera. Nada aconteceu. Com o sorriso maléfico, o fantasma se aproximou, estendeu os braços, como se fosse abraçá-lo. Impotente, gritou.

Acordou molhado de suor, enrolado na manta e em posição fetal. As primeiras luzes da manhã começavam a surgir. Tinha vencido mais uma noite. Mas será que venceria suas batalhas?

O que sabia era que estava começando um novo dia de vida.





SEIS HISTÓRIAS

O CURANDEIRO JOVEM

A história foi contada primeiro por um cocamar, maravilhado com o que havia acontecido. Sua aldeia estava recebendo a primeira caravana de homens livres no ano, o que era uma festa, com compras e vendas de mercadorias e alimentos. A chegada deixou a aldeia movimentada. Homens, mulheres e crianças queriam ver os estrangeiros, saber o que estavam trazendo e se tinham alguma nova atração. No meio do povo e à parte dos comerciantes, havia um jovem alto, esbelto, de olhar calmo e tranquilo que observava o movimento em típica postura de atenção, como se estivesse à procura de alguém.

20

Foi ele quem primeiro viu o homem segurando a criança nos braços e correndo à procura do kara local, pedindo socorro. Encontrando-o, explicou que a filha havia sido mordida por cobra. Pela descrição era cobra coral, das mais venenosas de Maravilha. Seu veneno é paralisante e mata pela imobilidade. Quem é mordido, se não for imediatamente tratado, vai aos poucos ficando sufocado, impedido de respirar pela paralisção causada pelo veneno. Uma morte horrível, nem tão incomum, já que muitos curandeiros não tinham conhecimento ou recursos para administrar o antídoto necessário. O desespero do pai gerou comoção. À parte, o jovem observava.

O pai, apesar do desespero, colocou de modo suave a filha no chão, abrindo espaço para o atendimento do kara da aldeia, alguém bem jovem. A atenção estava na criança que começava a ter dificuldade para respirar. Talvez por isso talvez, ninguém viu o jovem alto abrir caminho e se aproximar da criança, ajoelhando-se lado dela e tirando do ombro a sacola, que abriu e de onde retirou dois frascos, protegendo-os. Começou de modo minucioso a examinar a menina, até encontrar o local da mordida da cobra. Abriu o primeiro frasco e dele retirou um pouco da pasta negra, aplicando-a e cobrindo a ferida. Fechou o frasco

e abriu o outro vidro. Segurou de forma gentil a cabeça da criança fez com que bebesse bom gole do líquido amarelado. Ao mesmo tempo que tudo parecia em câmara lenta, as coisas aconteceram de forma tão rápida que ninguém reagiu ao estranho e à invasão de área, restrita aos karas. Ao terminar, sem levantar a voz, o jovem se fez ouvir.

- Por favor, peguem a menina com cuidado, evitando que se mexa e a levem para a oca. Lá deve ficar imóvel e de preferência no escuro. Acredito que o unguento colocado na mordida e o xarope que tomou cortarão o efeito do veneno. Observem-na com cuidado, pois terá febre e suará bastante. É reação ao veneno e ao antídoto que apliquei. É preciso que fique em local fresco e que tome bastante água. Cuidado, vamos levá-la.

Sem pestanejar, ladeado pelo pai e dois outros jovens levaram a menina à oca mais próxima, comandados pelo jovem, que a tudo supervisionou. À sombra e no local mais arejado da casa, a criança foi confortavelmente deitada e ficou acompanhada pela mãe. Ao sair, o curandeiro chamou o pai e lhe instruiu como preparar o chá que, pelo menos por dois dias, sua filha deveria tomar. Tirando da mochila outro pequeno frasco, colocou nele parte do xarope que dera à criança e recomendou que, no dia seguinte, tomasse a segunda dose, garantindo a supressão das toxinas do veneno. E para surpresa do pai, pediu desculpas por ter interferido em algo que não lhe dizia respeito, mas que o fez pela inexperiência do jovem kara da aldeia e pensando em salvar a menina. Vendo que ficou indeciso e, aparentemente, sem saber o que fazer, agiu rapidamente.

- Muito obrigado. Minha filha ficará lhe devendo a vida. Como é que devo chamá-lo? Assim, posso contar o que fez.

- Meu nome não é importante. O que importa é a vida humana e não podia ficar só olhando. Felizmente, aprendi como agir e isso me permitiu ajudar. Como disse, não considero o nome importante, mas meus companheiros me conhecem como Apoena. É o nome que uso hoje. Amanhã, pode ser diferente. Então, se quiser pode contar o que fiz. Não é importante e nem me importo.

O jovem se foi e ninguém mais o viu. Tal como previu a criança

teve febre, sede e, aos poucos, se recuperou. Quando a caravana deixou a aldeia, a rotina voltou e o pai, curioso, acabou perguntando ao kara local se conhecia o curandeiro, o que Apoena significava e se tinha relação com curandeiro ou xamã.

O kara gostou de mostrar conhecimento.

- O nome não é comum. Os homens livres tem regras diferentes e qualquer nome lhes serve. Não é como nós, nas tribos e nações. Mas Apoena tem sim significado e indica a qualidade de quem vê mais longe, distante. E isso pode ser visto como “aquele que tem visão”.

Agradecido, o pai da criança contou e repetiu a história, tornando o jovem curandeiro conhecido na aldeia. Foi o primeiro, mas não o único. Aos poucos, histórias parecidas, sempre envolvendo o jovem curandeiro, foram se espalhando e destacando-o como capaz de curas que o kara não podia ou não sabia fazer. Nelas, nunca tinha o mesmo nome, mas a descrição o mostrava como jovem, cabelos longos, barba bem cuidada e andava com os homens livres, podendo ser um dos guardiões das caravanas. Concordavam que era alto, forte e atlético.

22 As mulheres o viam como belo, beleza ressaltada pelo olhos claros e calmos, além da aura de masculinidade, que as atraía. Os homens o invejavam pelo sucesso com as mulheres e pela bela barba.

Depois de bom tempo, as histórias sobre o jovem curandeiro existiam em todas as nações de Maravilha e eram muito parecidas. Sempre envolviam curas, conselhos, intervenções e ações rápidas do jovem, que mantinha as mesmas características, mas não mesmo o nome. E como quem conta um conto aumenta um ponto, o jovem curandeiro começou a virar lenda. As histórias se espalharam e começaram a lhe atribuir curas que não tinha feito. Como ocorre em relatos orais, a cada versão a história era enriquecida e as curas ficaram mais e mais milagrosas. E foram estes “quase milagres” que levaram à invocação do curandeiro, como se fosse divindade ou espírito. Para alguns, era o espírito bom, que se compadecia do sofrimento e ajudava os sofredores, fazendo-se passar por alguém de carne e osso. Mas para a maioria, era mago poderoso, mas muito humano.

No período de menos de dois anos as histórias, que tão rápido

havia se espalhados, começaram a rarear. Viajantes afirmavam tê-lo visto, atendendo a quem necessitava. Mas as aparições foram diminuindo e, o que as pessoas não sabiam, é que o jovem tinha mudado seu roteiro, que deixara de ser feito pelas aldeias do interior do planeta e passara para as viagens marítimas, indo de porto a porto. Foi encontrado muitas vezes, mas não havia história de novas curas, pois já não as fazia ou não teve oportunidade de mostrar sua magia. Não deixou de praticar o bem, mas não tinha se deparado com necessidade de ação. Os casos que presenciou eram comuns, banais mesmo. Discreto, limitava-se a sorrir sempre que ouvia histórias que lhe envolvia. Entre os tripulantes do navio, nunca foi o jovem curandeiro.

Ao chegar novamente em Caturama, o seu ciclo do ir e vir havia terminado. Os colegas da tripulação foram comemorar os resultados das viagens e juntou-se a eles. O comandante, também jovem, mas marinheiro experimentado, propôs o primeiro brinde, desejando boas férias à tripulação. Estavam livres por pelo menos dois meses e podiam fazer o que bem quisessem. Na taberna preferida, entre canecas de cerveja e boa comida, beberam, contaram histórias, lembraram as viagens e cada um foi se retirando. Por fim, ficaram somente o jovem e seu comandante. Quando se levantou, o comandante estendeu-lhe a mão.

23

- Apoená, fique por perto. Posso precisar de você. Ah, e outra coisa: que tal animar um pouco a plateia da Capa Azul com um dos seus shows de mágica?

- Desculpe, Anaba. O que fiz durante a viagem foi apenas brincadeira. Não sou mágico.

- Você, meu amigo, é muito modesto. É ótimo mágico e poderia viver disso. E é também curandeiro. Sim, ouvi as histórias de alguém que passou ao longo de toda Cara. Coincidentemente, o jovem é idêntico a você. Então, pergunto: o que quer ser de verdade? Marinheiro, curandeiro, mágico ou feiticeiro? Você não pode ser tudo ao mesmo tempo.

O jovem nada disse. Apenas apertou a mão que o comandante lhe estendeu, sorriu, virou-lhe as costas e foi embora. Sim, tinha sido

curandeiro, mas não o era mais. Era apenas Apoená. E quando o navio voltasse ao mar, não estaria nele. Tinha novo caminho a percorrer.

O GRANDE MÁGICO

Tal como as caravanas, as trupes eram coisas normais em Cara. E eram bem recebidas nas aldeias, pois proporcionavam divertimento. Trocavam a diversão por alimentos, que a maioria das aldeias tinha de sobra e não se importava em dividir. As trupes maiores costumavam ter um curandeiro. Ele ajudava os aldeões e “vendia” os “remédios” que aplicava ou que trazia, trocando-os por mercadorias e objetos que pudessem lhe trazer lucro. Sem que nada fosse combinado, havia uma divisão. As trupes maiores, com maior número de integrantes e mais organizadas, visitavam as cidades mais populosas. As menores, faziam seu circuito por aldeias menores. No final, todas atendiam a seu público.

25

Sem ser a maior e mais famosa, a trupe Canara era das mais respeitadas e das que tinham melhor recepção pelos aldeões. As regras de conduta de seus integrantes eram estritas e por isso ganhara a confiança das aldeias. Cada integrante era avisado que o descumprimento das condições e regras de comportamento significava a exclusão da trupe, mesmo que isso representasse uma perda. Apesar das exigências, era muito procurada, pois oferecia aos integrantes o melhor nível de vida entre as companhias nômades. Um dos procedimentos que adotava era de mandar à frente um de seus participantes para pedir ao chefe da aldeia permissão para nela se instalar e fazer suas apresentações.

A Canara tinha acabado de receber autorização para se instalar na aldeia da tribo Tecoara, aproveitando a festa da colheita e sua mais nova atração era um mágico. Alton, o líder da trupe, o havia visto se apresentar, gostou de seus truques e o convidou para integrar-se à companhia. Em busca de novas aventuras, o mágico concordou, mas apenas se o permitissem usar o seu próprio cavalo, garanhão que se destacava entre os marranos que puxavam as carroças da compa-

nhia. Alton concordou, mas não sem antes lhe apresentar as regras que seguiam. Queria o novo integrante, pois sua mágica era boa. Era também diferente, jovem, bem educado e se destacava por ser mais alto que todos os outros. Chamava a atenção pelo cabelo tipo moicano, que contrastava com o cavanhaque que chegava à altura do peito. Vistoso, despertava suspiros nas mulheres da trupe, mas delas mantinha-se afastado, mesmo com todas as indicações que era hetero.

A trupe chegou, se instalou e os artistas começaram a preparar a apresentação do dia seguinte. A carroça de Alton, a maior do grupo e que servia como palco principal, foi colocada de forma estratégica para que o maior número de pessoas vissem as apresentações. Os aldeões se divertiram com o palhaço, riram das pantominas e das apresentações, incentivaram a luta de capa e espada e mostraram menos interesse no mágico. Era o primeiro teste real de Ereima, como disse chamar-se. Elevando a voz, Alton fez a apresentação, garantindo que viriam maravilhas, coisas inexplicáveis, como se espíritos estivessem presentes. Arrancou ooooooh! da plateia.

26

Vestido como cavaleiro, Ereima entrou. Parou, encarou a pequena multidão, olhou para um e outro lado e, de repente, sumiu do palco, arrancando novo ooooooh! Os assistentes começaram a procurá-lo e o acharam fora da carroça, ao lado de aldeões. Dali, sumiu de novo, reaparecendo no palco. Tinha conquistado a atenção da plateia que não mais tirava os olhos dele. A cada número, era aplaudido de forma entusiasmada. Quando terminou, os aldeões pediram bis e os atendeu fazendo algo ainda mais surpreendente. Andou pelo teto do palco, virado de cabeça para baixo, como se estivesse caminhando no grande caminho. Até Alton ficou impressionado.

A história do grande mágico se espalhou como rastilho de pólvora. Quando a trupe chegou à nova aldeia, a grande expectativa era para sua apresentação e não decepcionou, fazendo novos e diferentes truques, além de encantamentos. A assistência aplaudiu muito, mas também sentiu medo quando se transformou em urso e dos grandes, animal temido e que há muito tempo não era visto na região. Um dos truques que mais prendeu a atenção e foi também o mais aplaudido, foi ter encolhido, saindo de quase dois metros para pouco mais do que

a altura de anão. Foi o último número e veio o pedido de bis, que não atendeu. Preocupado, Alton entrou no palco e explicou que as mágicas exigiam muito esforço e que o mágico tinha de descansar antes de voltar a atuar. O show continuou, mas a plateia queria mesmo eram novos números do mágico.

O circuito da caravana pelas aldeias levava quase um ano. Nele, a cada aldeia a maior atração e maior expectativa era para os números de mágica. A fama o precedia e dele falavam maravilhas, o que despertava o interesse. Por maior que fosse a expectativa, ninguém ficava decepcionado. A cada apresentação, ele se superava, apresentando novidades. Com a fama, Alton mudou a forma de apresentá-lo, chamando-o de “o grande mágico”. Tinha razão. Tê-lo no grupo era garantia de sucesso, mesmo que os outros artistas fizessem apresentações ruins, o que não acontecia. A excelência do jovem que surpreendeu artistas experientes, fez com que se esforçassem mais e o espetáculo melhorou. O palhaço parecia mais engraçado. As peças românticas, melhores. As lutas de capa e espada, mais emocionantes. E o mágico foi ganhando experiência, ficou mais solto, mais integrado. O que não mudou foi sua disposição de ir para a cama com integrantes da trupe. As mulheres o provocaram, mas nunca cedeu. Na jornada, tornara-se verdadeiro artista, ilusionista de primeira, capaz de surpreender a mais cética das audiências.

De parte dele, havia ganho adicional, pois conheceu um pouco mais do mundo. Aprendeu a avaliar melhor as pessoas, olhando-as nos olhos e sentindo suas expectativas. E como conduzir a audiência, tirando o máximo dela. Viu coisas novas, inusitadas, adotando novo tipo de vida, nômade como seus antepassados, e vivenciando novas experiências, o que lhe deu forneceu mais e novos conhecimentos. Considerava, quase ao final da turnê, que se transformara em pessoa melhor. Admitia que não imaginava vida tão rica. Olhando à frente – e deixando o passado de lado – voltou com a trupe à Caturama no final da temporada. Alton tinha ficado muito satisfeito com o que conquistaram e fazia novos planos, querendo mudar parte do repertório, acrescentando novas peças, sketches, mudando a apresentação do palhaço, as histórias de amor e, sobretudo, que o mágico tivesse novos números, embora suas apresentações fossem sempre diferentes.

Na Carana havia a tradição de se reunirem no final da temporada. Era hora de balanço. Alton sempre falava abertamente e de forma franca, fazendo observações elogiosas, mas não poupando críticas, quando necessárias. E ouvia, respeitando opiniões e acatando sugestões. O último ato antes das férias era o inventário do que tinham ganho e de como disporia dos lucros, distribuindo-o com os artistas e investindo na própria trupe. O dinheiro nunca tinha sido o principal na atividade, mas era necessário, tanto em nível coletivo, quanto individual. E era por isso que pelo menos metade de todo o lucro era distribuído com os artistas. Alton sabia que tinham necessidades, precisavam se alimentar e às famílias, com quem ficariam por cerca de três meses, antes de retornarem à estrada. Mais novo da trupe, o jovem mágico ouviu em silêncio os outros disseram. Na sua vez, nada tinha a acrescentar e se calou. Alton, não.

- Ereima, você se transformará em lenda como mágico. Muitos anos à frente vão falar do grande mágico da Carana. Hoje, com apenas poucos meses de apresentações, já falam dos seus truques. Eu mesmo não consegui descobrir como os faz e admito que enganei-me a seu respeito. Achei que nos serviria, mas não que tinha o nível apresentado. No próximo ano será melhor. Garanto.

O que veio, deixou a trupe surpresa.

- Desculpe, Alton. Desculpe pessoal. Posso até ser bom mágico como disse, mas não pretendo fazer isso por um segundo ano. Lamento se isso desapontá-los, mas quero fazer coisas diferentes e apenas as estou começando. Nunca pretendi me tornar famoso e, tampouco, mágico profissional. O que fiz foi apenas passatempo, jeito de viajar, conhecer lugares e pessoas. Este ciclo está completo. No próximo ano farei algo diferente, embora não saiba ainda o que.

Ereima havia conquistado a admiração da trupe e não só Alton. Juntos, tentaram convencê-lo a permanecer na Carana. Agradeceu, mas se manteve firme. E com Anina, a primeira a lhe acolher e a lhe oferecer sua cama, se permitiu ser um pouco sentimental. Abraçou-a, acariciando-lhe os cabelos e lhe confortando.

- Obrigado pessoal e Alton, por me receberem. E obrigado pelo que

me ensinaram e me permitiram aprender. Quem sabe não nos encontremos de novo.

E sem esperar por respostas ou despedidas, saiu. Os integrantes do grupo observaram se afastando no passo lento do grande garanhão. Alton reconheceu:

- Perdemos um grande mágico.

O GUERREIRO LISO

O bajara, o guerreiro, era impressionante. Com quase dois metros de altura, compleição atlética, corpo liso e musculoso, braços, pernas e abdômen bem definidos, não tinha nenhum pelo no corpo. Era figura que podia meter medo, mas sua verdadeira índole era de pessoa gentil, capaz de gestos inesperados. Nem sempre foi assim, mas tinha adotado a nova persona e isso o ajudava nas suas tarefas, a de guardião da grande caravana. Jovem, comandava a equipe de 10 pessoas e tinha deles obediência quase cega, não pelo temor, mas pelo conhecimento do que fazia, antecipando e evitando problemas, o que deixava a vida de seus companheiros mais fácil.

30

Nos três meses à frente do trabalho, a caravana não tinha tido nenhum roubo, nada faltara e não houve perdas. E isso, trafegando pelo grande caminho ou por caminhos secundários, era um feito. Diferente dos outros guardiões, Obajara era solitário, optando por ficar na própria tenda ou cuidar do cavalo enquanto os outros se divertiam. Muitas vezes fazia a própria comida. Havia nele facetas que poucos conheciam, como o de curandeiro, socorrendo os pequenos problemas dos integrantes da caravana. Era exemplo de seriedade e, por isso, cada vez mais respeitado.

A única coisa que o mudava eram disputas de ucauca, a tradicional luta das nações e tribos, daqueles que se diziam “o povo de Maravilha”. Não era integrante dele, mas homem livre e, portanto, não deveria se interessar pela luta, nem mesmo praticá-la, mas fazia as duas coisas. Sempre que havia torneios, Obajara se inscrevia, vencendo lutas e conquistando troféus, depois de bater lutadores da região. Quem o via lutar, elogiava sua técnica, a que aliava a força, destreza e agilidade. Era alguém difícil de ser derrotado. No início, desconhecido, foi subestimado. Com as vitórias, passou a ser mais notado e ficou conhecido

quando ganhou do campeão dos Guajá, invicto até então. E foi vitória fácil, surpreendendo os companheiros e muito mais os lutadores guajás. O perdedor havia chegado à final do Torneio das Nações, tendo perdido o título por pontos. Obajara o colocara no chão no primeiro contato. Depois, humilde e à vista de todos, lhe pediu desculpas pela forma do derrota.

A quem perguntava como tinha aprendido a lutar, contava uma história. Tinha vindo de povos nômades que ainda conservavam as velhas técnicas do ucauca. Aprendera com o pai, campeã de vários torneios e se transformara em instrutor de jovens lutadores. Ao deixar seu povo, não tinha a intenção de lutar, mas como surgiram oportunidades, quis se testar, vendo até onde podia ir e descobriu que podia vencer seus oponentes, alguns com pouca força e outros com técnica fraca. Seu pai lhe ensinara que a boa luta combina técnica e força. A primeira sempre prevalece. A força bruta, por si só, leva mais à derrota que à vitória. Alto e forte, acabava tendo alguma vantagem com adversários quase sempre menores e a explorava. Seu maior alcance neutralizava a ação do oponente, como foi o caso da vitória sobre o campeão Guajá. A vitória acabou lhe rendendo nova tarefa, pois ao vencer as lutas conseguia vantagens para a caravana, melhorando os negócios. Seu patrão lucrava mais e viu seu soldo ficar maior. Mas não era ele que lhe levava às arenas. Lutava por diversão e prazer.

De vitória em vitória, sua fama foi se espalhando. Aos poucos – e contando com a ajuda dos integrantes da caravana, que espalhavam suas histórias – acabou sendo chamado de “guerreiro forte”, o que lhe era apropriado. O nome mudou quando, em uma das paradas, ganhou do campeão local, que lhe chamou de “guerreiro liso”, por não conseguir segurá-lo, mesmo que tentasse de todas as formas. O novo apelido pegou, espalhando-se pela rota da caravana. Precedido pela fama, em cada parada havia sempre um desafiante à espera de vencer o “guerreiro liso”. Encontrou bons lutadores, alguns que teve dificuldades de vencer, mas a maioria tinha pouca técnica e era inexperiente, derrotados com facilidade. Em seis meses, tinha feito cerca de 100 lutas e ganhara todas. Talvez no final da jornada chegasse ao dobro, incluindo lutas do grande Quarup, em Cocama, reunindo os principais lutadores das nações de Maravilha.

O Quarup é a maior celebração do povo de Maravilha. Com duração de uma semana, reúne representantes de todas as tribos, que querem ver seus campeões vencerem o torneio de ucauca. A competição era dividida em duas: principiantes e lutadores experimentados. No caso das nações, os campeões eram escolhidos em torneios regionais, com os vendedores participando do Quarup. Mas não ser um deles não era impeditivo, pois a disputa era democrática e qualquer um com o mínimo de capacidade podia se inscrever no torneio. Muitos o faziam apenas por diversão, não passando dos primeiros estágios da competição, mesmo no caso de principiantes. Quando se tratava de lutas entre os mais experientes, a disputa ficava mais difícil a cada etapa.

A competição ia em um crescendo, até chegar às semifinais, quando quatro lutadores se enfrentavam e os vencedores de cada dupla disputariam a final e o título de melhor guerreiro de Maravilha. Era um dos pontos altos das comemorações do Quarup e celebravam o grande guerreiro, que encarnava as virtudes das nações e que reinaria por um ano, até a nova comemoração. Nela, podia colocar o seu título em jogo, correndo o risco de perder, ou optar por não participar da disputa, o mais corriqueiro.

Inicialmente, Obajara não pretendia participar do torneio e o anúncio de sua participação acabou criando um clima inusitado. Os líderes das nações – e coordenadores do torneio – não tinham como rejeitar sua inscrição, mas também não conheciam precedente de alguém de fora das tribos dele participar. Pelo que sabiam, só nelas é que se praticava o ucauca, ensinado desde a mais tenra idade, sempre em busca de novo campeão. O nome de Obajara não era conhecido, mas muitos já tinham ouvido falar no “guerreiro liso”, achando que tudo não passava de história. Os especialistas já tinham feito o diagnóstico: participaria por diversão, mas seria derrotado logo nas primeiras lutas, abrindo caminho para os verdadeiros campeões.

Não foi o que aconteceu. Verdade que o primeiro adversário era fraco, mas Obajara continuou vencendo e chegou às oitavas de finais. Era, na opinião dos conhecedores, o lugar mais alto em que chegaria. De novo, o “guerreiro liso” os desmentiu. Ganhou e chegou à semifinal, em que seu oponente era o campeão de Embiá, considerado o favorito

para conquistar o título. A previsão era que disputaria com o campeão Anambê, outro dos favoritos. A luta do anambê foi dura e a vitória só saiu por descuido de seu oponente. O anambê, como previsto, era um dos finalistas. Era só esperar a confirmação do embiara, muito aplaudido em sua entrada e que demonstrava muita segurança. Obajara, do outro lado, o observava tranquilamente.

A iniciativa foi do campeão. Ao fazer o primeiro contato e buscar apoio no seu ombro, Obajara pegou sua mão e a torceu, puxando-o e fazendo-o desabar, sem que sequer fosse tocado. O embiara, enraivecido, levantou-se e atacou. Obajara esperou o contato e conteve a pressão, sentindo a força do adversário. Os dois começaram a rodar e o guerreiro liso aliviou a pressão, deixando o campeão se aproximar, com seus ombros se encaixando. Os dois ficaram imóveis por algum tempo. O embiara, como na primeira vez, estendeu a mão, procurando apoio no adversário, confiando que teria força para derrubá-lo. Obajara moveu-se para o lado, esticou os braços, segurou o jovem pelos ombros e, em movimento muito rápido, o virou, atirando-o de costas no chão. Em dois movimentos havia vencido a luta. Ganhou uma ovação. Humilde, estendeu a mão ao adversário, ajudou-o a se levantar e curvou-se ligeiramente cumprimentando.

33

A final seria no dia seguinte e assim que as disputas terminaram, o guerreiro anambê reuniu seus conselheiros e treinadores analisando a sua e a luta do adversário. O que o conselheiro mais experiente lhe disse é que nunca tinha visto alguém derrotar o adversário com tanta facilidade e usando técnica que não conhecia. Afirmou ao pupilo que, com certeza, não teria luta fácil e que deveria tomar cuidado para não perder. O jovem foi descansar. Os instrutores, que tinham sido lutadores conhecidos, ficaram discutindo táticas que podiam usar contra o homem livre. Lamentaram não terem prestado atenção em suas lutas anteriores, quando seguidamente foi derrotando seus adversários. Certamente, seus treinadores teriam feito isso em relação ao seu campeão, o que daria vantagem ao “guerreiro liso”. Alguém observou que perder no ucauca não era desonroso se a luta fosse limpa e pelo que vira, o guerreiro ganhara limpamente a disputa com o embiara, reconhecida-mente um dos melhores de Maravilha.

- O que podemos fazer para ajudar nosso campeão?

Não era uma pergunta retórica. Estavam preocupados. A questão foi debatida e a decisão foi de consultarem o kara anambê. Talvez soubesse de algo e certamente podia pedir aos deuses que ajudassem o campeão. Amer no Taliba, que acabara de ser escolhido como o kara da nação, deixando o posto na Liga Vivá, os recebeu e ouviu com atenção. Nunca fora um lutador e não conhecia as técnicas e, por isso, não podia ajudar na luta, em si, mas podia, sim, pedir a atenção dos deuses, o que não significava garantia de vitória. O kara não vira a luta, mas ficara curioso com a descrição do guerreiro, que lhe lembrou alguém que havia conhecido. Da curiosidade a procurar o jovem lutador, foi um espaço pequeno. Dirigiu-se ao acampamento dos homens livres, identificou-se e pediu para falar com Obajara, sendo levado a uma modesta tenda. Dela, saiu o guerreiro e o kara o ficou observando, em silêncio por algum tempo.

- Sou Amer no Taliba, o kara dos anambês. Nós já nos vimos, tenho certeza. Podemos conversar?

34

- Nunca nos vimos, kara. Integro os homens livres e nós não temos karas. Quando precisamos, recorremos a um feiticeiro. E tenho certeza de que nunca nos vimos. Mas, sim, podemos conversar.

- Talvez tenha razão, mas você me lembra um jovem que não pude ajudar e que, por isso, acabou sendo exilado do nosso povo. Tinha e tenho certeza que não fez nada do que o acusaram, mas infelizmente acabei tendo de lhe retirar o tacape, desonrando-o perante seus pares e para o seu povo.

- Enganou-se, kara. Como lhe disse, sou um homem livre. E esta é a primeira vez que o encontro e ao povo anambê. Venho viajando com a caravana há algum tempo, servindo-lhes como guardião. É verdade que conheci outros integrantes de tribos e de nações, mas posso lhe garantir que não nos vimos e, sequer, que nos olhamos.

O diálogo não durou muito mais, pois o guerreiro afirmou que não tinha outras informações para o kara, mesmo assim agradecendo por o ter procurado. O jovem auxiliar que estava próximo e ouvira a última parte do diálogo acabou lhe perguntando por que tinha afirmado,

primeiro, que não tinha visto o visitante e, depois, que nunca sequer o tinha olhado. Não era os dois a mesma coisa?

- Não, Amiro. Os integrantes das nações e das tribos fazem uma diferença entre ver e olhar. Eles vêm alguém somente quando estão pertos ou bem próximos, o que indica que são conhecidos e, muitas vezes, amigos. E dizem que estão olhando quando observam alguém. Por exemplo, no Quarup quem acompanha as lutas está olhando os lutadores, mas os treinadores e conselheiros que se aproximam e lhes dão instruções os estão vendo. Esta é a diferença. E agora, vou dormir, pois amanhã tenho uma luta.

O kara, que ainda estava próximo, ouviu a pergunta, mas não a resposta, já que se afastava do acampamento. A afirmação firme do jovem não lhe tirou a impressão de que o conhecia, mas podia estar enganado. No dia seguinte, iria olhá-lo enquanto lutava. Como anambê, torcia pelo seu campeão, mas algo lhe dizia que o vitorioso seria o jovem que todos chamavam de “guerreiro liso”. Ainda bem que não era o encarregado de “coroar” o vencedor. Perder uma luta não era desonra, mas os anambês ficariam decepcionados, pois há alguns anos que não tinham um grande campeão e o atual representante era um dos melhores lutadores que tinha visto entre seu povo.

35

- Obajara, você vai ganhar ou perder?

- Sinceramente, não sei. Se tiver a oportunidade, pretendo ganhar, mas não conheço o campeão anambê e posso ser surpreendido. Penso que será uma disputa mais equilibrada do que a semifinal, com o meu adversário superconfiante e me subestimando. No caso do campeão, estará prevenido, o que tornará a luta mais dura.

A pergunta feita pelo chefe da caravana o surpreendeu. Não tinha se interessado antes pelas lutas e não era do tipo que apostava em disputas. Preferia fazer uma boa negociação, que o satisfizesse mas que também deixasse o seu parceiro satisfeito e, desde o início, via as lutas do seu chefe de segurança como diversão adicional para as aldeias e Obajara sabia disso. Mas o que aconteceria se ganhasse? A primeira conclusão é que se tornaria conhecido, transformando-se em atração onde quer que chegasse. E isso talvez atrapalhasse o seu trabalho.

Tinha intenção de perder? Não. Queria ganhar e usaria todas suas habilidades para conseguir a vitória. Depois, pensaria no que fazer, embora tivesse um compromisso com a caravana, que antes de retornar a Caturama tinha mais uma parada a fazer. Na volta, se assim o desejasse, seria novamente um homem livre. Mas, antes, vinha a luta.

Ele veio. A área reservada ao Quarup estava tomada, com apenas o pequeno espaço do ucauca preservado. A disputa final era acompanhada pelos chefes das nações e tribos e quem a abria era o grande kara, presidente do Conselho das Nações. Havia, antes, todo um ritual, com súplica aos deuses e alguns feitiços que protegeriam os lutadores. Seguindo o ritual, um grupo formado por integrantes das nações entrou carregando o grande tronco, que representa a virada da morte para a vida. O tronco foi fincado no chão, enfeitado e reverenciado. Só depois de a cerimônia é que o grande kara chamou os finalistas, anunciando quem representavam e as lutas que ganharam. Com os oponentes a seu lado, o kara fala seus nomes, eleva a voz e pede aos deuses que vença o melhor.

36

Os lutadores se afastam e se colocam em cantos opostos da arena, aguardando o sinal da luta. Em uníssono, a plateia bate palmas. É o sinal. Os lutadores fazem reverências no sentido dos pontos cardeais e seguem para o centro da arena. O kara levanta o tacape cerimonial e o baixa, autorizando o início da disputa, mas, antes, há o último ritual. O lutador recua três passos, sempre encarando o outro, e faz uma reverência. O público fica na expectativa.

Observando cuidadosamente Obajara o campeão anambê se aproxima com cuidado, vigiando os movimentos do adversário e aguardando que tome a iniciativa. Mas ele fica parado, ao seu alcance e meio curvado, preparando-se para o contato.

O anambê o circula, observando-o.

Obajara espera.

Ele não pode ser atacado por trás, desonroso para o campeão. O tempo parece ter se congelado e ficado mais grosso. A respiração se acelera, com o pulmão exigindo mais ar e a excitação aumentando. De forma rápida o campeão dá o primeiro passo, toca o adversário, busca

o contato e recua.

O “guerreiro liso” fica parado, quase imóvel, como se fosse uma onça espreitando sua presa e esperando o momento certo de atacar. O público está nervoso, mas o guerreiro, não. Nunca esteve tão calmo em toda sua vida, mas seus sentidos estão totalmente alertas. O segundo contato é feito, com o campeão segurando um dos seus ombros.

Obajara continua imóvel, como se não o tivesse sentido.

O campeão, confiante, tenta forçá-lo para baixo e para trás, mas era como se estivesse empurrando uma montanha, que não se mexe. Sente os músculos relaxados do guerreiro e se surpreende. Em um único segundo de desatenção, vê seu braço segurado por uma mão de ferro que se fecha e o puxa, desequilibrando-o. Quando avança, tropeça em algo – um dos pés do guerreiro – e o desequilíbrio aumenta e ele se vê girando, caindo, sentindo quando suas costas toca o chão e seu braço é solto.

Entre o momento da pegada e o toque no chão era como se tivesse passado uma eternidade. Caído, o anambê vê o guerreiro, impassível, imóvel e ainda relaxado. Ele perdeu, mas não sabe como. O guerreiro espera, depois dá um passo à frente, aproxima-se do campeão caído e lhe estende a mão, que segura no reflexo. Quando sente, está novamente de pé.

37

O guerreiro o deixa, afasta-se e novamente, seguindo os pontos cardeais, faz reverência para a plateia. Volta, então, ao centro da arena e aguarda. Tinha feito história. Era o campeão das nações, embora não pertencesse a nenhuma. Seria lembrado e transformado em lenda. Tinha vivido seu momento de glória, mostrado o seu valor. Estava quase totalmente realizado. Iria viver a glória do momento.

No dia seguinte o campeão voltou à sua atividade de guardião, acompanhando a caravana que se colocou em movimento. Obajara esqueceu a luta e dedicou-se integralmente às suas tarefas. Iam em direção a nova parada e, sem dúvida, seria uma das atrações. Afinal, ter um homem livre campeão era muito inusitado. No percurso, ficou meditando no que faria no final da jornada, quando a caravana retornasse à sua base em Caturama.

Não mais seria guardião. Também não seria mais guerreiro, nem forte, nem liso. Sabia exatamente seu novo caminho, mas não o revelaria à caravana e seus integrantes.

Até lá, cumpriria seu dever.

O BARDO APAIXONADO

Bardos ou menestréis, como são chamados em algumas tribos, não são bem vistos pelo povo de Maravilha, que os consideram desocupados. O melhor indicativo de não serem aprovados é o fato de as trupes não terem um cantor. Têm farsantes, mas não um bardo verdadeiro, alguém capaz de compor canções e transmitir, mediante verso, histórias e lendas, cantando-as acompanhado, geralmente, de um violão ou viola. Jurecê sabia, mas não se importava. Havia sempre alguém disposto a ouvi-lo, a lhe dar um prato de comida e permitir que acampasse próximo das aldeias. Talvez por não ser o típico cantor, na maioria das vezes conseguia permissão para cantar e divertir aldeões com as histórias do jovem feiticeiro, do grande mágico e do guerreiro liso. Contava as aventuras como as tinha ouvido, mas sempre acrescentava passagens bem humoradas, arrancando gargalhadas da plateia.

39

Os que comumente percorriam o grande caminho de Cara ouviam falar do bardo, que ganhara o apelido de “bardo apaixonado” e assim passou a se apresentar. A história é que tinha sido abandonado pela amada e prometeu que nunca mais iria se apaixonar. Como vingança pelo abandono e por ter sido trocado por outro, prometeu que percorreria Maravilha falando bem da donzela que esposara outro. Contaria, também, outras histórias. Jurou que nunca se casaria, a menos que sua amada desistisse do marido e o aceitasse de volta. Se assim o fizesse, deixaria de ser bardo e iria usar sua força e inteligência para lhe dar a melhor vida.

A plateia sabia – ou imaginava - que a história não era verdadeira, mas se divertia. E foi por contá-la e cantá-la vezes e vezes que ficou conhecido como o bardo apaixonado. Além das histórias que cantava e contava, destacava-se, também, pelo próprio porte e pela roupa usada. Alto, meio louro, com vasta cabeleira, pequeno cavanhaque e sempre

bem vestido, era diferente. Parecia divertir-se com as apresentações ao mesmo tempo em que divertia a plateia. Passava a imagem de alguém feliz e que não tinha problemas.

Mas nem sempre fora assim. De início, era olhado com desconfiança, como todos os bardos. Aos poucos e devido à sua correção, foi quebrando a resistência das aldeias e começou a ser bem vindo a elas, principalmente nos períodos de festejos. Tinha sempre uma canção ou história novas. Usava a sátira como forma de entretenimento, arrancando risadas dos espectadores. Sempre atendia pedidos, mas nunca cantava na mesma apresentação as sagas do jovem mágico, do guerreiro liso e do feiticeiro sombrio. Quando alguém lhe pedia que as cantasse, contava uma história:

- Desculpe, mas não posso. Dá muito azar. Na única vez que cantei as duas, quase morri. Como não quero morrer, não as canto junto por mais que me peçam. Podem pedir qualquer outra que repito. Essas, não.

40

A plateia ria da explicação e Jurecê emendava com outra música, mais satírica, destinada a provocar os ouvintes e fazia sucesso. Dele, aliás, é que vinha sua sobrevivência. Graças à música e às sátiras era acolhido e alimentado. Podia armar a barraca em lugar seguro e deixar o belo cavalo a salvo. Não que se sentisse indefeso, pois não era. Mas não queria confusão, preferindo parecer pacato e inofensivo. Se fosse agressivo, perderia o charme. Ao parecer indefeso, agradava as mulheres e não assustava os homens.

Uma das bases do sucesso de Jurecê é que nunca fazia apresentações iguais. Quando voltava às aldeias, tinha músicas diferentes e também se vestia de forma diferente. Desde quando começou a vida nômade, adotou o princípio de nunca se deitar com as mulheres locais. Não era indiferente a elas e gastava o seu charme, atraindo-as. Apreciava a companhia feminina e o sexo, mas qualquer avanço poderia significar problemas e os evitava, o que o ajudou a criar a imagem de bardo comportado, mesmo que fosse provocador e divertido.

Seu comportamento e atuação ajudaram a mudar um pouco a fama dos menestréis e cantores. Ele próprio foi ficando mais conhecido e

começou a ser chamado para as festividades nas aldeias ao longo do grande caminho, em uma espécie de agenda de apresentações. Suas canções, mesmo a que contava sagas de outros personagens, começaram a ser repetidas e lembradas, o que o transformou, talvez, no primeiro grande sucesso de Maravilha como cantor.

Algumas vezes estava em aldeias que contavam, também, com espetáculos de trupes que, a exemplo dele, percorriam o grande caminho. Em uma de suas apresentações, integrantes da Carana, uma das trupes mais conhecidas e apreciadas, estavam na plateia. O líder da trupe, Alton, era um dos ouvintes e considerou excelente a apresentação. Conversando com aldeões soube que era a segunda apresentação do bardo, que estava ali a convite e se surpreendeu com a boa aceitação do artista pela comunidade. Sempre interessado em novidades, pensou que poderia integrá-lo à Carana. Foi procurar o cantor.

- Olá, eu sou Alton, da trupe Carana. Podemos conversar?

- Olá, Alton. Sou Jurecê, o bardo apaixonado, como me chamam. Podemos sim. Quem sabe você não me conta uma história que possa virar canção.

41

- Desculpe, Jurecê, se sou indiscreto, mas nós já nos vimos?

- Não creio. É a primeira vez que o encontro e à sua trupe. Já tinha ouvido falar em vocês, mas nunca nos encontramos. Estou curioso e quero ver o espetáculo. Sempre posso aprender alguma coisa.

- Quando chegamos você estava cantando a história do grande mago. Coincidência ou não, tivemos um ótimo mágico que ficou conosco um ano e que é, para todos os efeitos, o grande mágico de sua canção. Você se parece com ele, pelo menos na altura e no perfil, mas me lembro que tinha barba espessa e seu cabelo não era loiro. Pura coincidência.

A conversa fluiu, com Alto falando de sua companhia, do que fazia. Convidou Jurecê para a apresentação.

- Gostei de sua apresentação, da forma como conquista a plateia e penso que seria ótimo se o tivéssemos conosco. Veja o que fazemos e se gostar, voltamos a conversar. Combinados?

Alton lhe disse que o grupo era muito conhecido e, juntando-se a ele, iria se tornar mais popular, com a vantagem de não mais ter de se preocupar com a acolhida. Seria nova atração da trupe, que inovaria tendo um bardo, novidade em Maravilha, pois os grupos não tinham cantores. Jurecê ouviu, mas não disse sim, nem não. Garantiu que iria ao show e pesaria a proposta.

O bardo gostou do que viu e se divertiu com a peça em que o cantor era abandonado pela amada, improvisada a partir da pretensa história de Jurecê. Para sua surpresa, Alton o convidou para cantar e o provocou dizendo que apresentaria a verdadeira história de como tinha sido abandonado pela amada. Achando divertido, aceitou o desafio e improvisou a canção, falando de amor ridicularizado, mas que não mudava o seu sentimento e que continuaria cantando e contando o seu abandono, só parando se fosse aceito de volta. Foi o coroamento perfeito da apresentação.

No dia seguinte Jurecê procurou Alton. Propôs se juntar a trupe, mas mantendo sua independência. Sozinho, chegaria primeiro, como sempre fizera, e se apresentaria. Guardaria o melhor para a apresentação da trupe, que devia, de novo, encenar a história do bardo abandonado e chamando-o para cantar. Cantaria sua própria história e aceitaria pedidos para outras músicas, mas continuaria a recusar, como sempre fizera, a cantar as sagas do guerreiro, feiticeiro e mágico, só cantando uma delas. Em cada apresentação teria versão diferente para as canções.

Alton aceitou e não se arrependeu. Com a sucessão de apresentações, a trupe acabou conhecida como a caravana do bardo apaixonado e, com os relatos sobre seu desempenho, o sucesso foi crescente. O ponto mais alto foi o convite para se apresentar durante a festa anual do Quarup das nações de Maravilha. O convite foi feito ao bardo, mas só aceitou se fosse em conjunto com a trupe, pois não queria se apresentar sozinho. A condição foi aceita. A Caravana tinha ganhado o palco do grande quarup, fazendo sua apresentação após a definição do campeão do Torneio de Ucauca.

À espera de sua hora, os integrantes da trupe acompanharam as festividades e as lutas do Quarup. O bardo ficou à parte, observando.

A mostra de força dos guerreiros não o impressionou, mas gostou do simbolismo do tronco no chão e das danças das várias tribos, que o fizeram lembrar a infância. Não era dado a confissões, mas segredou à sua companhia – a mesma que fora apaixonada pelo grande mágico, que a recusara – que talvez fizesse uma canção sobre os festejos, incluindo-a no repertório. Sem revelar o que, informou que teria uma surpresa para a audiência. E aguardou o final do torneio e o início do espetáculo.

Esgotados pela tensão da ucauca a plateia relaxou com as apresentações da trupe e deu boas gargalhadas com o infortúnio do bardo apaixonado. Assim que as cortinas se fecharam, Alton entrou em cena, chamando Jurecê e o apresentando como o maior cantor de Maravilha, alguém que tinha canções que os encantaria e que lembrariam sempre. Em reluzente roupa amarela e chapéu vermelho, o bardo entrou em cena. No centro do palco, olhou a plateia enquanto tirava acordes do violão, mantendo o silêncio, que concentrou nele a atenção. E então, em forma de lamento, começou a canção, lamentando a perda da amada, mas imprimindo, aos poucos, veia satírica à história. Foi bem aplaudido e anunciou que iria aceitar três pedidos, mas já deixando claro que não cantaria mais de uma das conhecidas sagas.

43

Cantou o que a plateia pediu e anunciou, ao término da saga do grande mágico, a apresentação de nova canção, que acabara de compor e que contava a história de jovem guerreiro, desonrado por intrigas e que decidiu desaparecer. A música fez o efeito que desejava. Entre a audiência, muitas mulheres choravam. E entre os homens havia indignação pela traição ao guerreiro, injustiçado por acusações inverídicas. A canção dizia que um dia o guerreiro voltaria e provaria sua inocência, mas de nada adiantaria para ele, pois sua amada havia se casado com outro depois de perder a esperanças na sua volta. Muito aplaudido, decidiu atender novos pedidos. Iria correr o risco de cantar outra saga, mas quem decidiria seria a audiência e fez a votação entre o guerreiro liso e o jovem feiticeiro. O guerreiro ganhou. A canção arrebatou e teve um final épico. Ainda no meio dos aplausos, o bardo deixou o palco e as cortinas se fecharam. O que se ouvia era o pedido de bis. Alton queria que atendessem o pedido e o foi procurar, mas já não o encontrou e viu morrer o entusiasmo da plateia.

No dia seguinte Jurecê reapareceu, pronto para acompanhar a trupe ao seu último compromisso. Na despedida da temporada, fez apresentação primorosa, atendeu o público, arrancou aplausos e risadas, mas o chefe da Carana viu nele algo diferente. Mas não o abordou diretamente na reunião com a equipe.

- Pessoal, terminamos. Teremos dois meses fora da estrada. Nossa próxima temporada partirá daqui, no sentido inverso do que viemos, e vamos terminá-la em Caturama. Estão liberados, mas devemos sempre nos lembrar que é preciso continuar cuidando do que temos e também de nossas imagens. Graças ao que fazemos, somos respeitados e não podemos mudar, pois irá influir diretamente na nossa recepção, afetando nossa sobrevivência.

Com exceção de Jurecê, os integrantes da trupe conviviam há alguns anos e estavam acostumados à postura de seu chefe, vigilante e os monitorando. Podiam fazer o que queriam nas férias, mas a experiência lhes indicava que o melhor era que ficassem juntos. O bardo ouviu em silêncio. Quando pareceu que iriam se recolher, limpou a garganta e se levantou.

- Pessoal, quero agradecer o período incrível que me proporcionaram. Estes meses foram muito bons e me ensinaram muito, mas minha participação encerra-se aqui. Amanhã, deixarei a trupe e tomarei outro rumo. Talvez nos encontremos, talvez não. E é por isso que quero agradecer a acolhida, a oportunidade e os ensinamentos. E também desejar que continuem com o mesmo sucesso.

Depois daquela noite, a trupe nunca mais encontrou Jurecê e por onde passaram não tiveram notícias dele. O bardo apaixonado desaparecido. Ninguém nunca soube se a história de abandono que contava era ou não verdadeira, mas seu nome ficou marcado e ainda traz boas lembranças.

O BOM CAVALEIRO

Inaiê gostava do jogo, tinha habilidade natural para ele e era quem lhe proporcionava, no final, a vida que levava, embora não fizesse alarde disso. Em cada aldeia, em cada tribo, em cada nação sempre havia gente jogando e, havendo oportunidade, participava. Quase sempre ganhava, graças à habilidade natural de ler as pessoas. E se isso lhe dava vantagens no jogo, permitia que vivesse longe dos problemas, antecipando o que poderia acontecer e se afastando. Apesar de pacífico e não gostar de disputas, não recusava lutas, desde que o seu prêmio valesse a pena. Não pensava nelas como esportes, em que a honra é ganhar. Pensava no que iria lucrar e se o ganho era compensador, expunha-se. Muitas vezes perdeu, mas ganhou muitas outras e isso lhe deu alguma fama, transformando-o no bom cavaleiro, o que, aos poucos, foi criando a lenda em torno dele.

45

Os líderes das nações e tribos não simpatizaram com ele. Achavam-no mau exemplo, alguém que não tinha tarefas e nem se sujeitava às regras. Mas não tinham como impedir sua estada. Alguns tentaram, mas não havia motivo que pudesse levá-los a restringir seus movimentos. O cavaleiro era correto e tinha algo que todos apreciavam: disposição para ajudar quem precisava, com trabalho ou repartindo o pouco que tinha. Os caminhos de Maravilha eram públicos e não pertenciam a ninguém. Se não fosse declarado criminoso, não podiam impedi-lo de percorrê-los. Era assim que vivia, aparecendo em um lugar, ficando dois, três dias e desaparecendo. Ganhava e perdia lutas, ajudava alguns, confrontava outros quando via injustiça e, com isso, foi formando sua fama, criando sua lenda e tornando-se conhecido.

Inaiê preferia ser nômade, mas eventualmente aceitava um contrato de guardião. E foi em um destes, acompanhando um pequeno, mas

competente mercador, que chegou à nação Guajá. Nela, como nas outras, não havia grandes aglomerados urbanos, com as aldeias tendo, quando muito, alguns milhares de pessoas. Os mercadores, quase sempre homens livres, viviam de aldeia em aldeia, oferecendo os mais variados tipos de mercadorias. Cada caravana tinha sua própria estrutura, que ia do transporte das mercadorias ao suporte para quem nela trabalhava, incluindo guardiões, como eram chamados os seguranças. O território guajá era dos maiores e mais populoso das nações, levando tempo para ser percorrido. Entediado com a rotina lenta, Inaiê pediu permissão ao patrão para participar de pequenas lutas e jogos, obtendo sua anuência.

Para os integrantes das nações, ser lutador de ucauca era motivo de orgulho. Os homens – a luta é exclusivamente masculina – sonhavam em ser campeões e começavam muito cedo a treinar duro. A popularidade da luta fez com que se institucionalizassem os torneios, que pagavam bons prêmios. Neles, lutadores de fora eram bem vindos. Com eles, os lutadores locais aprendiam novas técnicas, aperfeiçoando-se. Inaiê tirava proveito das lutas, que lhe davam a oportunidade de ganhar dinheiro, fosse no prêmio pago ou apostando nele mesmo.

46

Em uma feliz coincidência para Inaiê, na taba em que haviam acabado de acampar haveria campeonato, que apontaria o campeão regional e que comemorava a festa da colheita do milho, cultivo dominantes nas terras guajás. Era a oportunidade que esperava e inscreveu-se na categoria dos amadores. O prêmio era menor, mas as lutas, mais fáceis. Começou vencendo na sua chave e foi subindo, até chegar à semifinal. Enquanto aguardava a definição de adversário, descansou próximo da arena. A parte superior do corpo exposta destacava seu sinal de nascença, parecido com um pássaro, que ocupava parte da lateral e das costelas. Sentado e atendo à definição de seu oponente, não viu que da plateia era atentamente observado, tendo seus movimentos vigiados. A mulher que acompanhou suas lutas e prestou muita atenção nelas, afastou-se, deixando a arena e seguindo em direção a aldeia.

Inaiê fez a luta final e a perdeu, mas ficou satisfeito. O prêmio para o segundo colocado era bom e tinha ganho um bom dinheiro com as apostas. Suado e sujo, dirigiu-se ao rio para se limpar e refrescar. Des-

preocupado, não notou que novamente era observado. Limpo, voltava ao acampamento e ao cruzar a praça central foi abordado.

- Tevold, quero falar com você. Por favor, venha comigo.

Ao ouvir a voz, olhou no entorno e viu a bela mulher parcialmente encoberta pela sombra da grande árvore. Olhou em sua direção e ela lhe fez sinal, indicando que se aproximasse.

- Precisamos conversar, mas não pode ser aqui. Ninguém pode saber que o procurei, mas é muito importante o que preciso dizer.

- A senhorita está enganada. Não me chamo Tevold, mas Inaiê. O que a fez pensar que sou esse Tevold?

- A marca de nascença. Fomos amigos na infância e na juventude e muitas vezes o vi sem camisa. Conheço bem a marca. Então, você tem de ser o Tevold.

- Admito. Tenho a marca, mas posso lhe garantir que não sou Tevold. Lembro-me muito bem de minha infância e juventude e tenho certeza de não a ter conhecido, como alega. Não posso fingir ser quem pensa que sou, mas se insistir posso, sim, ouvi-la.

47

- Sei que não pode dizer quem é. Fique tranquilo, não direi a ninguém. Tenho um segredo que guardo há muito e é relacionado a você. Preciso lhe contar. Depois, nunca mais me verá e se me vir, estarei diferente, o que lhe tornará um mentiroso. Por favor, me permita isso.

O cavaleiro pensou por alguns segundos e acenou, assentindo na conversa.

- Está bem. Onde quer a encontre?

- Meu pai é o enoma da região. Vá até a cidadela amanhã pela manhã. Na guarda, diga que foi o enoma Riza va Atoma que o chamou e será levado a seu escritório. Ele sabe deste encontro e irá participar, também, de nossa conversa. Obrigada, Tevold.

Sem esperar, virou-se e sumiu na sombra. Inaiê ficou considerando se devia ou não ir ao encontro. Não era dos que acreditavam em espírito, mas fora algo muito estranho, não tinha dúvida. A moça, se estava dizendo a verdade e não lhe fazendo troça, era filha de alguém impor-

tante. E deveria ser casada com alguém importante, o que poderia lhe gerar problemas. Até o acampamento, pensou na questão e concluiu que iria ao encontro, fosse troça ou não. Pelo menos teria mais uma história para contar. Sempre acordava cedo e, no dia seguinte avisou que ficaria fora por um tempo, dirigiu-se à cidadela, se apresentou e foi levado à sala do enoma. Como lhe disse a jovem, era esperado por alguém que podia ser identificado de forma segura como integrante da Liga Vivá.

- Obrigado por vir, Tevold. Posso lhe pedir, por favor, para mostrar ao meu pai a sua marca de nascença?

O cavaleiro levantou a camisa e expôs a águia que se formava próximo das costelas, observado pelo enoma.

- Por favor, sente-se. O que minha filha lhe dirá é segredo e ninguém jamais deve saber que foi quem lhe contou. A informação lhe servirá no futuro e pode ajudá-lo a recuperar o lugar na Liga, retomando seu posto e limpando seu nome.

48 - Senhor, disse à sua filha e vou repetir aqui: Não sou quem acham que sou. Sim, tenho a marca de nascença, mas não sou Tevold. Nunca conheci sua filha e não fui integrante da Liga, pois nem sou originário das nações. Estou dizendo isso para deixar claro que não precisam me contar nada e que, mesmo assim se o fizerem, não terei utilidade para a informação que me darão.

- Filho, sei que não pode se revelar e que sua entrada no território das nações é proibida. Posso lhe prender por estar aqui. Mas ouça minha filha.

Titubeante no início, mas firme com o andamento da história, a filha do enoma relatou como havia caído na armadilha armada por uma amiga em quem confiava para afastá-lo da Liga e impedi-lo de se casar com outra. Foi uma farsa e embarcou nela por acreditar na amizade. Só mais tarde descobriu que a história da amiga era mentira e que com o falso testemunho ajudou a condenar um inocente.

Ao fazer a descoberta, sentiu-se na obrigação de dizer ao pai o que aconteceu. E contou também ao marido. Mas ainda faltava contar ao objeto da desídia, o próprio Tevold. Até então, não tinha tido opor-

tunidade e achava que morreria sem se confessar. Nanderu havia lhe proporcionado a oportunidade e não podia perdê-la.

- Já o tinha visto junto com o comerciante, mas não tinha certeza se era mesmo você, Tevold. Mas quando vi a marca, não tive dúvidas. Fiquei observando-o lutar por um tempo, apenas para me assegurar que não era pintura, que sairia ou desbotaria com o suor. Tive certeza depois que foi banhar-se no rio. Eu o observava de longe e o vi esfregar o corpo, o que destacou ainda mais a mancha. Lembrei-me até como os outros meninos o chamavam de águia veloz, pois era dos melhores nas corridas.

Contou-lhe, sob o olhar atento do pai, a história da farsa, minudenciando como tinha sido armada, se desenvolvera e fora levada ao mauá da Liga e, dele, ao Conselho, resultando na expulsão e desonra. No início e por acreditar na amiga, achava que tinha feito o certo, impedindo que alguém com comportamento indigno participasse da corporação, reconhecida pela correção e pelo comportamento impecável de seus integrantes. Muito depois percebeu indícios da armação. Desconfiada, confrontou a antiga amiga, que confessou. Foi quando contou ao pai e marido. Aconselhada pelo pai, definiu que não levaria o assunto adiante, confrontando a amiga e temendo que, no final, passasse por mentirosa. Além do que, como fora do pai da amiga a iniciativa da denúncia ao Conselho, não aceitaria retratar-se. Ao provocar a questão, acabaria prejudicando-se, ao pai e à família. Mas no relato feito a Inaiê, contou os detalhes da trama, com lugares, situações, cenários e o roteiro da história apresentada ao Conselho. Apontou, ainda, as incoerências, que nunca foram checadas. Ao completar, deixou Inaiê com o pai e saiu.

- Jovem, agora tem a história e pode fazer uso dela. Não lhe adiantará voltar ao Conselho e simplesmente a relatar. Como minha filha disse, o mauá certamente ficará do lado do seu sangue, até como forma de a desonra não cair sobre ele, que tem pretensão de comandar a Liga. Mas há um jeito, desde que assuma riscos. Se o fizer, encontrará aliados dentro do Conselho.

O enoma lhe mostrou os princípios da Liga, adotadas na fundação, suas leis e regras, baseadas na tradição das nações. Muitas nunca tinham sido usadas, mas faziam parte dos regramentos da Liga Vivá.

Uma delas permitia o que era chamado de “desafio da honra”. Explicou como poderia ser invocado e o que teria de apresentar para ser ouvido. E lhe forneceu caminhos para conseguir o que necessitava, incluindo nomes a quem recorrer para apresentar o seu caso, reconquistando posição e honra. Antes de concluir a conversa, fez um único pedido: que não revelasse, jamais, como tinha conseguido as informações. Inaiê acenou, concordando.

- Senhor, quero lhe agradecer e à sua filha por confiarem em mim. Devo, no entanto, reforçar que não sou Tevold, como acham, mesmo tendo a marca que, segundo me dizem, é idêntica à dele, uma grande coincidência. Fique tranquilo. Manterei em segredo o que me disseram.

Ao longo das andanças o cavaleiro acumulou muita informação. Sabia de segredos, vira e ouvira coisas que poucos sabiam, mas a revelação que acabara de ouvir era ouro puro e teria de ser guardada com cuidado. Se algum dia a usasse, teria de ser cuidadoso. Não desejava ter importante chefe da Liga no seu calcanhar, tornando-se alvo. Iria, em primeiro lugar, construir explicação plausível para a visita à cidadela, omitindo, se possível quem encontrara. Não deseja ser objeto de nenhuma fofoca.

Ao regressar ao acampamento, Inaiê entregou-se ao trabalho e começou a planejar o roteiro das próximas paradas. Conhecia bem a rota, o que tornaria sua vida mais fácil. Mas não o isentava de ser cuidadoso. Saber de um grande segredo lhe deixara apreensivo e decidiu adotar postura menos ostensiva, evitando os holofotes. Não faria novas lutas e não apostaria. Cumpriria seu papel até o final do contrato. Quando terminasse, seguiria nova estrada. Tinha o bastante para viver nova vida e o anonimato lhe faria bem.

“O cavaleiro bom e errante chegou ao fim. Assim que chegar a Caturama encenarei novo personagem. Só não sei ainda qual será”, pensou ao entrar no acampamento.

O FEITICEIRO INESPERADO

Poucos conheciam o seu rosto, como se parecia, se era novo ou velho. Os que pediam sua ajuda quase sempre estavam amedrontados e não prestavam atenção nele. Apesar do medo que lhe tinham, o feiticeiro era muito requisitado. Fornecia desde poções de amor aos mais variados feitiços e drogas e remédios para vários males, cobrando pequena contribuição de quem requisitava seus serviços. Optara por vida simples, que lhe exigia pouco e permitia que oferecesse serviços por custos pequenos. Ao instalar-se em Caturama, procurou o final de rua, longe do burburinho. Era discreto. E a aproximação da casa poderia ser feita por três lados. Era parcialmente coberta por uma curva e à sombra de duas grandes árvores. A escolha foi proposital para criar o clima de mistério e para dificultar a identificação de quem chegava ou saía da pequena casa.

Apesar de discreto, o local tinha muito trânsito. A rua tinha bastante tráfego e era quase impossível dobrar a esquina e não ver a pequena placa na janela. Nela, existiam três palavras que significam “poções”, nos três idiomas mais falados de Maravilha: a língua geral adotada pelas nações, e a derivação dela, do povo nômade, e no dialeto meio gutural que era usado por quem vivia nas cidades ao longo da costa. A repetição não era necessária, pois os habitantes de Maravilha ou falavam ou entendiam a língua geral, mas a intenção do feiticeiro era mostrar que tinha maior conhecimento que os concorrentes da cidade. A placa fez efeito e o feiticeiro viu a clientela aumentar. Inicialmente, era procurado pelas poções. O que lhe tornara conhecido foram os feitiços. Quem chegasse às tabernas e perguntasse por feiticeiro ou curandeiro, em pelo menos em 80% das ocasiões, seria o indicado. E acabou com grande e variada clientela.

Mas como era o feiticeiro?

As mulheres solteiras garantiam que era jovem, louro, alto, forte e bonito, nada parecendo com os curandeiros e feiticeiros das estórias de feitiçaria. Para os homens, era diferente. Sim, era jovem, mas não bonito. Os cabelos eram ralos e andava meio encurvado, como se tivesse de se equilibrar. E usava cajado como apoio. As mulheres casadas o viam como alguém de meia idade, voz esganiçada e que não cheirava bem pela ausência de banho. Às jovens prostitutas, sempre à procura do contraceptivo mais eficiente, era quase príncipe. Ele as atendia de graça e lhes fazia feitiço que garantia o bom movimento e a satisfação dos clientes. Generoso, era tratado generosamente, não tendo nunca problema com mulheres e nem falta de sexo.

52 Nas tabernas e nas casas, não se chegava à conclusão de como, de fato, era o feiticeiro. Cada um que com ele fizera contato o via de forma diferente. E o feiticeiro, o que dizia? Se alguém perguntasse, riria e nada diria. O mistério aumentou antes que se estabelecesse a explicação mais aceita: o feiticeiro usava os próprios feitiços para mudar sua aparência e aparecer de forma diferente para quem o procurava. O seu sucesso era inegável, como provavam as filas de clientes. E foi nesta época que contratou um auxiliar, que recebia os clientes e colocava ordem no atendimento. O negócio crescia e exigiu a marcação de horário, permitindo que atendessem às figuras mais proeminentes da cidade. Elas pagavam bem, mas não gostavam de esperar.

Conhecido por muitos e visto por poucos, o feiticeiro, a quem ninguém perguntava o nome, tinha outro mistério: nunca o tinha sido visto na rua. Todos encontravam-no em casa, ambiente pouco iluminado e parcialmente preenchido pela fumaça de incenso ou de ervas aromáticas. Como ele era? Ninguém sabia. Se era jovem, velho, alto, baixo, gordo ou magro, o que tinham eram especulações. Mesmo as putas que se gabavam de tê-lo na cama o descreviam de forma diferente, inclusive nos atributos físicos e na potência sexual. De tanto falar nele, o assunto ficou banal, a polêmica foi esquecida e o que ficou foi que as poções e feitiços eram eficazes. Os prostíbulos eram bom exemplo, com menos crianças nascendo, entre as mulheres suas clientes. Se fosse feita pesquisa, constataria que tinha alta aprovação e isso era o que o interessava.

A vida em Caturama era agitada, cosmopolita e sempre com novidades. As coisas se sucediam com saídas e chegadas de navios, novos personagens, histórias de viagens e de aventuras, de fortunas feitas e perdidas e de desventuras. Com tantos personagens, no meio deles, o feiticeiro era apenas mais um e isso lhe aprouvera. Pelo menos até o dia em que os clientes na fila viram chegar à casa o jovem alto, bem vestido e que carregava às costas longo tacape. Não era abá, pois a Liga Vivá não atuava nos territórios livres. Também não parecia guardião, a “polícia” local. E não tinha sido visto em Caturama. Ao chegar, não respeitou a fila. Entrou, apresentou-se ao auxiliar, com que falou em língua desconhecida. O ajudante do feiticeiro levantou-se e foi para o interior da casa e, pouco tempo passado, voltou, acenou ao jovem e lhe fez sinal para entrar, abrindo-lhe a porta. Quando ela se fechou, o auxiliar tornou a se levantar e novamente entrou na casa, com alguns papéis à mão. Desta vez, demorou mais a regressar, mas quando o fez informou que não mais haveria atendimento no dia. Podiam retornar no dia seguinte ou marcar horário, facilitando o atendimento.

- Mas isso não é justo. Eu vim de longe e preciso ser atendido, protestou um cliente.

53

- Lamento, mas apenas cumpro ordens. Quando o feiticeiro o receber o senhor poderá reclamar com ele. Tenho certeza de que irá lhe ouvir.

A perspectiva de enfrentar o feiticeiro o acalmou e os clientes foram saindo. Apressaram-se quando ouviram o estranho barulho vindo do interior da casa. O ajudante também deixou a residência. O jovem, não. Os mais curiosos ficaram por perto, observando e pretendendo registrar quando saísse. Perderam tempo. O inusitado acabou gerando comentários que se espalharam pela cidade e as perguntas surgiram. Quem era? O que tinha a ver com o feiticeiro? Por que os outros foram dispensados? A rotina tinha sido quebrada e o comportamento era diferente. E em Caturama, ser diferente era o melhor meio de chamar a atenção. O mistério aumentou quando no dia seguinte o feiticeiro também não atendeu. Quem o foi procurar encontrou a casa fechada. E isso se repetiu no segundo, no terceiro e em um quarto dia. Pensando que tinha deixado a cidade, clientes foram procurar outros

feiticeiros. No quinto dia após a chegada do jovem, quem foi à casa encontrou-a novamente aberta, como se nada tivesse acontecido e foi atendido. O feiticeiro estendeu o horário para atender mais pessoas.

Tal como as outras coisas que ocupavam os debates em Caturama, a polêmica do cavaleiro louro acabou esquecida. A vida continuou e os negócios fluíam, inclusive para o feiticeiro. Pelo menos até o atendimento a Ekeko, o maior e mais importantes mercador de Maravilha. Não era a primeira vez que consultava o mago, pois o fazia sempre antes de iniciar viagem. Amigos e detratores concordavam que tinha reza forte, que o protegia e aos negócios. Por isso contribuía generosamente para o feiticeiro. Suas visitas eram notadas, mas no dia, foi diferente. Entrou sozinho, mas ao sair era acompanhado por jovem alto, louro, atlético, bem vestido e que se mostrava confiante. Como se conhecessem há muito tempo, saíram conversando de forma animada na mesma língua estranha com que outro jovem, parecido com o atual, havia conversado com o ajudante do feiticeiro. Juntos, percorreram praticamente a cidade, já que os escritórios de Ekeko era do lado oposto à casa do feiticeiro. Ao chegar, Ekeko reuniu sua equipe e disse ter um comunicado para fazer.

54

- Pessoal, este aqui é o Mira na Moana, o novo chefe dos nossos guardiões. Acabei de contratá-lo e à sua equipe. Ficará conosco pelo menos nos próximos três anos. A ele caberá a segurança de nossa operação e o planejamento da logística. A partir de agora, terão de falar com ele sobre estes assuntos e, se o Mira julgar necessário, discutirá a questão comigo. O Mira tem a minha estrita confiança e, falando com ele, é como se falassem comigo. Devem colaborar com ele e fazer o que pedir. O objetivo é melhorar a operação e nossa eficiência.

O feiticeiro havia sido esquecido, pois a cidade tinha novo assunto em que se debruçar. Os novos guardiões que iriam assumir a caravana de Ekeko tomaram sua vez. Invejado – e odiado – Mira tornou-se o centro das atenções, deixando o feiticeiro, suas poções e feitiços esquecidos. Durante a semana não se falou de outra coisa. A fofoca correu solta. Queriam saber de onde Mira tinha vindo, quem eram seus companheiros e o que já tinha feito. Ninguém sabia, o que havia era só especulação e a procura chegava sempre, à desinformação. A única

certeza no meio das especulações era que nunca tinha tido contratos em Caturama. E por isso foi permanentemente observado, inclusive por outros guardiões e especialistas em segurança e logística. O que constataram é que conhecia, e bem, os dois assuntos.

Ekeko estava satisfeito com o novo auxiliar, principalmente por ter o seu tempo maximizado, percorrendo maior distância em menos tempo e com maiores possibilidade de ganho, graças ao roteiro traçado por seu novo chefe de segurança. Só tinha elogios para ele e sua atuação, mas desconversava quando lhe perguntavam como o conhecera e se fora o feiticeiro quem o indicara.

Mira era diferente dos outros guardiões. Evitava bares, não frequentava festas e orgias que muitos promoviam e ninguém o vira em companhia de uma mulher. Os integrantes do seu grupo portavam-se da mesma forma. E despertaram novos comentários e fofocas. Mas aos poucos a novidade foi morrendo e a cidade incorporou a presença deles. Sem o que falar, os fofoqueiros de sempre voltaram, novamente, sua atenção para o feiticeiro. Alguns até se lembraram de procurá-lo, mas encontraram a casa fechada e com placa anunciando que estava disponível para aluguel. O que tinha acontecido? Ninguém sabia. Assim como tinha aparecido, o feiticeiro sumiu. A notícia se espalhou, e o feiticeiro tornou-se, de novo, o centro dos comentários e das fofocas. Em Caturama, as únicas que lamentaram o desaparecimento do feiticeiro foram as prostitutas. Delas, poucas sabiam o nome do homem e acabaram confidenciando-o a clientes.

- Sami podia ser feiticeiro, mas era homem bom e excelente amante. É uma pena que tenha ido embora.

O comentário foi repetido pelo cliente e logo ganhou as ruas. Os fofoqueiros tinham um nome e tentaram identificar de onde vinha, mas nada conseguiram. O tempo passou e, em uma roda de bar, homens livres comemoravam o bom final de temporada quando entrou na taberna o jovem alto e desconhecido. Sentou-se e pediu cerveja. Servido, pegou a caneca e a ficou olhando, como se fosse a única coisa no mundo. Cheirou o líquido e tomou bom gole, apreciando-o. Pousou a caneca e pediu o prato do dia, comendo em silêncio. O grupo, que o tinha observado, voltou ao que fazia, beber e às fofocas. O jovem, mui-

to próximo, não podia deixar de ouvir. Quando falaram no feiticeiro, prestou mais atenção.

- Desculpem se pareço intrometido. Mas o feiticeiro de quem falam não será o Sami?

Alguém do grupo virou-se para o jovem e perguntou como ele conheceria o feiticeiro.

- Fui aprendiz dele em Tocama por cerca de dois anos, quando deixou a cidade. Outros feiticeiros da cidade espalharam que não era homem, mas espírito que tomava o corpo e que, após a possessão, podia mudar a aparência da pessoa. Entre o povo nômade há a lenda da existência de espírito que pode assumir corpos e parecer jovem, velho e até uma mulher. Os nômades temem o espírito, mas respeitam os que são possuídos, feiticeiros melhores. E chamam estas pessoas de “feiticeiros inesperados”, exatamente por aparecer e sumir sem que ninguém saiba como.

- Mas se foi aprendiz deve saber se era ou não espírito.

56

- No tempo em que fiquei com ele sempre pareceu um homem normal. Era paciente comigo - e com quem o procurava - e bondoso. Atendia todo mundo, mesmo quem não podia lhe pagar. Costumava dizer que a feitiçaria era um dom que devia ser repartido. Como o recebera, considerava seu dever oferecer os benefícios aqueles que o procuravam. E sempre afirmou, também, que nunca faria feitiçaria ou misturaria poção para o mal.

- Mas como é que ele se parecia? Aqui, cada pessoa que o viu o descreveu de modo diferente, indo de jovem a velho e de belo a horrível.

- É, na minha época também foi assim e cheguei a perguntar ao Sami por que isso acontecia. Explicou que a visão estava associada à imagem que cada um fazia do outro, dependendo da profissão e de outros aspectos. No caso dos feiticeiros, havia se espalhado imagem que não correspondia à realidade. Então, em vez de verem a pessoa real, fantasiavam, até para poderem atribuir ao feiticeiro poderes que não tinha.

- Mas por que nunca disse o seu nome?

- Será que alguém perguntou? Eu o vi várias vezes, dar seu nome aos que perguntavam. Aos curiosos, dizia-lhes de onde tinha vindo e como aprendeu o que sabia.

- Conte-nos, então, de onde ele veio.

O jovem não podia comprovar a história, mas ouvira Sami dizer que pertencera ao povo nômade, em uma grande tribo. Desde cedo começou a interessar pelas artes da magia e sonhava ser o xamã. Foi aprendiz do xamã local, mas fez algo errado e foi afastado e impedido de seguir o aprendizado. Assim que pode, deixou a aldeia e anos depois, já entre os homens livres, começou a oferecer seus serviços como curandeiro. Mais tarde, já seguro de sua competência, também passou a fazer feitiços. Desde então, tem andado pelas terras dos homens livres, ficando um tempo em cada lugar, aparecendo e sumindo de repente, transformando-se por sua própria vontade em feiticeiro errante.

Ao terminar a história o jovem havia concluído a refeição. Tomou o último gole da cerveja, pagou e saiu sem olhar para trás. Quem por ele passou, em seguida, viu seu largo sorriso.





A DONZELA CHOROSA

O CHORO DA PERDA

Mira fazia a ronda do acampamento, a boa distância da arena central onde seriam as lutas do quarup. Era o chefe, comandando dez pessoas, mas não se distinguia deles. E fora que o destacara, levando-o a formar sua própria companhia, apesar do pouco tempo como guardião e que havia chegado a Caturama. Àqueles que o acompanhavam, impunha regras claras, não só de solidariedade com os colegas, mas de absoluta correção para com o próprio grupo e para quem ofereciam serviços. Foram seus princípios que o levaram a ser disputado como guardião. E também lhe deram o contrato de três anos com a maior das caravanas de Maravilha. Com Ekeko percorreria as nações, as terras do povo nômade e as cidades dos homens livres. O que conquistara ofuscara seu passado, que praticamente ninguém conhecia. Pensando no que fizera e no que conquistara, fechava o perímetro do acampamento quando a jovem aproximou-se. Ficou observando-a. Vinha em sua direção, mas certamente não quem procurava. Esperou.

- Bom dia, guardião. Gostaria de falar com o chefe da caravana.

A voz despertou nele antiga lembrança, mas nada transpareceu na sua fisionomia e sequer pestanejou.

- A quem devo anunciar, senhorita...

- Sou Anika be Anambê, filha do kara Amer no Taliba. Foi quem me pediu para procurar o seu chefe.

A postura da jovem mostrava que não era acostumada a esperar e sempre tinha atenção. Mira conhecia o pai da jovem de nome e que acabara de ser indicado para o Conselho das Nações depois de participar por alguns anos do Conselho da Liga Vivá. E também quem a jovem era, embora não a tivesse reconhecido. Há alguns anos não a via

e, pelo que se lembrava, ela estava diferente.

- Por favor, senhorita, queira me seguir, mas me permita só um instante.

Acenou para outro guardião para substituí-lo e acompanhou a jovem, aproximando-se da grande carroça, onde o “chefe”, como todos os chamavam, morava e tinha seu escritório. Sinalizou à jovem para que subisse, esperou que chegasse ao fim dos degraus e então, também, subiu e lhe abriu a porta, indicando que entrasse.

- Ekeko, a Anika, filha do kara Amer, quer lhe falar.

O homem, tão alto quanto o guardião, levantou-se e fez pequena reverência à jovem, indicando-lhe a confortável cadeira ao seu lado. O guardião, tendo cumprido sua tarefa, fez pequena mesura e retirou-se, deixando o comerciante e a jovem sozinhos.

- Em que posso lhe atender, minha linda jovem?

Anika explicou que o kara gostaria de conversar e pedia sua presença, lamentando não poder vir ao acampamento. Informou que o pai tinha alguns pedidos, precisava de mercadorias, mas queria falar, ainda, sobre o quarup. Se pudesse, o pai o receberia após o almoço.

61

- Apenas por curiosidade, quem é o guardião que me acompanhou?

- Ele se chama Mira na Moana, chegou há algum tempo em Catu-rama, começou a atuar como guardião e formou sua própria equipe. É muito respeitado e agora está a meu serviço pelos próximos três anos.

- Desculpe minha curiosidade, mas sabe de onde ele vem?

- Infelizmente, não, senhorita. Não do passado. A única coisa certa que sei, pois foi ele próprio que me disse, é que foi uma espécie de cavaleiro errante, passando de aldeia em aldeia e atuando como um avulso, fazendo pequenos serviços. Algum interesse nele, senhorita? Se quiser, posso chamá-lo e conversar com ele.

- Nenhum interesse, apenas curiosidade. Ao encontrá-lo tive a impressão de já o ter visto. Na verdade, se parece com alguém que conheci e isso despertou minha curiosidade. Obrigado, mercador. Vou dizer a meu pai que irá atendê-lo.

A jovem saiu e Ekeko ficou imaginando a razão de o kara lhe ter chamado. Não era apenas negócios, tinha certeza, mas não imaginava o que era. Será que tinha algo a ver com o seu jovem guardião? As perguntas da jovem lhe deixaram curioso. Os homens livres não eram bem vistos entre os integrantes das nações e os guardiões, por agirem, de certa forma, como os integrantes da Liga, eram meio desprezados, vistos como mercenários, o que lhes tirava a honra. O que havia por trás do pedido? Teria de descobrir no encontro, mas também poderia perguntar a Mira. Apertou a campainha chamando e ordenou ao auxiliar que fosse buscar o chefe dos guardiões. Quando chegou, foi direto.

- Mira, o que houve entre você e a filha do kara?

- Como assim, Ekeko? Não houve nada. Mal troquei palavras com ela. Agi com todo respeito, se é isso o que teme.

- Não tenho dúvida. Mas perguntou sobre você, de onde tinha vindo e contou que pensou tratar-se de alguém que conhecera há anos. Este alguém é você?

- Fui, como sabe, cavaleiro errante e é possível que tenha me olhada. Mas não me lembro de a ter olhado ou visto. E, tenha certeza, lembrar-me-ia se isso tivesse acontecido. É das mulheres mais belas que vi.

O mercador estava curioso e temeroso. Mas o que sentia não chegava nem perto do sentimento de Anika. O encontro com o guardião a deixou abalada e se segurou durante o trajeto até a oca da família. Ao cruzar a porta, não mais se conteve e caiu em um pranto copioso, com grandes soluços. A mãe correu ao seu encontro, tentando descobrir o que havia acontecido. O pai ficou surpreso e preocupado, mas como não tinha jeito para este tipo de coisas e deixou que a mulher cuidasse da filha.

- Filha, o que aconteceu? Olha pra mim, por favor, e me diga.

No meio dos soluços e com as lágrimas lhe molhando o rosto, Anika fez esforço para falar.

- Mãe (solução)... eu vi (solução)...era (solução)... o (solução)... Tevold (solução)...era ele (solução)...tenho (solução)...certeza

A mãe sentou-se a seu lado, abraçou-a e a foi ninando, como fazia

quando era criança e adolescente, acalmando-a. Aos poucos o choro foi diminuindo, os soluços pararam, mas as lágrimas continuavam. Calma e aparentemente recomposta, olhou para a mãe e pai e chegou a abrir uma espécie de sorriso.

- Desculpem, pai e mãe. Não costumo me portar assim, mas levei um choque. Vou contar como foi.

Relatou, então, o encontro com o guardião, as poucas palavras que trocaram e as perguntas feitas ao mercador, que não conhecia o seu passado, mas atestou a sua correção e a confiança nele depositada. Ao vê-lo teve vontade de voltar correndo, deixando de lado a tarefa que o pai lhe dera. Esforçou-se para acompanhá-lo até a carroça do comerciante e, ao sair, e olhou de longe. Ficou com a impressão de que o guardião e Tevold eram a mesma pessoa.

- Mãe, pai. Ele pode negar, mas o meu coração garante: é ele, tenho certeza.

O pai ficou impressionado. Fazia anos que o namorado – e prometido da filha – tinha caído em desgraça e deixado a Liga Vivá. Desde então, Anika encontrara centenas de jovens, mas não se interessara por nenhum. Fizera uma promessa e garantia, sempre que confrontada, que a iria manter, esperando pelo amado, pois prometera voltar. Se realmente fosse Tevold, teria nas mãos problema de difícil solução. Afinal, era um proscrito.

- Filha, nos anos em que não o vê, Tevold pode ser mudado. O fato de ter encontrado alguém parecido não quer dizer que seja ele. Amor, você pode ter se enganado. Então, vamos com cuidado com isso.

O pai estava cético de o jovem ser o seu querido discípulo, mas iria checar. Não queria problemas durante o quarup. Na conversa com o comerciante pediria para conversar, depois e a sós, com o guardião. Tentaria esclarecer a questão. Esperava, de todo coração, que não fosse Tevold. Se a filha estivesse certa, mais uma vez teria de lhe pedir para afastar-se, não só dela, mas da caravana e das próprias terras das nações. Lamentaria ter de lhe aplicar segunda penalidade. Sabia da sua inocência, mas como kara – e agora grande kara – tinha de cumprir as leis e uma delas impedia exilados e desonrados de frequentarem as

terras das nações.

- Vou conversar com o jovem que você diz ser o Tevold e tirar a dúvida. Prometo.

Deu um beijo na filha, inconsolável, mas não mais chorando, e foi cumprir a agenda da tarde, incluindo a conversa com Ekeko. Tinha negócios a acertar, seguindo nova diretriz do Conselho das Nações. Agora, para negociar com as nações, o que trazia grande lucro aos mercadores, teriam de pagar pedágio. Fora contra a nova regra, mas vencido. O Conselho lhe dera a tarefa de anunciá-la ao mercador e pedir que a levasse à guilda dos comerciantes. Pensava em como iria abordar a questão da filha, mas foi interrompido pela chegada do comerciante.

- Obrigado por vir, Ekeko. Nosso relacionamento – e estou falando das nações de Maravilha – sempre foi bom e, do nosso e do seu lado, queremos que continue assim. Só que, há poucos dias, o Conselho das Nações trouxe à discussão este relacionamento. O argumento foi que na relação nações-caravanas as vantagens pendem para os comerciantes. Tivemos várias sessões discutindo o assunto e o Conselho decidiu que, a partir do quarup, para comercializar com o povo de Maravilha, as caravanas terão de pagar pedágio.

- Quem é que irá estabelecer o valor deste pedágio, kara?

- Já foi estabelecido. Será de cinco por cento do valor das transações dos comerciantes. O Conselho o chama de imposto de vendas. O valor recolhido formará fundo que será distribuído entre as nações. O Conselho considera que o maior mercado das caravanas é as nações. Juntos, homens livres e povo nômade tem população bem menor.

Ekeko quis saber se havia possibilidade de negociar a taxa, sendo informado que não. A decisão do Conselho das Nações estava tomada, mas haveria reavaliação no Quarup do próximo ano. Talvez, então, a guilda do comércio pudesse comparecer ao Conselho e pedir mudança no percentual ou no critério. Amer no Taliba, no entanto, não acreditava em mudança da taxa para menos, aventando a possibilidade de que se tornasse maior, pois a proposta inicial era de que fosse de 10%.

- Ekeko, quero lhe pedir um favor. O chefe dos seus guardiões me deixou curioso. Pode pedir que venha falar comigo?

- Houve algum problema, kara? Não quero nenhum dos meus auxiliares criando problemas nas nações. Se houve algo, gostaria de saber. Se for uma ofensa, só não o despeço de imediato por precisar de seus serviços. Mas posso impedi-lo de sair do acampamento, limitando sua ação.

O jovem não tinha feito nada que ofendesse as nações. O encontro apenas mataria sua curiosidade. Anika saíra do acampamento com a impressão de conhecer o jovem, amigo de infância, que havia deixado as aldeias e que não mais voltara a elas, o que o deixara curioso. Queria apenas checar se a filha tinha razão. Nada contra o jovem.

- Assim que retornar à caravana, pedirei que venha lhe ver, kara.

- Fico-lhe grato. Isso é importante para a minha filha.

O mercador saiu com a certeza de estar acontecendo alguma coisa. Confiava no seu chefe de segurança e acreditara nele, quando lhe disse que não conhecia a jovem. Então, por que o kara o queria ver? De qualquer forma, tinha de tratá-lo e ao seu povo bem, pois, como lhe lembrara, eram seus clientes mais importantes. Ao chegar ao acampamento mandou chamar Mira.

65

- Quero que vá conversar com o kara Amer no Taliba. Você impressionou a filha dele e quer conhecê-lo. Pode deixar o que estiver fazendo de lado e vá atendê-lo. Isso é mais importante.

O guardião apenas acenou com a cabeça, voltou-se e deixou o acampamento em direção ao escritório do Conselho e do kara. Quem o visse caminhar, altivo e seguro, não imaginava que internamente vivia um turbilhão. Ficara exposto e isso poderia lhe causar problemas e ao comerciante. No trajeto, foi se acalmando. Quando chegou ao escritório do kara, estava tranquilo e novamente seguro.

O caminhar de Mira foi acompanhado de forma atenta. No caminho dos escritórios do Conselho ficava a oca usada pelo kara e sua família. Da janela, era observado por Anika e sua mãe, atenta às reações da filha, de olhos grudados nele. A mãe tentava identificar semelhanças e diferenças entre o jovem guardião e o prometido de sua filha. Anika tinha razão de achá-lo parecido, mas vira diferenças no guardião que caminhava sob o olhar das duas. Parecia mais alto,

mais forte e bem mais moreno. Os cabelos era diferentes, curtos e quase negros. Tevold tinha cabelos castanhos, mais próximos do louro. Enquanto andava era como se estivesse varrendo o local, avaliando-o e guardando os detalhes, postura típica de pessoas observadoras. Pelo que lembrava, essa não tinha sido uma das características de Tevold. Sim, era curioso, mas não observador.

- Mãe, é ele. Tenho certeza. Meu coração não me deixa mentir. Veja, até o jeito de andar é igual. Será que você não vê? Mãe, cresci com o Teve e sei que é ele. Tenho de falar com ele.

Mãe e filha viram Mira chegar ao escritório do kara e entrar. Só ficariam sabendo o que aconteceu quando Amer no Taliba voltasse. Então, poderiam questioná-lo. A ansiedade de Anika era enorme. A mãe ficou imaginando se o jovem não fosse quem pensava, como reagiria. Mas de nada adiantaria imaginar. Aguardaria o marido e suas conclusões. No Conselho, o guardião se apresentou.

- Sou Mira na Moana, o kara quer falar comigo!

O atendente apenas lhe indicou a porta, em que bateu levemente e entrou.

- Sou Mira na Moana. O senhor quer falar comigo?

- Obrigado por vir, Mira. Sente-se, por favor. Já vamos conversar.

Enquanto assinava papéis, o kara observava o jovem. Não sentiu nenhuma tensão. Parecia sereno e seguro mas, efetivamente, era parecido com Tevold. Neste aspecto a filha tinha razão. Mas apenas por olhá-lo não poderia identificar quem era. Concluiu os despachos, chamou o atendente e lhe entregou os papéis para serem despachados para seus destinos. E virou-se para o guardião.

- Vou lhe contar pequena história e, no final, gostaria que dissesse o quanto conhece dela e se identifica alguns dos personagens ou lugares onde ocorre.

O jovem apenas acenou com a cabeça. Amer contou-lhe a história do jovem cavaleiro chamado Tevold be Anambê desde a infância até a sentença do Conselho da Liga Vivá, que o excluía da corporação, com desonra e o exilara. O ex-abá sumira, nunca mais tendo sido

visto. Curiosamente, ao mesmo tempo começaram a surgir histórias de personagens muito parecidos com ele, mas que faziam diferentes do que sempre fizera. Por conhecer o jovem, o achava capaz de ser estes personagens. Mas não os encontrara e, por isso, não podia afirmar se era ele ou não. O que queria de Mira era se encarnara os personagens e o que contara tinha algo a ver com ele. O guardião ouviu em silêncio, sem demonstrar nenhuma reação. Quando o kara terminou, levou algum tempo para responder.

- Já ouvi algumas dessas histórias e, sim, sei quem são os Anambês e o que é a Liga Vivá. Afinal, frequento as nações. No entanto, não conheço, nem conheci o guerreiro de que fala. O senhor acha, verdadeiramente, que integrante dos homens livres teria como representar tantos papéis? Eu pessoalmente não poderia. Não tenho o conhecimento necessário. Lamento, mas se está procurando Tevold não sou ele.

A história do kara foi longa. A resposta, curta, pronta e com convicção. Amer no Taliba podia sentir a sinceridade de Mira, mas queria fazer outro teste.

- Pedi à minha filha que procurasse seu chefe, Ekeko. Foi você quem a recebeu e a levou a ele. E foi quem falou de você. A impressão é de que havia encontrado velho amigo de infância, disfarçado.

- É verdade, recebi a jovem e a levei ao Ekeko. Foi um contato rápido. Se não for desrespeitoso, posso dizer que é muito bela. Quando a vê-la, não. Foi a primeira e única vez. Nunca a tinha visto antes.

O kara agradeceu e dispensou o guardião. Seu sentimento estava dividido. Sentiu sinceridade nele, mas, ao mesmo tempo, algo lhe dizia que estivera diante de Tevold be Anambê. Mas não podia admitir isto para a filha.

O FALSO CONSOLO

Vaara ca Caapor viveu durante um bom tempo com o consolo de, se não tivera o homem que amara ao seu lado, também não o veria ao lado de outra. Na verdade, isso nunca lhe tinha trazido felicidade e fora o que a afastara da melhor amiga, com remorso de ter

ajudado em uma farsa. Ela e Covar ja Guajá há muito que tinham deixado de ser inseparáveis, o que fora provocado pelo mesmo homem, Tevold be Anambê. O jovem guerreiro era o sonho de muitas moças. Vaara era uma delas e fora quem, no final, causara sua ruína. Durante algum tempo o fato de tê-lo afastado de Anika lhe trouxera falso consolo. Pensara, então, que era melhor vê-lo longe a perdê-lo para a rival. E fora o pensamento que a levava a montar a farsa que resultou no seu exílio. Vivera, desde então, com um fantasma, que lhe perseguia os sonhos e os dias. Tornou-se sozinha, perdendo até a amiga mais próxima.

Covar, desde que arranajara namorado – com quem depois se casara – havia se afastado dela. Talvez temesse que agisse, em relação a ela e ao namorado do mesmo modo que agira com Tevold. Nunca faria isso. Não tinha interesse no homem da amiga, que não acreditou nela e virou-lhe as costas. Vivia sozinha com o pesado segredo, temendo que fosse revelado. Desde que Tevold deixara a Liga, nunca mais ligou-se a ninguém. Tivera pretendentes, mas nenhum lhe agradava. Seus sonhos ainda eram com o jovem cavaleiro, que nunca teria. Houve momentos em que chegou a pensar em se matar, uma das mais condenáveis ações que alguém das nações poderia tomar. Achou que estava condenada a ficar solteira, morrer sozinha. Vira poucas pessoas das nações e das tribos nesta condição, olhadas de forma estranha, como se tivessem adotado o caminho errado. Sentia-se péssima por ser diferente.

Como em todos os anos, junto com a família – até por seu pai

fazer parte do Conselho da Liga Vivá – Vaara participava do Quarup, festividade que reunia gente das nações, no maior encontro do povo de Maravilha. Era alegre e todos se divertiam, menos ela. Era o primeiro dia das lutas, quando começavam as eliminatórias, a maratona que levaria os melhores e mais sortudos à final. Seu pai presidiria uma das cerimônias e o acompanharia. Pensativa, caminhava apressada, tentando não esbarrar nas pessoas. Por descuido, acabou batendo de frente com alguém e sentiu se chocando com em uma parede. Desequilibrada, só não caiu por ter sido segura. Assustada, levantou os olhos e o que viu a deixou aterrorizada e tão assustada que não conseguiu, sequer, agradecer ou se desculpar. Disse, em uma voz sumida, apenas uma palavra, inaudível até para o jovem que havia evitado sua queda. O que balbuciara era o nome do jovem cavaleiro, para quem armara a armadilha.

Com o encontro, Vaara deu meia volta e retornou ao alojamento da família. Sua mãe estava em casa e a viu entrar quase que como um furacão, direto para o quarto, fechando e trancando a porta. O que não viu foi a filha atirar-se na cama a chorar copiosamente e de forma descontrolada. Ouvindo-a, tentou entrar no quarto, mas não conseguiu abrir a porta. Bateu uma, duas, várias vezes, mas a filha não a abriu. O choro foi diminuindo. Quando achou seria ouvida, pediu:

- Vaara, por favor filha, abra a porta. Vamos conversar.

Levou tempo e a porta foi aberta. A mãe entrou e o que viu a deixou assustada. A filha estava branca, como se tivesse vido um espírito, muito assustada. Preocupada, a envolveu com os braços, como quando era criança, acariciando-lhe delicadamente os cabelos.

- Filha, o que houve? Fale comigo, me conte. Vou ajudá-la

A voz calma e controlada da mãe sempre acalmava Vaara e mesmo, adulta, lhe trazia conforto. Vaara aconchegou-se e a abraçou de maneira forte, da mesma forma que fazia ao ficar amedrontada quando menina.

- Mãe, você não vai acreditar, mas acabei de encontrar o Tevold. Aliás, encontrar é força de expressão. Dei um esbarrão nele e se não me segurasse tinha caído. Fiquei sem fala. Não tinha condição de ir

para a arena e voltei.

- Vaara, está imaginando coisas. O Tevold foi banido e exilado, não pode voltar às terras das nações. Se for ele temos de avisar a alguém da Liga. Vou falar com o seu pai.

- Não, mãe. Você não vai fazer isso. Tenho nova oportunidade de conversar com Tevold. Preciso disso. Ele pode até me rechaçar, como fez mais de uma vez, mas preciso. E mesmo que não consiga nada, não contará ao papai. Aliás, peço-lhe encarecidamente que não conte a ninguém. Este será um segredo só nosso. Vou ficar bem.

A mãe, conhecendo a filha e o que sentira – e ainda sentia – por Tevold achava que o encontro só ia piorar as coisas, mas nada diria. Iria, no entanto, procurar saber se era, efetivamente, o jovem. Afinal, a filha vinha há algum tempo agindo de forma estranha e não seria surpresa se tivesse visto outra pessoa e a confundisse com Tevold. Havia outros parecidos com ele e vira na visita que uma trupe fizera aos caapor, o jovem mágico, bastante parecido com o ex-abá. Só que parecer não significava ser. A filha podia ter se confundido.

70

- Filha, como foi que aconteceu?

- Ia em direção à arena encontrar-me com o papai e ao me desviar de alguém, choquei-me com outra pessoa. Era como se estivesse batido em na parede, o que me desequilibrou. Senti a mão forte me segurando e impedindo a queda. Só então olhei para cima e vi o rosto. Era o Tevold. Levei um choque. Assustada, dei meia volta e voltei para casa.

- Chegou a ver como estava vestido? Se tinha alguma característica que o identifique? Se não souber, será difícil encontrá-lo. Milhares de pessoas vieram para o Quarup e irá se perder na multidão. É, como diz o ditado, procurar agulha no palheiro.

- Sei onde encontrá-lo. Além do rosto, vi que é guardião e usa símbolo da guilda deles. E só temos a caravana do Ekeko aqui, agora. Então, deve estar com ela. É lá que irei. E mãe, não me tente convencer do contrário, tenho de fazer isso sozinha, por mais temor que me traga.

O que tinha havido com a filha? Sempre soubera, por ouvi-la con-

fessar muitas vezes, que era apaixonada por Tevold. Tentara conquistá-lo, mas não conseguira. O jovem era apaixonado por outra e Vaara se sentiu relegada. Achava que depois do exílio de Tevold, ela o tinha esquecido, o colocara de lado, sabendo que nunca poderia voltar. O que o ex-abá fizera com Vaara era desonroso e a penalidade aplicada pelo Conselho, justa. Não podiam admitir na Liga – e tampouco entre as nações – alguém com a má índole do jovem. Era mau exemplo e, até para servir de lição, tinha de ser punido, afastado, limpando a Liga e as próprias nações de alguém assim. Que razão tinha a filha para procurá-lo? O gesto era inútil. Já dissera e repetira que não devia se prender ao passado, mas olhar para o futuro. Tinha tido ótimos pretendentes e nunca os considerara. Sempre apoiara Vaara e o faria de novo.

Vaara ficou tão tocada com o encontro que pensou em procurar a antiga amiga e conversar. Mas Covar havia se afastado e deixara claro que não a queria ver. Se sentia culpada por ajudar na mentira que montara. Durante alguns anos haviam sido muito próximas e, por isso, a rejeição de Covar doía quase tanto quanto a de Tevold. E mais do que a amiga, perdeu a confidente. Não podia falar com mais ninguém sobre o acontecido. Tinha de criar coragem e conversar com Tevold. No quarto, sozinha e sentindo-se solitária, traçou o plano. Iria procurá-lo no dia seguinte durante as lutas. Certamente estaria no acampamento, guardando-o e, neste caso, havia oportunidade maior de se encontrarem.

71

Passou o dia em casa e não dormiu bem. Teve sonhos estranhos e acordou agitada. Mas o plano estava de pé. Ficou monitorando o movimento e controlando o fluxo de acesso à arena. Quando diminuiu, saiu e caminhou para o acampamento. No caminho, amedrontada, pensou em voltar. Venceu o medo e seguiu em frente. Ao vê-lo novamente, teve o impulso de dar meia volta e fugir dali, mas foi em frente. Tevold o observava. Aproximou-se mais.

- Posso ajudar, senhorita?

- Queria me desculpar por ontem. Na hora, fiquei assustada. Se não se importar, poderíamos conversar um instante a sós?

Mira fez sinal ao ajudante e indicou a jovem o pequeno toldo, onde

havia lugares para se sentar, acompanhando-a.

- Estou à disposição, senhorita.

- Tevold, por favor, não finja que não me conhece. Sabe quem em sou e o que fiz. Arrependo-me muito e é por isso que estou aqui. Sei que não mereço perdão, mas mesmo assim vim lhe pedir que me perdoe. Agi errado, mas não posso consertar o que foi feito. Não penso em mim, mas no meu pai, na minha família, que cairia em desgraça. Tenho de viver com as minhas decisões. Eu o amei e ainda amo. E posso dizer que, embora errada, o que fiz foi por amor. Nunca quis lhe causar mal, mas o que pretendia foi muito além. Queria tê-lo a meu lado e vê-lo partir foi a pior punição que recebi. Sei que deve me odiar pela farsa que montei. Me perdoe. Prometo que nunca mais me verá ou ouvirá falar de mim.

- Desculpe, senhorita. Não sei do que está falando. Meu nome é Mira na Moana. Sou dos homens livres, simples guardião. Deve ter me confundido com outro. Não tenho nada a perdoá-la. Se estou sendo rude, peço desculpa, mas não poderia enganá-la. Se fez alguma coisa contra quem chamou de Tevold, não sou ele. Não tem de me pedir perdão. Não posso perdoá-la por algo que não me fez.

Vaara ficou sem fala, como se congelada, apenas olhando para Mira. Simplesmente não acreditava no que ouvira. Tevold, mais uma vez, a estava enganando. Certamente iria aproximar-se de Anika no Quarup. Sem perdão, sua vida não teria sentido. Quase como autômata, levantou-se e, sem dizer palavra, deixou o acampamento. Mira a ficou observando afastar-se e voltou a seu posto. Quem o olhasse diria que nada havia acontecido de diferente, que tudo era rotina. Mas as aparências são enganosas.

“Como posso ser tão estúpida. Como achei que seria perdoada se destruí a vida dele”. Ao mesmo tempo em que se sentia inútil, Vaara viu a oportunidade de remendar a situação. Se não podia promover a volta de Tevold à Liga sem desonrar-se e à família, tinha de encontrar meio de aliviar-se da culpa. Mas a quem poderia ajuda-la? Covar, que a tinha apoiado e acreditado nela, não era opção. Angustiada, lembrou-se do julgamento e do que Anika lhe disser ao final dele, após a expul-

são de Tevold. Ao passar pela rival, ela segurou seu braço, aproximou-se e lhe disse ao ouvido, cheia de raivas: “Sua vaca, você conseguiu o que queria. Mas isso a deixará amaldiçoada para sempre”. Largou-a e foi falar com Tevold. Ouviu parte do que disse e o que fixou foi a promessa de esperá-lo. Pelo menos havia esperança, coisa que não tinha. Sem saber o que fazer, voltou para casa, de novo atirou-se na cama e chorou amargamente. Exausta emocionalmente, acabou dormindo. Acordou com barulho de alguém entrando na casa, o que a assustou. Era a mãe chegando. Tinha de lhe contar.

- Mãe, pode vir aqui. Tenho algo para lhe contar.

Preocupada, a mãe correu para atendê-la e novamente não gostou do que viu. Alguma coisa dera errado, o que indicava que o encontro não fora o que a filha esperava. Sentou-se do lado de Vaara e puxou-a para ela, fazendo com que se recostasse no seu ombro.

- Mãe, quero contar uma coisa. Por favor, não me interrompa. Depois, pergunte o que quiser. Quando terminar, quero que me diga o que posso fazer. É algo muito ruim. Nem você nem o papai irão gostar. Não tenho coragem de falar com ele, mas você pode fazer isso, depois que souber da história. Acho que vai me aliviar, embora tema as consequências da confissão que farei.

73

A história saiu quase que como uma avalanche. Primeiro, devagar, depois com mais intensidade. Quase uma hora depois, a mãe tinha os detalhes da armação contra Tevold e descoberto as mentiras da filha, que induzira a amiga a apoiá-la. Estava estarelecida, pois tinha sido, de modo indireto, também responsável pelo que acontecera. Afinal, fora quem contara ao marido a história de assédio, confirmada por Covar. Embarcara na mentira e levara à condenação de um inocente. Tinha verdadeira bomba sobre o colo e precisava lidar com ela. Tinha de corrigir o erro, mas precisava evitar que a desgraça caísse sobre a família.

Só tinha uma saída. Precisava conversar com o marido.

A MUDANÇA DE LUGAR

Conte fora o primeiro homem livre com quem o jovem guardião havia se encontrado, o que fora providencial no momento de medo, abandono e solidão em que se encontrava. Experiente, ele o acolhera, dera-lhe um nome e lhe ensinara o que sabia.

Graças a ele e à sua indicação, tinha conseguido o seu primeiro posto. E graças à sua companhia havia chegado a Caturama sem problema. Embora jovem, Conte fora criado na estrada, conhecendo tudo, sabendo onde parar, que locais evitar e como se relacionar com o povo nômade e os homens livres, que, na visão dele – e depois na do jovem cavaleiro – não eram verdadeiramente livres.

74

Conte era surpreendente. Mulherengo, gastador, galante, metido a feiticeiro e bardo, havia se transformado quase em lenda ao longo do grande caminho, sozinho, acompanhando caravanas e trupes. Tinha amigos – e desafetos – em todos os lugares. O jovem cavaleiro fora apenas mais um dos que acolhera e ensinara. Só que, com o passar do tempo, o discípulo havia superado o mestre. Mira tinha com Conte dívida impagável, coisa sobre a qual o amigo fazia troça. Ainda no posto, viu Conte se aproximando e sorriu.

- E então, o que o bonitão fez para despertar o interesse de duas lindas mulheres. Acho que saíram daqui com o coração destrocado. Cuidado, belo, sabe que Ekeko não gosta de problemas.

Conte estava apenas o provocando e a amizade lhe permitia fazer isso. Ninguém mais, por mais próximo que fosse dele, faria tal provocação. O amigo estava certo. Ekeko não gostava de problemas. E ele, de arrasar o coração das mulheres. Ao longo do caminho tivera casos, mas mantinha-se cuidadoso, principalmente para não envolver vida pessoal com os negócios. O cuidado era redobrado quando visitavam

as nações de Maravilha, com regras estritas, algumas das quais implantara no grupo. Quebrá-las, principalmente com mulheres, podia arruinar os negócios, daí o cuidado de Ekeko e dele próprio.

- Conte, sabe que nunca me envolvo com mulheres das nações. Elas podem se atirar na minha cama que vou devolvê-las intactas, mesmo que as tenha de amarrar para que isso seja feito. Parece até que não me conhece.

Conte deu sonora gargalhada. Sim, sabia. Fora um dos responsáveis por esta postura do ex-discípulo e agora seu chefe, pelo menos formalmente, pois eram muito próximos, quase irmãos. Mas mesmo a ligação estreita não fazia Mira falar de sua origem. Era como se houvesse um vazio ou barreira intransponível. A vida do amigo parecia ter começado no momento em que o encontrara, meio perdido pelo caminho. Mas Conte conhecia algumas coisas sobre Mira e, coletando informações, foi ligando os pontos.

- Mira tome cuidado. O seu passado pode lhe matar. Embora não fale nele, sei de algumas coisas e tenho ouvido outras. Sabe que sou amigo, mas há coisas, irmão, que não podemos fazer por mais amigos que sejamos. Não crie situações que não pode controlar. Se tiver problema, estou aqui, disposto a ficar do seu lado. Mas só posso ajudá-lo se souber o que é.

- Está imaginando coisas. Falei com as duas mulheres. Também falei com o kara sobre uma delas. A outra quase me atropelou e depois veio de procurar. Nos dois casos, fui confundido com outro. Não posso impedir que me confundam. Já aconteceu antes. Não tenho e nem quero nada com elas. Na verdade, quero é dar o fora daqui, voltando para a estrada. Acho que vou deixá-lo no comando e me antecipar, preparando a próxima parada.

Conte sabia que Mira nunca se envolvia com gente das nações, mas sentia que estava escondendo algo. Sua intuição nunca falhara e aprendera a confiar nela. Graças ao feeling havia saído de situações difíceis. Mira era ótimo profissional e grande pessoa, mas era muito confiante. E Conte via na confiança excessiva o caminho de problemas. Iria ficar de olho no amigo, cobrindo-lhe as costas. O “chefe”, como muitas

vezes o chamava, acabara de sair. Na guarda, viu a aproximação de alguém, que identificou como abá ao ficar mais próximo.

- Boa tarde. Gostaria de falar com um dos seus companheiros.

- Somos vários, abá. Você tem um nome. Isso facilitaria as coisas.

- Tenho sim, está anotado. Já vejo e te digo. Ah, aqui está. O nome é Mira na Moana.

- Lamento, abá, mas acabou de deixar o acampamento e não sei quando volta. Se assim o desejar posso dar o recado quando retornar.

- Faça isso, por favor. Diga-lhe que o mauá Davit zu Amanu quer lhe falar e que deve procura-lo na Liga Vivá.

- Algum problema com o Mira, abá? O que veio trazer é um convite, convocação ou intimação? O meu chefe irá querer saber.

- Nenhum problema, guardião. O mauá quer apenas conversar com o seu chefe.

76 As coisas estavam ficando estranhas. Após o aparecimento da primeira mulher Mira foi chamado para falar com o kara, fato inusitado. E depois lhe aparece outra e recebe chamado diferente. Definitivamente, havia algo no ar, mas não tinha pista do que poderia ser. Conte não gostava da Liga e de seus integrantes, então não teria pressa de transmitir o recado. Talvez – se fosse mesmo para a próxima parada – até o esquecesse, acreditando que livraria o amigo de encrencas. Mas não foi o que aconteceu. Mira voltou e foi direto ao assunto, perguntando sobre a visita do abá.

- Um tal de Davit, da Liga Vivá, quer lhe falar e pediu que vá procurá-lo. Essa gente é estranha. Se quer falar com você, por que não vem aqui.

- São as autoridades, Conte. E não tenho problema em ir falar com ele. Conversar não tira pedaço. Como já lhe disse inúmeras vezes não tenho nada a temer.

- Mira, leve alguém com você, apenas por precaução. Como dizia meu velho avô, caldo de galinha e cautela não fazem mal a ninguém. E você sabe, dois se viram melhor do que um, no caso de haver necessi-

dade.

- Conte, provavelmente o homem me fará uma ou duas perguntas e me mandará de volta. Vou procurá-lo. Cuide das coisas até que volte. Mas apenas para satisfazer o seu ceticismo: Se não voltar, é quem está no comando.

Sem esperar resposta, afastou-se em direção a aldeia. Se fosse algum problema, queria resolvê-lo logo, evitando o envolvimento de Ekeko. Era responsável pela segurança e se a questão envolvia alguns dos seus, não ficaria satisfeito até que fosse solucionada. Se o assunto fosse relacionado a Ekeko, levaria a questão ao chefe da caravana para que decidisse. Não adia decisões. Na caminhada ficou pensando o que poderia ter acontecido.

Chegou à cidadela, anunciou-se e o que viera fazer, aguardando por alguns minutos. Logo, o mesmo jovem que o havia procurado veio recebê-lo e o conduziu à presença do mauá. Bateu na porta, abriu-a e indicou que entrasse. Davit zu Amanu estava de pé e lhe estendeu a mão, que Mira apertou. Por indicação dele, sentou-se e esperou.

77

- Obrigado por vir. Este não é um encontro oficial e na verdade nada tem a ver com a Liga. É algo pessoal e gostaria de pedir e que o teor da conversa ficasse só entre nós dois. Posso contar com sua descrição?

Mira apenas acenou em concordância e continuou aguardando. O mauá o observou durante alguns segundos.

- Jovem, vou ser direto: Você é Tevold bê Anambê? Gostaria que fosse sincero comigo.

- Como deve saber, meu nome é Mira na Moana. Sou um homem livre e guardião que tem sua própria companhia, atualmente trabalhando para o mercador Ekeko, com contrato de três anos. Como vê, não pertencço às nações e meu nome mostra bem isso. Não sou, portanto, Tevold bê Anambê, seja ele quem for.

Uma das coisas que Conte lhe ensinara bem era não ir além do que lhe perguntavam. Neste caso, certamente o mauá teria esperado questionamento sobre a razão da abordagem e da pergunta, mas Mira

nada disse. Aprendera que essa atitude muitas vezes deixava as pessoas meio desconcertadas e acaba abreviando as conversas, sempre em seu favor. Com amigos, com a sua trupe, era expansivo, mas nestes encontros, principalmente quando se tratava das autoridades das nações, era extremamente seco e lacônico.

- Em princípio acredito em você. Mas tenho de fazer uma verificação e se não é Tevold, como diz, certamente não se importará com ela. Pode, por favor, tirar a camisa por um instante?. Não posso obrigá-lo, mas é a maneira de saber se possui ou não um sinal particular de nascença. Se o tiver, ele o identificará como Tevold bê Anambê. Se não, terei certeza que não é ele.

Ao ter a ideia, Davit achou que o jovem iria se recusar. Entre os povos das nações isso seria pedido incomum, mas se surpreendeu vendo que levantava, abria a camisa e a tirava, esperando ser examinado. A ação foi tão rápida que o mauá levou tempo para reagir. Então, se aproximou fazendo um círculo em volta de Mira e observando, com mais cuidado, suas costas.

78 - Obrigado, Mira. Estou satisfeito. Desculpe-me pelo que pedi. Se quiser, pode se retirar.

Mira colocou a camisa, fechou-a, arrumou-se e, de forma descontraída deixou o escritório do mauá. Ao sair, tinha um leve sorriso. Ao ver o jovem sair, Davit se sentou e ficou olhando na direção de uma das portas do escritório, vendo-a ser aberta e Vaara entrou. Olhou-a de modo severo e perguntou:

- E então, está satisfeita? Você me faz passar por bobo. Quando a história se espalhar – e tenha certeza que isso ocorrerá – todos rirão de mim. Estou decepcionado. Decidi que voltará para Caapor junto com sua mãe, ficando lá até que diga o contrário. Vou limpar essa sujeira sozinho.

A filha esboçou uma resposta, mas não disse nada. Nada que dissesse seria levada em consideração pelo pai. Ficara zangado com o que a mãe de Vaara lhe contara, mas aceitou checar a segunda história da filha, depois de lhe garantir que o jovem era Tevold. Disse-lhe, ainda, que era fácil comprovar, já que tinha marca de nascença nas costas.

Acabara passando, mais uma vez, por mentirosa. Vendo a raiva do pai, abaixou a cabeça e saiu. Davit continuou sentado e pensativo por longo tempo.

Ficara enraivecido com a filha, mas foi se acalmando. Ao deixar o escritório, avisou que não voltaria.

- Sei o que vou fazer, pensou.

E deixou a cidadela.

O ENCONTRO FRUSTRADO

Motoia do Marana tinha orgulho de pertencer à Liga Vivá e encarava como honroso o fato de vir reforçar a cidadela local enquanto se dava a realização do Quarup. Não era a primeira vez que tinha sido deslocado da guarnição de Anambê, o que não era incomum, mas o fato de isso ser diretamente relacionado às maiores comemorações de Maravilha o deixava orgulhoso. Festa tradicional, o Quarup acabou se transformando na maior festividade do planeta, atraindo gente de todos os lugares, representando oportunidade de encontro, de troca de experiência, de comércio e de negócios. E havia outro aspecto, prezado muito pelos jovens – e Motoia era um deles – que era a oportunidade de arranjar uma pretendente. De encontros nas festividades surgiam muitos casamentos. Pessoalmente, não estava assim tão interessado em casar-se, mas na cidadela havia outros, mais jovens que ele, que já tinham assumido este compromisso, o que era considerado saudável e acabava, mesmo que de forma indireta, contribuindo para uma promoção.

E foi pensando em conhecer novas pessoas que Motoia, de folga, dirigiu-se à arena, onde as lutas do ucauca ficavam mais empolgantes, aproximando-se das definições dos finalistas. Como abá, tinha acesso livre à arena e, embora não tivesse privilégio para a escolha de lugares, acabou achando um vago, muito bem colocado, que lhe dava ótima visão da arena principal e lhe permitia acompanhar o que estava acontecendo nas arquibancadas.

Um dos detalhes que chamou sua atenção foi a presença de mercadores. Nada tinha contra eles, mas considerava – e isso era uma postura geral na Liga – que se aproveitavam dos povos das nações e fora este sentimento que levou a Liga a propor a criação de espécie de pedágio, o que acabou sendo acolhido pelo Conselho das Nações. Seria

a sua corporação que iria coletar o tributo, fazendo valer a decisão do Conselho. Pessoalmente, não gostava da nova tarefa, mas não tinha como recusá-la. A decisão não era dele. Louro, alto e atlético, a figura de Motoia se destacava, chamando a atenção das mulheres. Gostava disso, embora lhe lembrasse outro tempo, quando o seu melhor amigo e companheiro despertava mais atenção.

Correndo os olhos pela plateia, Motoia acompanhou a chegada de Ekeko à arena, considerado o mais importante mercador de Maravilha. Mas não foi o comerciante que lhe chamou a atenção, mas o seu acompanhante. Ficou com a impressão de o conhecer. De longe, lembrava muito o seu melhor amigo. “Não pode ser”, pensou. Afinal, Tevold bê Anembê, que já fora zo Parka, havia sido excluído da Liga e proibido de regressar ao território das nações. A exclusão, feita de maneira desonrosa para o amigo, ainda lhe doía, pois tinha certeza que era inocente. Como outros integrantes da Liga nada podia fazer. Estavam sujeitos a regras rígidas, as acusações contra o amigo eram sérias e não conseguiu provar que eram falsas. Sequer tinha um álibi que colocasse em dúvida o que as testemunhas disseram. E para piorar, uma delas era filha de um dos mauás da Liga Viva, o que só agravara o que tinha feito. Vista de longe, a figura era muito parecida, mas Motoia considerou que muitos anembês eram altos. Precisava aproximar-se e checar. O que faria se constatasse que era o amigo e companheiro? Pelas regras da Liga teria de denunciá-lo. Se o fizesse, seria declarado proscrito, o que significava transformar-se em ninguém, uma pessoa que era considerada tabu, mesmo entre os homens livres, que não seguiam as regras das nações.

81

Entre a inação, o dever e a curiosidade, a última venceu. Desde que o amigo fora expulso, nunca mais ouvira falar dele. Encontrava-se às vezes com Anika, que nada mais soubera do seu paradeiro. Ela também estava acompanhando o Quarup. Mas será que o vira? E se o tivesse encontrado, o que faria? Era melhor não especular. Tinha que checar se era mesmo o amigo. Assim, deixou seu lugar e começou a caminhar pela plateia em direção ao local onde Ekeko estava, junto de outros comerciantes, alguns também acompanhados de guardiões.

Motoia achava isso ridículo, pois não havia registro de mercadores,

viajantes ou qualquer outra pessoa ser atacada por gente das nações, mas os senhores de caravana temiam ser roubados e, por isso, mesmo em locais públicos com ampla segurança, como a arena, ainda carregavam seus guardiões, o que parecia ser o caso do jovem que acompanhava Ekeko. Aos poucos, foi se aproximando e descobriu um lugar vago, muito próximo do jovem que avistara à distância. Sentou-se quieto e o ficou observando à distância de apenas dois assentos, sem que desse conta da sua presença.

- Mira, sei que aprendeu ucauca. Então, quem acha que ganhará a luta?

- Ekeko, qualquer coisa que disser será simplesmente um palpite. Não conheço os lutadores e, por isso, não tenho como avaliá-los. Mas embora tenha aprendido a lutar, nunca me dediquei a ela. Não posso ser considerado um especialista. Vou lhe dar minha preferência, que é pelo lutador cocamar.

Motoia viu o largo sorriso do comerciante, mas o que lhe interessou foi o que o jovem dissera. Se era quem pensava, sabia lutar muito bem, pois fora campeão na tribo e só não seguira adiante por ser aceito na Liga. Nela, ninguém ousava lhe desafiar, pois o risco de derrota era grande. Tevold tinha sido um grande lutador de ucauca, forte, rápido e com ótima técnica. Se seu palpite era favorável ao cocamar, devia ganhar.

A conversa trouxe a Motoia a memória sonora da fala do amigo. O que ouviu era diferente, mas como havia tempo que não via e não conversava com o amigo, era natural que mudasse. Mais próximo, as semelhanças eram grandes, mas não tinha visto o guardião de frente, então não tinha certeza. Como a luta havia começado, concentrou-se nela acompanhando os movimentos dos lutadores, o esforço de cada um e lembrando-se do treinamento com o amigo, que lhe propusera ensinar as técnicas. Não as aprendeu, mas pelo menos sabia o que estava acontecendo na arena. Normalmente, o desfecho da luta era rápido, mas esta estava bem equilibrada e prolongou-se um pouco mais, até que o cocamar fez um movimento falso, levando o adversário a se proteger de um dos lados. Ele atacou do outro e, em questão de segundos, colocou-o com as costas no chão. Havia vencido a luta. Ekeko virou-

-se, olhou o guardião, acenou-lhe positivamente e sorriu.

Entre as lutas havia pequeno intervalo e muitos se levantaram. O guardião foi um deles, correndo, como Motoia fizera antes, os olhos pela plateia. O abá seguiu seus movimentos e o viu olhando em direção ao camarote do kara Amer no Taliba, acompanhado da esposa e da filha. Foram apenas alguns segundos, mas não tinha dúvida que as estava olhando. Depois, continuou, como se procurasse mais alguém no meio da assistência e, fazendo o giro, acabou ficando de frente para ele.

Motoia levantou-se, colocando-se diretamente em frente a visão do guardião. Não havia como não ser olhado, mas o olhar do outro passou por ele, como se nunca o tivesse visto. “É ele”, pensou. Tevold, seu companheiro e amigo, estava diferente, mais maduro, com um ar mais sério. A pouca diferença que tinha em relação ao “velho” Tevold era o bigode e o cavanhaque, muito bem cuidados. Motoia sentiu um estremezimento e, ao mesmo tempo, uma corrente elétrica percorrer o corpo. Tinha de falar com ele, mas não podia – e nem queria – despertar suspeitas. Com cuidado, aproximou-se.

83

- Guardião, podíamos conversar por alguns momentos? Se não puder ser agora, devido às suas obrigações, poderíamos nos encontrar outra hora? Se quiser, vou até o seu acampamento. Hoje é meu dia de folga.

- Se for uma coisa rápida, abá, podemos conversar aqui. O Ekeko quer ver algumas outras lutas e posso ser chamado a qualquer momento.

- Preferia, se não se incomodar, que fosse uma conversa privada. É algo que não gostaria que outros tomassem conhecimento. Como lhe disse, estou de folga. Não tem nada a ver com minhas obrigações ou com a Liga. É algo pessoal.

O guardião iria acompanhar Ekeko nas lutas e, depois, em alguns encontros, mas estaria disponível na parte da tarde e poderia ser encontrado no acampamento, pois o comerciante a reservara para receber clientes que considerava importantes, dentre eles Veico em Embiá, um dos integrantes do Conselho de sua nação.

- Podemos conversar à tarde e não é preciso marcar. Se não me encontrar, é só falar com um dos meus auxiliares que serei chamado.

Motoia concordou. Depois que voltaram a se sentar, ficou pensando no diálogo e analisando o comportamento do guardião. Bom observador, não vira nele nenhum tipo de reação que indicasse que o tinha reconhecido. Nisso estava diferente. Como é que alguém poderia se transformar assim? Um dos ensinamentos da Liga era o autocontrole, mas o que vira no amigo ia além disso. Não houve uma única piscadela, o dilatar de um olho ou o mais leve sinal de desconforto. Foi um diálogo absolutamente frio, sem nenhum envolvimento emocional. E pelo que conhecia de Tevold, de frio não tinha nada, sendo até muito emocional, o que lhe causou alguns problemas, antes da corporação e nela.

As lutas seguiram e o tempo passou. Ekeko e outros comerciantes saíram, o mesmo fazendo os outros espectadores, sendo Motoia um deles. Cada um tomaria o seu rumo e o dele era retornar à cidadela, cuidar de se alimentar, fazer hora e, mais no meio da tarde, procurar o acampamento de Ekeko e ter a conversa que achava importante. Quando saía da arena, sem querer, esbarrou em uma jovem e apressou-se em se desculpar.

- Motoia, que bom te ver. Não sabia que estava aqui. Pelo menos tenho alguém conhecido e amigo no meio desta multidão.

- Olá, Anika. Eu a tinha visto de longe, na arena, em companhia do seu pai. Não achei que fosse encontrá-la, muito menos que quase a derrubasse.

Na adolescência, disputara a atenção da jovem filha da kara com Tevold, mas desde muito cedo ela mostrou sua preferência pelo amigo. Isso não impediu que desenvolvessem amizade e os três eram frequentemente vistos juntos. Quando decidiram se inscrever na Liga, Anika não gostou, mas acabou sendo convencida. Foi Motoia que a apresentou a Vaara e a Covar, com as quais, em tempos diferentes, teve um pequeno namoro.

Na época, o pai de Anika era apenas o kara da aldeia, não da Liga. Ao ser escolhido para o Conselho da Liga, todos ficaram mais pró-

ximos e se viam regularmente, quase todos os dias. Se as coisas não tivessem desandado – como aconteceram – Anika e Tevold certamente já estariam casados e Motoia poderia ser “tio”. Mas tudo dera errado. Anika afastou-se. Vaara e Covar o evitavam. Acabou redirecionando suas amizades, mas era bom encontrá-la e ver que estava bem, apesar de tudo. Motoia teve o impulso de perguntar a Anika se tinha visto o guardião e se, como ele, não pensara tratar-se de Tevold, mas o código da Liga o proibia até de falar o nome do amigo excluído, mas tinha certeza que isso pesava sobre os dois. Ele e a jovem conversaram rapidamente e cada um seguiu o seu rumo.

À tarde, depois do almoço e da sesta, Motoia deixou a cidadela, circulou um pouco pela praça, conversando esporadicamente com alguns conhecidos, viu a ação de seus colegas de corporação e aproveitou para tomar informações de onde era o acampamento do mercador Ekeko, dirigindo-se a ele. No caminho, lembrou-se de que, no diálogo na arena, não havia perguntado ao guardião o nome que usava. Como iria identificá-lo? Ao chegar, daria um jeito, nem que tivesse de ir a cada um dos guardiões que trabalhavam para o comerciante. Chegando ao perímetro do acampamento, sua visão de especialista indicou que era bem guardado. A exemplo da cidadela tinha apenas uma entrada e era vigiada. De longe, o guardião em serviço parecia ser seu amigo, alto, louro e atlético como ele. Ao chegar, viu que não, encontrando-se diante de alguém mais velho. Ele o olhou atentamente e abriu um largo sorriso.

85

- Já sei, abá. Veio procurar o Mira, não é?

- Sim, vim procurar um dos guardiões. Como é que sabia? Aliás, não sei o nome dele. Será que é Mira?

- Talvez seja, talvez não. Pode me fazer uma descrição.

- Posso, mas não acho que irá adiantar muito. Encontrei-o na arena, acompanhando o Ekeko. Por isso julgo que seja o chefe dos guardiões, mas posso estar errado.

- Você está certo, abá. O Mira acompanhou o Ekeko no torneio. Combinou este encontro com ele? Pode me dar o seu nome?

- Sim, guardião. Conversamos rapidamente e me pediu que viesse

ao acampamento. Pode avisá-lo que estou aqui? Eu sou Motoia do Marana.

A sentinela fez sinal a outro guardião, próximo, deixou o posto e seguiu para o interior do acampamento. Alguns segundos depois, retornou.

- Abá, o Mira o irá receber na sua tenda. Nanna, leve-o ao Mira.

O jovem que antes tinha ficado de guarda postou-se ao lado de Motoia e o conduziu pelo labirinto do acampamento, o maior que já tinha visto. Em um dos cantos, bem afastado da porta principal e das principais carroças, estavam as barracas dos guardiões, dispostas em círculo. Não havia movimento, mas foram direto para uma delas. Quando se aproximaram, ela se abriu.

- Obrigado, Nanna. Pode deixar que agora tomo conta do abá.

O guardião fez sinal ao abá para que entrasse. A barraca era simples, mas confortável. Os dois sentaram-se e Mira ficou observando Motoia em silêncio, talvez esperando que tomasse a iniciativa. Os dois se encararam durante um bom tempo.

- Você queria conversar, abá. Aqui podemos falar livremente.

- Não sei se conhece as regras da Liga Vivá, mas elas são muito rígidas. O que vou lhe dizer, como afirmei, é pessoal. Mesmo assim, se meus superiores souberem que conversei sobre isso, com certeza acabarei recebendo punição. Foi por isso que pedi que nos encontrássemos a sós e o que falássemos em particular. Permita que lhe conte uma pequena história.

O abá lembrou sua infância, juventude e os primeiros tempos na Liga, falando de um amigo que o acompanhou durante esse tempo e que, injustamente, acabou perdendo o seu posto, sendo expulso da corporação e exilado, o que lhe fez perder, também, a mulher que amava. O nome do amigo, quando eram jovens e antes da Liga, tinha sido Tevold bê Anembê. Na Liga, como abá, fora zo Parka. Havia se passado muito tempo desde que fora exilado, mas julgava que, agora, o tinha reencontrado. E era isso o que queria falar.

- Tevold, você está um pouco diferente, sobretudo sua voz não soa como antigamente. Mas não tenho dúvidas que é você. Fique tranquilo, pois continuo seu amigo e ninguém saberá que arranjou um novo nome, é guardião e quebrou a proibição de frequentar as terras das nações.

- Desculpe, abá, mas está equivocado. A história que me contou nada tem a ver com o que fui um dia. Não teria problema em ser seu amigo, mas não sou a pessoa que julga. Sou um homem livre e nunca tive outro nome que não o meu atual, Mira na Moana. Não o conheci. Não fomos amigos. Nunca tive uma namorada entre mulheres das nações e, mais do que tudo, não pertenci à Liga, então não posso ter sido excluído dela. Lamento tirar suas esperanças, mas está inteiramente equivocado.

A firmeza do guardião deixou o abá em dúvida e, durante algum tempo, ficou em silêncio, como se estivesse processando o que ouvira.

- Certo, não posso contestar isso. Mas gostaria de lhe pedir um favor e se o atender, confirmará ou não o que me disse. Se não lhe for desonroso, gostaria de ver se tem um sinal de nascença próximo da costela.

87

Sem dizer uma única palavra o guardião ficou de pé e levantou sua camisa, dando uma volta sobre si mesmo, observado com atenção por Motoia.

- Como pode ver, abá, não tenho marca de nascença e isso confirma o que lhe disse. Não sou Tevold, mas apenas guardião, vindo dos homens livres. Posso até parecer com ele – mas existem muitos homens parecidos neste mundo de Nanderu - mas parecer não é o mesmo que ser. Satisfeito?

Motoia não tinha mais nada a dizer. Enganara-se. Talvez o desejo de rever o amigo o fizesse vê-lo no guardião, mas a inexistência da marca provara que os dois não eram a mesma pessoa. Meio envergonhado, acabou se desculpando com Mira e lhe agradeceu por o receber. Em um gesto que achou emblemático, o guardião lhe estendeu a mão e apertou a sua fortemente.

- Não tenho nada a esconder, Motoia. Se quiser conversar sobre

outras coisas, é só me procurar.

De costas para o guardião, frustrado e caminhando em direção a saída, o abá não pode ver o sorriso de Mira, que parecia satisfeito.

A MORTE DA ESPERANÇA

Veico em Embiá tinha uma informação que muitos poucos sabiam: seria o próximo representante dos embiaras no Conselho das Nações de Maravilha. Tornara-se proeminente e fora um dos que contribuíram para a liberalização dos costumes entre seu povo, inclusive com boa acolhida aos comerciantes. O intercâmbio tinha sido proveitoso para os dois lados e isso o tinha aproximado de alguns deles, principalmente de Ekeko, que o ajudara na aproximação com os homens livres e, também, com o povo nômade. Entre os seus – e entre as nações – Veico era considerado culto, estudioso das origens do povo de Maravilha, conhecedor profundo de sua mitologia, de suas leis e da medicina nativa. Era, ainda, considerado excelente organizador e líder respeitado. E isso tinha lhe dado destaque no Conselho Embiá, suas opiniões eram respeitadas, levando-o à indicação para o Conselho das Nações. Após assumir, iria propor – e tentar aprovar – a flexibilização das regras de relacionamento com os homens livres e aproximação com o povo nômade. No primeiro caso, precisaria da ajuda de Ekeko.

O mercador não vira como inusitado a visita de Veico, mas ficou curioso. Respeitava o conselheiro, tinha boa relação com ele, mas pensava que havia se colocado em caminho que não o levaria onde queria. Sugerira isso, mas não entendera. O problema não eram as ideias, mas a velocidade com que queria implantá-las. É verdade que os embiaras tinham feito muitas conquistas, mas nunca foram tão presos às tradições que o conselheiro conhecia bem. Ideias progressistas eram facilmente aceitas, até por ter a nação e as tribos lucrados com elas, mas seria diferente em relação as outras tribos e nações, Ekeko não tinha dúvida. O que não tinha decidido, ainda, é o que diria a Veico. Da mesma forma que tinha boas relações com ele, também as tinha com as outras nações e não iria mudar o todo para atender apenas uma

parte. Olhava primeiro os seus interesses e estes lhe diziam, de forma clara, que não devia tomar partido. Como o diálogo poderia ser difícil, queria uma testemunhas e convocou Mira para acompanhá-lo. Juntos, aguardaram a chegada do visitante.

- Conselheiro, seja bem vindo. Sinto-me honrado por sua visita. Sente-se, por favor, e se sirva. Quero lhe apresentar o Mira, que comanda minha segurança. Se não se importar, gostaria que participasse de nossa conversa, pois seus conselhos podem ser valiosos. Apesar de jovem, tem uma vasta experiência. Ah, e não se preocupe, pois é da minha mais estrita confiança. O que disser estará em segurança.

- Embora o que vou dizer não seja segredo, peço que mantenha reservado. É algo que nos interessa a todos, nações e povo livre. Gostaria de ouvir sua opinião, Ekeko, e ver no que podemos agir juntos, eu do lado as nações e, você, junto aos homens livres, principalmente, influenciando os mercadores, que podem influenciar os outros.

90

Veico lhes fez, então, uma explanação sobre o seu projeto, mas antes lhe contou que, em breve, estaria integrando o Conselho das Nações. Queria, em primeiro lugar, que o Conselho fosse ampliado, ganhando representantes das tribos e das etnias, democratizando suas decisões e, ao mesmo tempo, as alinhando mais com o desejo do povo, não apenas de um pequeno grupo de líderes que, há muito tempo, estavam afastado do dia a dia de suas aldeias, tribos ou nações.

Citando a história antiga do povo de Maravilha, Veico falou, também, na instituição de uma moeda única, um valor monetário que facilitaria as trocas e que poderia ser administrada em conjunto com a criação de um organismo comum com representantes dos povos das nações, dos homens livres e do povo nômade. A ação não seria feita a curto prazo, sendo implantada aos poucos, proporcionando o progresso de Maravilha. Além disso, também desejava implantar leis gerais, válidas para os três povos, o que iria facilitar o relacionamento entre eles. Cada item foi minuciosamente explanado pelo conselheiro.

- Agora que sabem dos meus planos, gostaria de ouvi-lo, Ekeko, e ao seu jovem conselheiro. Vocês acham que é possível fazer o que pretendo?

- Conselheiro, acho boa a ideia da moeda única, pois o sistema de hoje é complicado, com valores diferentes para cada bem, o que torna mais difícil as conversões. Não tenho, contudo, meios de afirmar se uma autoridade única seria bem aceita, tanto entre os homens livres, quando entre o povo nômade.

O mercador fez uma pausa, tomou um pouco de água, e continuou. Não via condições para a adoção de leis únicas devido as diferenças entre os povos. Os integrantes das nações já tinham regras gerais e as respeitavam, mas entre os homens livres e o povo nômade, as coisas eram diferentes. Citou a existência de prostíbulos nas cidades dos homens livres, o que era inconcebível no território das nações.

- Conselheiro, tenho viajado por Maravilha há alguns anos e, no dia a dia, tenho contato com os povos das nações, com homens livres e também com o povo nômade. O que vejo são mais diferenças que identidade. Costumes e hábitos são coisas difíceis de mudar.

Atento, Mina acompanhava a conversa e torcia para que nem Ekeko, nem o conselheiro pedissem sua opinião. Não considerava que fosse fazer diferença. Ouvir, sim, pois significava informações e estas lhe eram úteis em suas tarefas. Mas opinar, principalmente em relação a um homem poderoso, era arriscado. Se não gostasse do que diria, quem poderia sofrer as consequências seria seu empregador. Não entendia a razão de estar ali, embora soubesse que Ekeko queria uma testemunha que, no caso de uma necessidade no futuro, pudesse confirmar o que disse. Teve a esperança de passar incólume, mas não conseguiu.

- E você, jovem, o que me diz? Gostaria de ouvir sua opinião. Pode falar francamente. É exatamente isso o que desejo.

Mira olhou primeiro para Ekeko, que discretamente lhe acenou com a cabeça. Depois, virou-se para o conselheiro, mas ficou ainda durante algum tempo em silêncio.

- Conselheiro, gostaria que me desculpasse se disser algo inadequado, que pode ser devido ao meu desconhecimento e inexperiência. Como Ekeko, acho boa a ideia da moeda comum e penso que seria bem aceita pelos homens livres. Tenho dúvidas quanto aos outros pontos.

Mira poderia ter lhe dito que a convivência com os povos das tribos lhe dava certeza de que enfrentaria grandes resistências, mas achou desnecessário. Se o fizesse, teria de explicar-se e não queria. Considerava sua posição de ouvinte e quando menos falasse, melhor. Deixaria a iniciativa para Veico e Ekeko, os atores principais. Quando terminassem, o que fosse decidido seria implementado pelos dois. Continuará coadjuvante. Com um pouco mais de informações, é certo, mas nem por isso transformado em ator principal. Como bom ouvinte – e a maior parte do tempo em silêncio – acompanhou a longa conversa. Já era o final da tarde quando o conselheiro deixou o acampamento. Assim que Veico em Embiá saiu, Mira preparou-se para deixar a carroça de Ekeko, mas foi surpreendido.

- Mira, você foi diplomático com o conselheiro, eu sei. Mas se o chamei aqui não foi apenas para tê-lo como testemunha. Quero sua opinião sincera sobre as propostas de Veico. Eu já sabia que iria para o Conselho das Nações e conhecendo suas ideias progressistas, imaginei que iria me propor alguma coisa, pedindo que o ajudasse. E então, o que acha?

92

- Gosto das ideias dele, mas acho que, delas, apenas a moeda comum tem alguma chance. Temos viajado por aldeias, tribos, cidades e nações. As pessoas não querem mudar. Em sua maioria, estão satisfeitas com o que tem e seguras de suas crenças e costumes. Sempre que alguém vai de encontro a elas, reagem. Ninguém quer mudar o seu modo de vida.

Os dois conversaram mais algum tempo. Ekeko lhe disse que defenderia a ideia da moeda comum, algo que, como ele, achava interessante e que seria benéfico para o comércio. Como Mira, era cético em relação aos outros pontos e não via como poderia ajudar. Se o conselheiro insistisse, acabaria levando a questão aos outros comerciantes, mas que Veico achasse outros mensageiros para o povo nômade.

- Não quero, não posso e não vou me meter na política das nações. Apesar de pacificadas, as tribos e nações tem diferenças, julgando, em alguns casos, que são melhores que as outras. Ofendê-las significa menos negócios, mais problemas. Gostaria de ver maior integração, mas não pretendo me envolver na sua construção. Em determinado

momento, que espero seja em futuro distante, terei de dizer ao Conselheiro. A propósito e para sua informação, decidi ficar mais um dia aqui. Depois, vamos nos mover adiante.

Ao longo de sua vida, Mira havia passado por várias mudanças, fizera muitas coisas, tivera muitas atividades e sempre aprendera com elas. Talvez por isso – e por se considerar de mente aberta – não temesse a mudança, mas não era o mesmo com as outras pessoas. Ali mesmo, com Ekeko, a norma prevalecia. Era-lhe cômodo repetir o que sempre fizera, sem necessidade de adaptar-se a novas regras. E era assim também com a grande maioria, principalmente entre os povos das nações, submetidos a muitas regras que, diziam, eram ancestrais. A tradição era difícil de quebrar, mesmo que fosse usada a feitiçaria. E os feiticeiros eram os primeiros a quererem manter sua tradição, que lhes dava influência. Se o mundo fosse mais racional, os feiticeiros perderiam seu poder. A grande política não fazia parte do seu mundo, não tinha interesse nela. Iria cuidar de suas coisas e seguir em frente.

- Ah, vejo então que o jovem guardião virou gente importante e até participa de reuniões com o chefe.

93

Mira virou-se em direção à voz de Conte e o viu sorrindo, divertido. Desde que o conhecera, era um brincalhão e pretendia, muitas vezes, ser mordaz. Ao longo dos anos tornara-se o mais próximo possível de um amigo íntimo. “Ele me conhece bem demais e isso não é bom”, pensou Mira devolvendo-lhe o sorriso e se aproximando, pois estava no caminho da barraca e do acampamento dos guardiões. Conte não perdeu a oportunidade e passou o braço sobre o ombro de Mira, abraçando-o e o apertando contra o seu corpo.

- E então, chefe, vai me contar o que houve ou vou ter de adivinhar. O que está acontecendo, afinal?

- Vou lhe dizer, mas isto só vai lhe deixar mais curioso. Acabei de ver a morte da esperança.

Mira viu a cara de espanto de Conte, livrou-se dele e entrou sorridente em sua barraca. Pensava não no encontro, mas no futuro.

A VOLTA DA ESPERANÇA

O ciclo das caravanas havia passado, o final do ano estava chegando e não mais haveria novidades. O Conselho das Nações sempre fazia recesso nos dois últimos meses do ano, permitindo que os conselheiros retornassem às suas aldeias, comemorando o Ano Novo com familiares. Na família de Amer no Taliba não era diferente. Suas obrigações o deixara por um bom tempo sem ver os familiares. Queria estar com seus pais, os irmãos, reunir os sobrinhos, ver o que haviam feito e lhes contar o que fez. Era uma família grande com vários filhos, netos e até alguns bisnetos, netos de seus irmãos mais velhos. Seria, ainda, a oportunidade de Anika ficar em um meio que a deixava à vontade, em que não era cobrada por nada ou ninguém. Depois do incidente com o jovem guardião, ficou ainda mais isolada e triste. Chegou a propor que voltasse à aldeia, ficando com os tios, mas não aceitou. Continuaría com a família e viajaria com eles quando o fizessem, como sempre tinha feito. Tinha ao mesmo tempo ansiado e temido a viagem, pois teria de explicar, de novo, o fato de continuar solteira, quando a consideravam ótimo partido. Primos e primas mais novos já estavam casados e alguns até tinham filhos.

Nos últimos anos a convivência com a família lhe proporcionava os poucos momentos de alegria e de felicidades, embora zangada com as brincadeiras envolvendo Tevold, chamado de “cavaleiro ausente” para provocá-la. Subjacente à família, havia outro motivo para a volta: na aldeia estavam os lugares da infância, do primeiro beijo e onde, contrariando todas as regras, fizera amor pela primeira vez, segredo nunca revelado. Só duas pessoas sabiam disso. Ela e Tevold. Os outros sequer imaginavam que pudessem ter feito “algo tão indecente” antes do casamento. Ao se lembrar, sorriu. Crescera ao lado de Tevold, mas só muito mais tarde fora notada por ele. Sofrera por ser vista apenas

como amiga, mas acabara triunfando, conquistando o jovem mais desejado da aldeia, o que tinha sido em vão. Traído, fora obrigado a deixá-la. Ficou novamente só, desejando tê-lo ao lado, mas impotente para satisfazer seu desejo.

Perdida nos pensamentos, não viu a carroça aproximar-se da aldeia. Na praça, não eram só os parentes reunidos, mas também amigos do pai – e pessoas que nada tinham com ele, mas que vinham lhe prestar homenagem. Nunca gostara de aglomerações e menos agora. Sabia que as meninas a chamavam de “jovem viúva”, referência à perda do futuro marido. Não se importava. Amava Tevold e tinha certeza que continuaria amando por toda vida. Era uma exceção. Mas tinha o direito de fazer o que quisesse e ninguém lhe poderia dizer o contrário. Apesar de saber dos comentários maldosos, sentia-se à vontade no meio da família e foi festejada por ela. Com primos e primas, fugiu de todos os salamaleques feitos ao pai. Tinham muito o que conversar, o que contar. Queria saber da vida local e teria de falar da sua vida longe dali. Esses encontros lhe proporcionavam um pouco da felicidade que um dia sentira e lhe dava ânimo para enfrentar seus problemas. Ali, podia relaxar e isso a levava a envolver-se inteiramente com a família.

95

- Nika, você sabe que tem uma trupe na aldeia com um excelente mágico? Podíamos ir vê-lo. O que me diz?

A proposta havia sido feita por uma das primas e reforçada por outros. No tempo que seu pai estava no Conselho tinha visto bons mágicos, mas nenhum das trupes que eram costumeiras nas aldeias e que faziam a diversão de todos com suas peças ingênuas. Acompanhar o espetáculo a lembraria da infância e da juventude, quando a família se reunia para este tipo de diversão. Depois, fez isso com Tevold. Seria a oportunidade de rir um pouco, de espiarescer e acabou aceitando o convite. O grupo chegou adiantado e escolheu lugar estratégico para acompanhar o espetáculo. Anika riu da apresentação dos fantoches, uma paródia da atuação de uma bruxa que queria enfeitiçar a bela moça, impedindo que se casasse. O número do mágico foi colocado estrategicamente no meio da apresentação, depois de todos estarem envolvidos e ainda bem dispostos. No palco, alguém passou pela cortina e se dirigiu ao público.

- Senhoras e Senhores, tenho a honra de apresentar o maior mágico de Maravilha. Eneima, o grande mágico de mil caras, vai lhes deixar maravilhados. Quem já o viu, será surpreendido. E quem ainda não o viu, ficará ainda mais surpreso com a sua incrível mágica. Preparem-se. Com você, o grande mágico Eneima!

O apresentador retornou à coxia e as cortinas foram se abrindo aos poucos. O público, interessado, acompanhava para ver o que aconteceria. Surpresos, o que viram foi o palco vazio. No meio dele, como se estivesse pendurada, a grande capa vermelha estava aberta. Mais nada. Do lado de Anika, veio a observação que a capa estava sendo desamarrada, mas que não se via ninguém. E foi então que apareceu as mãos que desatavam o nó, flutuando no ar. Era um belo truque, que arrancou um Oh! de muita gente.

Só que não parou por aí. As mãos ganharam braços e com eles vieram os ombros, ampliando a imagem até que diante da plateia estivesse um jovem louro, alto, com cabelos compridos, barba espessa e um bigode engraçado. O detalha é que a capa que retirara, flutuava no ar, sem estar segura em nada. A pequena multidão aplaudiu. O mágico, que ficara parado, se mexeu, passando por detrás da capa. Quando resurgiu no palco, estava diferente. Os longos cabelos, a barba e o bigode haviam sumido. A roupa era a mesma. Anika estava certa de que via outra pessoa, surpreendida pela transformação ocorrida no palco.

A plateia tinha sido conquistada e viu o mágico, aos poucos, retornar ao que fora, com longos cabelos, barba e bigode e, de novo, mudar, não mais para um careca, mas para alguém que parecia velho, curvado, de capuz e se apoiando no cajado. E foi mudando, transformando-se em outras pessoas. A cada mudança vinha novo Oh! da audiência. Quase ovacionado, voltou para trás da capa, ainda flutuando, e a puxou. Colocou-a nos ombros e a amarrou, de jeito que ficasse firme e caminhou para a frente do palco. Parado próximo da borda, olhou para os lados e, com gestos medidos e teatrais, foi se enrolando na capa, deixando apenas a cabeça descoberta. O que faria? Disse alto umas palavras complicadas que ninguém entendeu e, no final delas, simplesmente desapareceu. Outro Oh! e nova espera. Onde é que o mágico tinha ido. Anika curiosa – como todos na plateia - notou que

havia alguém ao seu lado, virou a cabeça e o mágico lhe sorria. Antes que fosse identificado, aproximou-se e num sussurro lhe disse alguma coisa, que só ela ouviu. E voltou a sumir.

O número terminou muito aplaudido e com pedido de bis. O espetáculo continua, mas Anika quis ir para casa. Sua cabeça latejava e se sentia ansiosa, repassando o que o mágico lhe disse e que ninguém percebeu. Precisava saber se era verdade ou não. E só podia comprovar se fosse para casa, a seu quarto. Lá teria de abrir gaveta interna do armário pessoal e encontrar o envelope. Seus acompanhantes não a atenderam, mesmo dizendo-se cansada. Primos e primas pediram que esperasse um pouco mais. Cedeu.

Ao chegar, disse que iria descansar e direto para o quarto. Fechou e trancou a porta. Ao tentar abrir o armário, descobriu que estava trancado. Precisava encontrar a chave, mas, nervosa não se lembrava de onde a tinha colocado. Procurou e não a achou. Abriu gavetas, olhou no bolso das roupas, revirou suas coisas de maquiagem e higiene e nada da chave. A procura aumentava a ansiedade e o nervosismo. Irritada, pensou em arrebentar a porta do armário, mas mudou de ideia. Parou, respirou fundo e tentou se acalmar. Sentou-se na cama e tentou pensar claramente. Onde é que a chave poderia estar? Será que a mãe que a trancara? Ao voltar o olhar novamente para o armário, passou pela mesa de cabeceira e viu a gaveta. Abriu-a e lá estava a tão desejada chave.

97

Com o coração acelerado, levantou-se, deu dois passos, colocou a chave na fechadura e a abriu a porta do armário. Meio trêmula, esticou a mão e, devagar, quase em câmera lenta, puxou a gaveta que devia estar vazia. O tempo parecia congelado. Com a gaveta meio aberta, a borda de um envelope apareceu. Puxou com força, quase arrancando a gaveta e viu o envelope dos mais comuns. Ao virá-lo, viu nome escrito. Tremeu ao identificar a letra e teve de voltar à cama e se sentar antes abri-lo. Com cuidado, rasgou uma das bordas e retirou o papel cuidadosamente dobrado, que podia ser o bilhete. Ao tocá-lo, sentiu-se paralisada. Ficou olhando, sem coragem de abrir.

Se o mágico disse a verdade, seria boa notícia. Por um momento imaginou se não seria troça. Os primos podiam ter combinado com

o mágico, pregando-lhe uma peça. Se fosse, ficaria muito zangada. Sentada e indecisa, pensou em milhões de coisas. Era como visse um filme em alta velocidade, cheio de imagens que lhe traziam boas e más lembranças.

“Seja o que Nanderu quiser”, pensou e começou a desdobrar o papel.

Ao tê-lo aberto, não o conseguia ler. Ali existiam palavras, mas não conseguia focá-las. Respirou fundo várias vezes para se acalmar e voltou os olhos para o bilhete, lendo-o.

“Nika,

Achei um jeito de recuperar meus direitos. Não vai ser fácil, pois mexerá com muita gente. Não podem me impedir, pois o que pedirei está baseado na lei e na tradição das nações.

Queria que soubesse. Não faça e nem diga nada a ninguém. Tem de ser uma surpresa.

98 *Amor, voltarei, como prometi. Vou limpar meu nome. Assim, podemos construir o nosso sonho.*

Confie em mim.

Te amo.

Teve”

Ao terminar a leitura seu rosto estava molhado pelas lágrimas. Ter Tevold ao seu lado era tudo o que desejava. Mas será que não passava de uma brincadeira?. Para se certificar, teria de voltar ao mágico, confrontá-lo e lhe perguntar como e onde foi que obteve o bilhete e como entrou no seu quarto. Olhou as horas e viu que era tarde. Tinha de adiar a conversa para o dia seguinte.

Pela manhã e de forma aparentemente despreocupada saiu andando e foi se aproximando da praça principal, onde os carroções da trupe estavam estacionados. Ao se aproximar do acampamento, perguntou pelo mágico e lhe indicaram sua carroça. O mágico estava sentado à porta, como se a aguardasse.

- Senhorita em que posso ajuda-la?

- Será que podemos conversar em particular? Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se não se importar. Elas são importantes para mim.

O mágico assentiu e sugeriu que caminhassem, o que aceitou. Ao se afastarem, foi direta e perguntou-lhe como tinha obtido o bilhete que lhe fora entregue.

- Senhorita, tudo tem uma história e isso não é diferente. Se me permite, posso contá-la e, talvez, entenda o que fiz e como foi feito.

Todos os anos, ao término da temporada, a Carana, trupe a que o mágico pertencia, retornava a Caturama, base da maioria dos participantes. Fora lá na cidade, aliás, que se unira a ela. Antes de ser convidado, não era conhecido e ganhava a vida com várias coisas, uma delas atuando como mágico em uma taberna da cidade. O que ganhava o ajudava a viver, se não fartamente, pelo menos bem. Um dia, terminada sua apresentação foi procurado pelo feiticeiro – não sabiam seu nome, mas era muito conhecido na cidade. Estranhou a abordagem, mas um bom feitiço não lhe faria mal.

99

“Eneima”, disse-lhe o feiticeiro, “nos próximos dias Alton, que chefia uma boa trupe, virá à taberna. Está chegando à cidade e com ele, fácil de identificar, estará um jovem alto, louro, bem apessoado, que se veste como cavaleiro e que é conhecido, fora daqui, como cavaleiro errante. Não faça nada, mas capriche na apresentação”.

O feiticeiro lhe disse que seria convidado a integrar a trupe e o aconselhou a aceitar, mas não de imediato, pedindo tempo para pensar. Após o convite, deveria procurá-lo. O que o feiticeiro antecipara aconteceu uma semana depois. Lembrava-se bem. Era quinta-feira e a taberna estava lotada. Caprichou no show e viu o interesse de Alton. Terminou aplaudido e com pedido de bis. Normalmente, após ter terminado passava pela cozinha e jantava, antes de ir para casa. Neste dia foi diferente. Quando deixava o palco o cavaleiro errante o interceptou, convidando-o a sentar-se à sua mesa, pois Alton queria lhe falar. Foi uma boa conversa, embora tenha sido crivado de perguntas. O chefe da trupe o elogiou e perguntou se não gostaria de juntar-se a

eles, fazendo o circuito das nações, aldeias e tribos.

- Posso garantir que fará sucesso e ganhará bem.

Alimentado e com o ego satisfeito, foi para casa. Na manhã seguinte, procurou o feiticeiro. Foi recebido e se surpreendeu ao vê-lo acompanhado de outro jovem, muito parecido com o cavaleiro errante. O feiticeiro o apresentou como guardião.

- É amigo íntimo do cavaleiro errante e falou do seu show, incentivando-o a levar Alton à taberna. Imaginou que ao ver o espetáculo, seria convidado para a trupe. É claro que dei pequena ajuda, mas se não fosse o ele não teria esta oportunidade.

O convite para vir vê-lo tinha dois motivos. O primeiro, era que poderiam aproveitar o tempo de Alton em Caturama – pouco mais de dois meses a cada ano – para lhe ensinar novos truques, que lhe seriam úteis nas apresentações e lhe ajudaria a fazer sucesso. O segundo é que o guardião tinha um favor a pedir, mas antes iria lhe contar a pequena história.

100

Há tempos, que não precisou, havia encontrado por acaso um jovem anembê, que havia sido expulso das nações e alegava ser inocente, embora não tivesse como provar sua inocência, e o ajudara e havia se tornado guardião de sucesso. Os dois se encontravam com frequência e seu amigo sempre falava da antiga namorada, embora achasse que não mais a veria. A situação havia mudado na volta das caravanas a Caturama. O amigo lhe contara que descobrira jeito de reverter sua punição e pediu sua ajuda. Ele o trouxera ao feiticeiro e este o ajudara a alinhar a defesa, tomando por base a tradição e leis antigas das nações. O amigo seria ouvido e teria uma oportunidade de reverter a punição. Mas queria, antes, avisar a namorada, preparando-a e, ao mesmo tempo, lhe devolvendo a esperança, que perdera há muito tempo.

- É aqui que eu entro.

Como seria feito? O amigo escreveu um bilhete, em poder do guardião. Caberia ao mágico entregá-lo. Não era obrigado a fazer isso, mas seria a retribuição pelo que o mago lhe ensinaria e lhe proporcionaram. Não iria correr risco. O guardião disse-lhe como proceder. No final do ano a trupe chegaria à aldeia Anembê onde a namorada do

seu amigo tinha vivido e a qual voltaria. Indicou-lhe a casa da família, fechada boa parte do ano, e lhe disse como ter acesso a ela. Ao chegar ao quarto deveria colocar a carta na gaveta do armário. O último ato era aproximar-se da jovem durante o espetáculo e pedir que procurasse o bilhete. E o feiticeiro que lhe diria como fazer.

- Eneima, muita gente não crê em feitiços, mas posso dizer que são efetivos e funcionam. Em dois meses vou lhe ensinar alguns, que poderá usar no espetáculo. Aprendendo, poderá, por exemplo, desaparecer de um e aparecer em outro lugar. Irá usá-lo para se aproximar da jovem. Ninguém notará e em poucos segundos voltará ao palco.

Os feitiços melhorariam as apresentações, tornando-as inesquecíveis, garantia de sucesso. O mágico, ao aceitar, passaria a integrar o “grande acordo”, grupo que se ajudava mutuamente.

- Não precisa dizer se aceita agora. Pense bem. Tem três dias para se decidir. Se aceitar, me procure. Se não vier, sei que não aceitou.

Ao deixar a casa o mágico sentia-se desafiado e amedrontado. Quem eram essas pessoas, capazes de influenciar outras que não tinham visto? Que poderes o feiticeiro tinha? De certa forma, não se importava. O que tinha ouvido sobre o feiticeiro – recém chegado a Caturama – é que só fazia o bem. Estava intrigado e curioso. Não precisou de mais que um dia para se decidir. Retornou ao feiticeiro, aceitou a tarefa e começou o treinamento. Tinha aceitado a oferta de Alton e, no final do treinamento, quando a caravana se preparava para partir, foi procurado pelo guardião.

- Fiz o planejamento da temporada de Alton e, com isso, assegurei que passarão o final do ano na aldeia anembê. Aqui está a carta que entregará. Guarde-a como a coisa mais importante da vida. Não tente, pois não conseguirá abri-la, mesmo que queira. Só quem pode fazer isso é a pessoa a que está destinada. Seu trabalho é apenas a entregar. Ao fazer isso, ficará com crédito conosco. Nós lhe deveremos um favor.

Com a história terminando, confessou ter tentado abrir a carta, mas como havia lhe dito o guardião, não conseguiu. E tal como dissera, o roteiro coincidiu inteiramente e não teve dificuldade de encontrar a

casa, entrar e colocar o envelope. Tinha um feitiço pronto, que usou uma única vez.

- Cumpri o prometido. O que irá acontecer? Não sei. Nem o feiticeiro, nem o guardião me disseram mais nada. Ao aceitar a tarefa, perguntei o que significava para os dois. “Nada”, me disse o guardião. “Mas para meu amigo e para a destinatária do bilhete, muito. Significa a volta da esperança”.

O mágico ficou em silêncio. Observando a jovem e via a emoção nos seus olhos. A carta ou bilhete, qualquer que fosse o significado, a tinha afetado, era o que seu gestual dizia claramente. Tomara que a revelação fosse para o bem.

- Eneima, muito obrigado. Não tem ideia do bem que me fez. Vou lhe ser grata pelo resto da vida. O que o guardião lhe disse é verdadeiro. A carta me trouxe uma nova esperança que, espero, seja em breve concretizada, mas sobre cuja concretização não tenho controle. Só me resta acreditar no feiticeiro.

Calmamente, e parecendo muito mais serena, virou-se e caminhou em direção à aldeia.



A DESCOBERTA E A DESDITA

A MUDANÇA DO JOGO

Muitos anos haviam se passado desde a expulsão de Tevold da Liga Vivá e ninguém tinha mais ouvido falar dele. Nas nações, a vida continuava plácida, como sempre, mas havia curiosidade disfarçada sobre o destino do ex-abá. Não fora o primeiro a ser exilado, mas era o único sobre quem pendia a acusação de desonra. Apesar disso, muitos ainda consideravam-no amigos e gostariam de saber do seu paradeiro. Alguns chegaram até discretamente perguntar a integrantes de caravanas e trupes, mas não havia nenhuma informação. Nem mesmo em Catu-rama, para onde deveria ter ido, tinha sido visto. Quem deveria procurar afirmava não ter sido procurado. O mistério era total. E certamente continuaria pela próxima temporada.

As caravanas e as trupes estavam retornando, o que aumentava o movimento nas tabernas, acrescentando caras conhecidas e outras totalmente estranhas. Alguns chamavam atenção. Outros, procuravam passar despercebidos, como era o caso do jovem louro que, sentado afastado, aguardava ser servido. Havia ocupado mesa com quatro lugares, mas encontrava-se sozinho. No burburinho da taberna, ninguém prestou atenção a ele e, por isso, não viram seus acompanhantes chegarem. Dois pareciam guardiões. O terceiro, podia ser comerciante ou integrante de trupe, mas de longe não era possível defini-lo. A cada um deles o jovem levantava-se e o abraçava, sorridente. Os quatro conversavam quando foram surpreendidos por uma quinta presença. Aparentemente, quem chegou não era esperado e foi preciso puxar cadeira extra para acomodá-los.

O barulho do local não permitia que ouvissem o que diziam e contavam com isso, falando baixo e muito próximos um dos outros.

Comuns, não chamavam atenção e esse fora o propósito de se encontrarem ali, no local e na posição em que estavam. Conversaram, comeram e beberam. Ninguém prestou atenção quando deixaram a taberna. Os primeiros a saírem foram os guardiões. Logo depois, o que parecia comerciante. O jovem louro e seu último amigo ficaram um tempo a mais e saíram juntos, conversando de forma displicente e sorrindo, como se estivessem falando sobre alguma coisa engraçada. Assim que chegaram à rua, o comportamento dos dois mudou. Tornaram-se sérios e caminharam apressadamente e em silêncio, parando de vez em quando, como se estivessem tomando fôlego.

Após cruzarem várias ruas chegaram ao bairro nobre de Caturama e se dirigiram à uma casa grande, que ficava na esquina, tinha quintal grande e era bem protegida por muros altos. O jovem louro enfiou a mão no bolso, tirou a chave e abriu o portão. Ao transporem a entrada, os dois relaxaram. Ali, poderiam ser eles mesmos e falar francamente, sem necessidade de disfarces ou de engodos. Tinham muito que conversar e aproveitariam o tempo. O acompanhante do jovem louro deixaria a cidade no dia seguinte e era preciso que ao sair tivesse o máximo de informações. Só assim poderia suceder no que iria fazer.

105

- Como foi que, neste tempo, encarnou seu personagem?

À pergunta, o jovem louro sorriu. Tinha sido fácil, principalmente devido aos truques que aprendera ao longo dos últimos anos.

- Acho que o personagem está consolidado e que ninguém o irá questionar. Isso me deu ampla liberdade de movimento e me permitiu a aproximação com as pessoas mais influentes das nações e de Caturama. A gama de informações que tenho é muito grande, mas há uma que se destaca e representa a abertura que sempre procuramos.

- Vejo otimismo nisso? Há tempo que não o vejo tão animado. Parece que, finalmente, entendeu o que procurei lhe ensinar. Não são apenas truques, mas a internalização de comportamentos, mudanças de posturas, jeito de falar, cabelo, barba e roupas. Usando-as de forma apropriada podemos ter a cara que desejamos, transformando-nos em outras pessoas. Acho que seu aprendizado acabou. Não tenho nada mais para lhe ensinar. Chegou a hora de promovermos a mudança do jogo.

Os dois conversaram longamente, com o jovem louro falando mais do que o outro. Uma das informações que deu foi da escolha de Veico em Embiá para integrar o Conselho das Nações. Era progressista, tinha ideias avançadas, mas ao mesmo tempo, extremamente apegado às tradições dos Escritos, os princípios fundacionais das cinco nações. De tudo que tinha ouvido, poderia considerá-lo íntegro e com ótimo senso de justiça. Era liderança festejada entre os Embiás, participara do Conselho da nação e foram indicado para o Conselho nacional por unanimidade.

- O conselheiro tem ótima persona pública. Jovem, reto, simples e ativo. Foi o que o tornou conhecido e popular entre o seu povo. No entanto, há outro lado que pouca gente conhece, o seu misticismo e o fato de pertencer ao Círculo Moreta, ocupando grau elevado. A informação que obtive é que integra o Conselho do Círculo da nação Embiá. Esta é a abertura que precisávamos.

- Tem certeza da participação dele? Se for verdade, realmente temos a abertura. O Círculo é muito descentralizado, com conselhos em vários níveis. Neles, a participação não se dá por posição, mas por conhecimento. Se o conselheiro está no Conselho, é bem avançado, o que facilita a abordagem e o convencimento. A informação é ótima.

O Círculo Moreta era a maior sociedade mística de Maravilha. A designação fora feita em homenagem ao fundador das nações, Areta ka Moreta, responsável pela compilação dos princípios elencados nos Escritos. Estes princípios tinham base prática, com diretrizes e leis a serem seguidas, mas havia neles, também, parte mística, devido a revelação que Moreta afirmava ter recebido, pregando que todos deveriam procurar a iluminação e dando-lhes o caminho para chegar a ela. Era o caminho que o Círculo seguia.

E também o que podiam explorar.

- Vamos dormir. Seu quarto está preparado. Saio logo cedo, mas não preciso dizer. Sabe o que tem de fazer.

* * * * *

Cerca de um mês após o encontro com o jovem louro em Catura-ma, o desconhecido encontrava-se na antessala do gabinete do conse-

lheiro Veico em Embiá. Chegara no início do expediente, apresentara-se à recepção do Conselho e seguiu para o encontro. Ao atendente, anunciou o motivo de sua visita e pediu que entregasse um envelope ao conselheiro. Sentou-se e ficou aguardando não mais que cinco minutos. O atendente retornou e o convidou a entrar.

- Bom dia, conselheiro. Obrigado por me receber. Sei que deve estar curioso. Vou esclarecer. Antes, no entanto, gostaria me posicionar e ao que vim aqui fazer.

- Agradeceria se fosse breve, pois tenho agenda apertada para hoje.

- Serei, conselheiro. Mas estou certo que irá se interessar pelo que disser.

A história que o desconhecido contou era a de Tevold be Anambê, concentrando-se nos detalhes do julgamento a que foi submetido e às consequências dele: desonra e exílio. Pesou contra ele o fato de sua acusadora ser filha de mauá, tendo sido quem levou a questão ao Conselho da Liga Vivá, exigindo o julgamento e a expulsão do abá. Nem mesmo o kara, com cuja filha estava prometida ao jovem abá, pode fazer nada e acabou sendo aquele que retirou seu tacape e decretou o exílio. O episódio tinha acontecido há vários anos. Sem alternativas, o jovem havia deixado para trás o que conquistara e amara. Havia sido transformado em ninguém, pelo menos diante do seu povo. Fora um dos que ajudar e acabou transformando-se em amigo. O jovem havia vencido, conquistado um lugar, criado seu próprio negócio e sucedido com ele. Mas ainda lhe faltava retirar a mancha que injustamente lhe puseram.

107

- Resumindo, conselheiro Veico, Tevold tem a história completa, com confissões da trama pelos próprios participantes. O que não tem é como reverter a decisão do Conselho da Liga. E é por isso que aqui estou.

Veico acompanhara a história com interesse, mas não via que papel pudesse desempenhar nela.

- Desculpe-me. Embora lamente que alguém seja condenado sem ter culpa, não vejo o que posso fazer em favor do tal jovem.

O desconhecido sorriu, abriu sua pasta e retirou alguns papéis.

- Peço desculpas, pois pode parecer arrogância, mas aqui está o que pode ser feito. Por favor, leia. É papel mais do que apropriado para alguém que acaba de chegar ao Conselho e quer marcar sua passagem.

Veico pegou os papéis e começou a ler. A medida que ia avançando, ficava mais surpreso. Considerava-se bom conhecedor dos Escritos, mas quem havia preparado as informações ia muito além dele. O caminho a ser tomado era claro. A argumentação muito bem embasada, centrada na ação do próprio Moreta. Havia, ainda, a relação das testemunhas e indicação dos locais e circunstâncias em que confessaram a trama.

- Sou, conselheiro, um desconhecido e talvez por isso tenha algumas dúvidas. Permita-me, então, que vá um pouco além e fale um pouco mais sobre suas atividades. Como integrante do Círculo Moreta está sujeito a um dos seus princípios básicos, que determina a prevalência da verdade sobre tudo e a obrigação dos retos de defendê-la em todos os níveis.

Veico ficou atônito. O desconhecido sorria. E foi adiante.

- No círculo, os iniciados tem parâmetros e, quando mais alto sua posição, mais restritos são. Como integra o Conselho do Círculo na nação Embiá, suas responsabilidades são maiores ainda. E não pode recusar a ação, quando sabe da existência de injustiça, principalmente se tem o meio de corrigi-la, que é apresentá-la ao Conselho das Nações.

- Quem é você? Estou ficando assustado. O que está me dizendo é de conhecimento restrito. Onde foi que soube?

- Conselheiro, o Círculo, no meu caso, não é mistério. Conheço-o muito bem. Conheço quem o integra e aos Conselhos locais, tribais e de nações. Nisso, estou bem à frente. Permita-me mostrar-lhe algo. Peço que me observe atentamente.

Sentado e relaxado, o desconhecido ainda sorria. Levantou a mão e a passou em frente ao rosto. Observando-o, Veico arregalou os olhos, pois via outra pessoa, totalmente diferente que, com gesto idêntico,

voltou ao que era. Sem esboçar qualquer movimento, desvaneceu e sumiu, aparecendo, ainda sentado, na cadeira ao fundo da sala e voltou ao lugar. Nele, começou a levitar, como se força invisível o impulsio-nasse para cima. Baixou suavemente, voltando à posição inicial.

- Esta pequena demonstração não é para assustá-lo, conselheiro, e sim para assegurar que, ao afirmar a possibilidade da ação e da rever-são da punição, tenho certeza dela. Ao mesmo tempo, e indo ao encon-tro dos seus desejos, é o primeiro passo para mudarmos a mentalidade da Liga e das próprias nações, abrindo-as mais. O próximo passo é seu.

O desconhecido começou a se levantar, mas o conselheiro lhe fez sinal para esperar.

- Vejo que sabe muito sobre mim, o que penso e o que faço. Acre-dito no que disse, mas não posso tomar decisão sem antes conhecer o problema. Por isso, peço-lhe algum tempo para decidir. Se concluir que estarei fazendo o certo, não tenha dúvida que levarei adiante. Como faço para lhe contatar?

- Obrigado, conselheiro. Confio no seu julgamento e é por isso que posso lhe dizer quem sou. A maioria me chama de feiticeiro, o que, efetivamente, sou. Mas se precisar de mim, vou deixar meu endereço com o seu atendente. É só me procurar. A propósito, meu nome é Leevi na Kaitala.

Leevi apertou a mão que o conselheiro lhe estendia. Ao deixar o gabinete passou ao atendente seu endereço. Ao sair, sorridente, encon-trou-se com alguém que parecia seu sócia. Diante do olhar inquisidor, apenas balançou a cabeça afirmativamente.

APENAS COADJUVANTE

Os integrantes do Conselho das Nações, sobretudo aqueles que exerciam a função há mais tempo, estranharam o pedido de Veico em Embiá de convocação de sessão extraordinária e que fosse secreta. Por tradição, os encontros do Conselho era público, aberto aos que quisessem acompanhá-los e às deliberações tomadas. O que o representante Anambê ressaltou foi de não haver registro de sessões como a pedida por Veico. Recém-chegado ao Conselho, Veico os surpreendera ao mostrar vasto conhecimento dos Escritos, compilação dos princípios ancestrais que eram base de fundação das nações de Maravilha. Neles, de forma clara a reunião em privado estava prevista, desde que o assunto fosse grave e afetasse a credibilidade das instituições.

O Conselho das Nações reunia-se quatro vezes por semana e algumas dessas sessões eram encerradas rapidamente por falta do que deliberar. Esta rotina era quebrada com a aproximação do Quarup, quando muitos aproveitavam as festividades para levar pleitos e reclamações à apreciação dos Conselheiros. Havia, para estas ocasiões, rito especial, com reuniões diárias e até duas vezes por dias para que os pleitos fossem examinados. Mesmo assim, Veico apresentou o pedido e, submetido à votação, foi aprovado. Estava pronto para apresentar o caso ao Conselho.

- Peço desculpas por submetê-los à minha pressa, conselheiros. Neófito que sou neste Conselho talvez não tenha respeitado, até por desconhecimento, procedimentos para o encaminhamento do pedido. Se assim agi é por considerar que temos um caso grave, que precisamos apreciar o mais rápido possível. Além de envolver a honra da pessoas afeta, mais ainda, a mais tradicional e sólida instituição das nações, a

Liga Vivá. Se me permitem, quero lhes passar por escrito o resumo do caso. Peço que leiam antes que continuemos esta sessão.

Veico levantou-se tendo à mão várias pastas e as colocou, uma a uma, à frente dos conselheiros. Aberta, revelava algumas folhas impressas. Quando retornou a seu lugar, os primeiros a receberem o resumo tinham adiantado a leitura. Esperou que todos terminassem, observando as reações de cada um. A primeira reação veio do grande kará, Amer no Taliba, Presidente do Conselho.

- Conselheiro Veico, o relato é muito grave. Embora só vote em caso de empate considero necessário, sim, apurar a denúncia, verificando as informações. Quero antes deixar claro que minha filha, Anika, foi afetada pela decisão do Conselho da Liga Vivá. Se, como disse, o que houve foi injustiça, este Conselho deve reparar o erro. No entanto, como estou pessoalmente envolvido, quero anunciar, desde já, que no caso de empate na decisão, irei me abster de votar.

Cabia ao presidente do Conselho ordenar a votação, o que fez ao término da leitura do documento pelos conselheiros. Começou a colher os votos, seguindo a ordem de antiguidade e começando pela decana Maiara já Guajá, que apoiou a petição. Os votos seguintes, dos representantes Anambê e de Cocama foram favoráveis à revisão do julgamento. Com quatro votos formava-se a maioria e o assunto seria apreciado.

Como certamente o proponente votaria favorável, o quórum tinha sido atingido, mas Amer no Taliba continuou com a consulta. Caiuá ni Assurini votou favoravelmente, mas o representante de Caapor foi contra, transformando-se na voz discordante do Conselho. Por unanimidade, os conselheiros decidiram que, neste caso, todas as reuniões seriam secreta, exigindo de cada participante, a assinatura de termo de confidencialidade.

No dia seguinte, Veico apresentou ao Conselho o cronograma de audiências, indicando os nomes que seriam ouvidos. A convocação dos depoentes seria oficial, feita pelo Conselho, mas pelas peculiaridades do caso, acabou sendo transformada em convites. Mesmo assim, havia a certeza que não haveria recusas.

- Presidente, conselheiros. O cronograma leva em conta a aproximação do Quarup, que trará à cidade a maioria dos envolvidos nesta questão. Podemos dar celeridade à decisão causando o menor ruído possível. A atenção estará nas festividades, apresentações e lutas do Quarup, o que nos é conveniente.

O cronograma e as convocações foram aprovadas, com voto contra do representante Caapor. Primeiro, seriam ouvidos os que haviam recolhido as evidências que motivaram o caso. Depois, os acusados de premeditarem a desonra. O último a ser ouvido seria o abá exilado. Tomada a decisão, Veico voltou ao gabinete, chamou os auxiliares e começou a tomar providências. A primeira delas, avisar o feiticeiro. Dependia dele para que as engrenagens fossem colocadas em movimento. Não havia mais como parar o processo a partir da concretização das primeiras ações e elas já tinham sido tomadas. Estava iniciando a grande mudança.

Como isso iria afetar o futuro?

* * * * *

112 - Preciso entregar documento ao guardião Conte ou Nemet.

O sentinela viu o jovem se aproximar e ficou aguardando, como se não tivesse nenhum interesse nele, mas ligado no que poderia acontecer.

- Posso saber quem é que está enviando o documento?

- Pode sim, guardião. É Conselho das Nações. É urgente. Minha instrução é só voltar quando for entregue.

Vendo o selo do Conselho no pequeno envelope, o guardião pediu que Conte fosse chamado. Não demorou.

- Sou Conte e soube que tem algo para me entregar?

O mensageiro o examinou com cuidado, como se conferisse detalhes que comprovassem ser quem procurava. Aparentemente, tinha comprovado, pois lhe estendeu o pequeno envelope, que imediatamente abriu. Mensageiro e sentinela viram o espanto no rosto de Conte com a leitura. Ao final, fechou cuidadosamente o envelope e o colocou no bolso. Virando-se para o mensageiro, perguntou:

- Por acaso, conhece o conteúdo do envelope?

- Não, guardião. O que me foi dito era que tinha de entregá-lo a você e a ninguém mais. E que saberia o que fazer. Mas não faço ideia do que contem. Entregar convocações do Conselho é o meu trabalho e de há muito deixei a curiosidade de lado. Mas sei que várias outras mensagens foram enviadas, o que não é incomum. Só que, neste caso, parece que são todas urgentes.

O mensageiro se retirou observado por Conte e pelo sentinela. Ao contrário dele, o guardião estava curioso, mas não iria perguntar. E se perguntasse, não obteria resposta. Conte retornou à tenda, fechou-a e com todo cuidado abriu o envelope retirando, primeiro, o bilhete que lhe fora endereçado e que pedia para que o segundo envelope, contido no primeiro, fosse entregue a Tevold be Anambê.

Poucas pessoas ainda se lembravam de Tevold e, por isso, Conte associou o bilhete e o pedido ao feiticeiro. Sabia que, desde o início, havia se interessado pelo caso do antigo pupilo. Reafirmara isso no último encontro que tiveram, informando que tinha os dados necessários para buscar a reabilitação do abá. O plano estava pronto, só não lhe dissera como faria. Talvez Mira soubesse e na primeira oportunidade iria lhe perguntar, até por precisar dele para cumprir a tarefa que lhe tinha sido dada. Antes, queria saber o que entregaria e ainda com mais cuidado abriu o envelope e seus olhos se arregalaram ao ler o conteúdo, que ficou encarando durante algum tempo. Depois, fechou-o cuidadosamente e o colocou no bolso, protegendo-o.

Conte estava dividido sobre novo julgamento para Tevold. No início, vira o sofrimento do amigo. Com o passar dos anos, no entanto, as coisas haviam mudado e o abá havia desaparecido, dando lugar ao guardião cujo trabalho era reconhecido. As marcas tinham ficado, sobretudo do amor perdido. Mas novo homem surgira, melhor, com mais conhecimento e com universo bem maior que antes. Reviver tudo seria doloroso, principalmente se mesmo reconquistando posto e honra, não reconquistasse a mulher que amava. Ninguém ficava tanto tempo à espera, principalmente quando o antigo amor havia desaparecido. Tevold podia se decepcionar de novo.

O que mais incomodava Conte, em relação as nações, era as regras que existiam para tudo, indo do comportamento à comida e ao vestir. Admitia, a contragosto, que regras eram necessárias, mas defendia que tinham de ser gerais, não específicas. Cada um precisava ser livre para fazer o que bem entendesse e ninguém lhe devia dizer o que comer ou o que vestir. E muito menos como se relacionar com os outros, fosse em nível profissional ou pessoal. Temia que o amigo, saudoso do que não tivera, acabasse aceitando o velho modo de vida, o que seria muito decepcionante. Era livre e queria continuar assim. Quanto a Tevold, não tinha de tomar decisões por ele. Iria procurar Mira e ver como entregar o envelope. A mentira que envolvera o amigo iria ser revelada.

No grande jogo, era apenas ator marginal, mero coadjuvante. Faria o seu papel.

O GRANDE ATO

O plano deu certo e Sami está em Anambê. Mira virou-se ao ouvir a voz de Conte e Nemet e o encarou. O amigo sorriu, enfiou a mão no bolso e retirou o envelope dobrado e o entregou sem dizer palavra. Era típico dele fazer suspense nas coisas mais simples. O jovem, curioso, o desdobrou e leu o conteúdo. Olhou para Conte e, indiferente, voltou a ler, confirmando se tinha entendido corretamente.

- Onde conseguiu isso, Conte? Se é brincadeira, vai ver comigo. Isso é muito sério e não se deve brincar com coisas assim. 115

- Mira, Mira, parece que não me conhece. Sim, gosto de boa brincadeira, mas nunca me viu brincar com coisas sérias, principalmente se envolve um amigo. Não viu o selo do Conselho no papel? Não viu a assinatura no final do texto? O plano funcionou. Agora, cabe a você fazer sua parte. E então, vai ficar aí me olhando com esta cara de espanto?

O que Mira havia recebido de Conte era o salvo conduto endereçado a Tévold bê Anembê, conhecido pelo seu nome abá de Tévold zo Parka, garantindo-lhe livre passagem pelos territórios das nações. E também o tornava intocável. Junto, vinha a convocação para audiência com o Conselheiro Veico em Embiá e, talvez, com os integrantes do Conselho das Nações. O salvo conduto também suspendia temporariamente o exílio do cavaleiro e restaurava sua condição de abá, mas não o integrava à corporação, o que só o Conselho poderia fazer. O documento não estabelecia tempo para o abá se apresentar, mas esperava que fosse no menor prazo.

- Por que isso foi entregue a você, Conte, e não ao Sami?

- Isso eu não sei, mas desconfio que o Sami sabia que estávamos por perto e tenha indicado que o documento me fosse entregue. Deve ter contado a história de que fui uma espécie de tutor do jovem e, por isso, poderia ter acesso a ele.

O que Conte lhe disse fazia sentido, mas não sabíamos até encontrar o feiticeiro e só conseguiríamos fazer isso quando voltassem a Caturama, o que só aconteceria ao término da temporada e ainda faltavam mais dois meses.

- Conte, acho que deveria partir para Caturama e entregar o documento ao Sami. Não posso fazer isso e outro guardião não conseguirá encontrá-lo, já que, nos últimos tempo, não quer ser encontrado, pelo menos não como feiticeiro. Você pode fazer isso?

- Posso, mas não quero. Não inventei esta história. Os responsáveis são você e o Sami. Entrei nisso a contragosto, por ser meu amigo. Conhece minha opinião e continuo achando que o risco é muito grande. Você tem de falar com o feiticeiro e decidir quais serão os próximos passos.

Mira tinha inteira confiança no amigo, sabia que poderia deixá-lo no comando, mas considerava, de outro lado, que como chefe não podia abandonar a caravana. Não podia chegar para Ekeko e lhe dizer que, dois meses antes do término da temporada, estava voltando a Caturama. Por melhor que fosse seu argumento ainda ficava o fato de estar, mesmo que indiretamente, abandonando o cliente. O contrato lhe impunha tarefas e tinha de cuidar da logística e segurança da caravana até o final da temporada.

- Conte, nossa relação com quem acompanhamos é de confiança. Fomos contratados por oferecermos algo que os outros não tem. E este é o nosso diferencial. Não posso simplesmente chegar para o Ekeko e dizer: “Tenho problemas, preciso me mandar”. Não é uma opção. Você poderia ir, mas se não quer, não posso obrigá-lo. O feiticeiro não irá gostar, mas dou conta da insatisfação dele, pode ter certeza.

Virou-se e voltou à tenda, guardando bem o documento. Conte ficou olhando-o, mas não se moveu. Julgava conhecer bem o amigo e

imaginava como se comportaria. Conhecia a história em linhas gerais, mas não os detalhes. Não sabia como se desenvolveria. Temia que o amigo e ex-pupilo se metesse em enrascada. Quanto ao feiticeiro, nenhuma preocupação. O homem tinha mil caras e era capaz de simplesmente desaparecer. Era o tipo de pessoa que você só encontrava se ele quisesse vê-lo. Achava-se capaz de encontrá-lo, mesmo que no fim do mundo. Foi em direção a barraca de Mira e entrou.

- Mira, se quiser mesmo, vou entregar o papel. Sabe, desde o início, que não concordo com o que pretendem fazer. Acho que é furada e que pode causar problemas. O feiticeiro sai de cena, muda de cara e reaparece. Conosco é diferente, mas sabe que farei o que pedir.

- Obrigado, Conte. Me dê um tempo. Quero pensar nisso. De repente me ocorreu que o feiticeiro pode estar querendo exatamente isso, que haja demora, o que lhe dará tempo de tomar outras medidas. Vou pensar e te falo.

Quando Conte deixou a barraca, Mira, pensativo, leu de novo o papel. Havia percorrido as nações algumas vezes, conversara com gente de todo tipo, achava possuir bom conhecimento do povo, mas nunca imaginara que o plano fosse dar certo. Tinha quase tantas dúvidas quando Conte, mas conhecia melhor o homem e sabia que seus recursos eram maiores do que aparentava. A prova era o salvo conduto, tipo de documento que só soube existir depois de conversa com Sami. Lembrava-se bem do que dissera: “Mira, vai ser feito. Nenhum integrante do povo consegue fugir da tradição, principalmente se for princípio estabelecido nos Escritos”. Ao terminar a frase, sorriera indicando o grosso volume que tinha sobre a mesa.

E o documento provava que o feiticeiro estava certo. Talvez fosse melhor dizer que estava certo mais uma vez. Tinha de pensar com cuidado no que faria. Estava tenso e precisava descansar. Deitou-se e procurou posição mais confortável. Acabou adormecendo e acordou com alguém o chamando. Pediu que entrasse e o sentinela lhe disse que havia um “jovem esquisito” lhe procurando. Levantou-se e acompanhou o auxiliar. De longe, avistou o visitante e sorriu.

- O que é que está fazendo aqui? Pelo que me disseram, devia estar

em Anambê.

- Na verdade – e sabe disso – minha profissão é ser surpreendente. E se estou aqui é que preciso falar com você.

Aproximou-se do guardião e lhe deu forte abraço. A proximidade lhe permitiu dar ao amigo a informação que lhe trouxera ali. Alguém queria lhe falar, mas não ali, nem naquela hora. Indicou-lhe o que devia fazer.

- Mira, você tem razão. Estou indo para Anambê, mas ao passar por aqui soube que o Ekeko estava na região e, por isso, você também. Então, decidi vir lhe dar um abraço e saber se está tudo bem.

Ficaram conversando por um bom tempo e o visitante se retirou. Mira voltou à tenda e preparou-se para acompanhar Ekeko em nova negociação. Depois, iriam à arena ver algumas lutas. O roteiro estava pronto e embora sua companhia não fosse necessária, o comerciante achava importante que soubessem da sua segurança, protegendo-o e aos negócios. Mira via a tarefa como encargo, mas era bem pago por ela. Ficaria com ele. Depois, recolhido, atenderia o recado que havia recebido.

118

Era noite fechada quando deixou o acampamento. Quem o visse não identificaria o guardião, mas um integrante do povo, tão comum como todos os outros. Era mais um no meio de todos. Caminhou como se estivesse procurando atrações do Quarup. De forma descontraída e sem pressa foi em direção a periferia da aldeia até chegar à proximidade da casa, tão comum quanto tantas outras. Parou, avaliou o local, observando-o à distância à procura de sinais. Parecia indeciso e era o que queria que vissem. Circulou um pouco, passou em frente da casa olhando-a. Continuou e, como se tivesse decidido, voltou direto para a casa, bateu na porta e entrou.

- Está atrasado. Já era para estar aqui há meia hora. Será que perdeu o senso de tempo?

Não viu nenhum tipo de repreensão na fala, que serviu para lhe guiar pelo aposento, identificando de onde vinha e para onde tinha de ir. No escuro, achou entrou no quarto. À sua espera estava alguém tão jovem e parecido com ele, sorridente. Aproximou-se e se abraçaram,

afastando-se e olhando-se em silêncio por algum tempo. Quem quebrou o “encanto” foi o outro jovem.

- Ah, vejo que foi sensato e tirou a fantasia de guardião. Vamos nos sentar e conversar.

Fracamente iluminado, o ambiente era confortável e agradável. Sentou-se e esperou em silêncio. As perguntas começaram e as respondeu, fazendo relato da movimentação no Quarup, do que tinha visto e ouvido. E a surpresa por ter recebido, através de Conte, o salvo conduto. Pedira-lhe que fosse a Caturama informá-lo da chegada, mas decidira esperar, sendo surpreendido pela chegada do mensageiro que mandara.

- Por que a pressa? Achei que parte do plano era de criar a expectativa, indicando que, talvez, o abá não pudesse ser encontrado.

- A pressa não é minha, mas do conselheiro. Depois que tomou conhecimento da mancha na honra de integrantes da Liga e o desrespeito aos Escritos, levou o assunto ao Conselho. Os conselheiros foi que lhe pediram para encontrar o jovem exilado o mais rápido possível.

- Por que não seguiu para Caturama? O plano era fazer a abordagem, dar a informação, pedir a intervenção do conselheiro e partir.

- Era, mas a reação do conselheiro me fez mudar algumas coisas. Considerou a denúncia e o pedido como muito graves por abalar o prestígio da Liga e pediu que aguardasse, mas mantivesse o segredo. Concordei e dois dias depois fui chamado. Queria saber a quem poderia ser entregue o salvo conduto para que o abá retornasse e fosse ouvido pelo Conselho. Indiquei o Conte, o que serve bem como despistamento. Não chamamos atenção para você e nem para outros personagens que podem aparecer.

O que Mira e o feiticeiro chamavam de Plano de Recuperação da Honra havia sido montado aos poucos, usando pedaços de informações recolhidas em vários pontos das nações e de várias pessoas. Reunidas, davam sentido ao todo, revelando a trama e, mais importante, a forma de agir das lideranças da Liga, agarradas aos privilégios e desconsiderando os princípios dos Escritos, a que a corporação estava submetida. O Conselho considerara que a ação de líderes havia manchado a honra da Liga Vivá e que isso precisava ser corrigido. No processo, o

abá seria a base de toda ação. Iria reaparecer, recuperar posto, tacape e honra, o que reafirmaria os Escritos. No caso do jovem, voltaria à vida sem máculas. No da Liga, viria mudanças que a fariam voltar a agir no interesse da maioria, não de alguns dos seus dirigentes.

- É evidente que o abá terá de aparecer. E é isso o que temos de decidir. Ainda acho – e sei que não concorda – que o Conte continua sendo boa cobertura, mas para criar maior impacto é preciso que vários personagens atuem. Você será o último ou, pensando melhor, o penúltimo, pois ainda temos o abá. Tudo isso precisa ser absolutamente concatenado e preciso do seu senso logístico para que possamos fazer acontecer. Precisamos estar com tudo pronto em dois dias, pois o primeiro ato será no ucauca, com o ex-campeão aparecendo e reclamando sua posição, entrando na disputa a partir das quartas de final.

Mira não precisava de dois dias e disse ao feiticeiro. Poderia traçar o roteiro ali mesmo, começando com a luta e passando às outras partes. Não podia escrever um manual de atuação, pois tudo, no final, estaria na cabeça do feiticeiro, o grande comandante do espetáculo e quem puxava os cordões que moviam os personagens. Os dois conversaram por cerca de três horas. O feiticeiro levou o guardião à porta e, quando o viu saindo, puxou-o pelo braço, olhou-o nos olhos e sorriu.

- O grande ato será no dia seguinte ao do Quarup. O Conselho já está convocado. Então, é preciso que o abá apareça. Fique preparado.

A SEQUÊNCIA DE EVENTOS

O que era feito em apenas um dia aos poucos se transformou em um evento de vários dias, com o Quarup tornando-se, com o passar dos anos, na maior comemoração do povo de Maravilha, mesmo para os que não pertenciam às nações e aos povos nômades, de cuja origem era a celebração. Com a ampliação das comemorações e do interesse por elas, as festividades tornaram-se, também, oportunidade para que comerciantes, trupes, viajantes, cavaleiros errantes, mágicos e feiticeiros a aproveitassem. Era o ponto máximo do ano e oferecia muitas oportunidades, principalmente para trupes e negociantes, que tinham no festival o encerramento da sua temporada. Ao final do Quarup, caravanas e trupes – e os artistas independentes, em sua maioria – retornavam a Caturama para as férias e preparação da nova temporada cujo ponto alto, novamente, era a comemoração. Para eles, era também tempo de dedicarem-se às famílias.

121

Um dos pontos altos do Quarup eram as disputas de ucauca, luta considerada ritual e, ao mesmo tempo, teste de passagem dos jovens para a vida adulta. As disputas atraíam multidões e os campeões locais e nacionais eram considerados quase que como heróis e reverenciados como grandes guerreiros. Com a importância que ganhou, a luta acabou sendo quase que confundida com o próprio quarup, que acabou virando um nome genérico para as comemorações, deixando de lado a sua origem, muito mais simbólica.

Especificamente, o quarup é uma solenidade cujo objetivo é reconciliar os homens com seus ancestrais, prestando-lhe homenagens e propiciando a integração entre as almas e os viventes. Há toda uma simbologia da junção entre o natural e o sobrenatural, uma das ver-

tentes da crença dos integrantes das nações e do povo nômade que se espalhou, também, pelos outros habitantes de Maravilha. Ele continua sendo realizado, reunindo integrantes das nações e do povo nômade, mas sua importância foi sobrepujada pelas lutas, que se transformaram em ponto central das comemorações e o seu ápice sendo a disputa final, que aponta o campeão do Quarup, chamado de “grande guerreiro”. Sendo uma disputa de força, que demonstra a virilidade dos homens, o ucauca não vê muitos campeões defenderem seus títulos. Os poucos que o fizeram, perderam, sobrepujado por lutadores mais novos e melhor preparados, com alguns deles dedicando-se exclusivamente ao treinamento para a disputa.

E foi por isso que o anúncio de que Obajara, conhecido como o “guerreiro liso”, iria lutar chamou a atenção, principalmente por ter vencido a disputa há quatro anos, superando os favoritos, causando admiração, pois era um desconhecido que havia chegado, disputado as eliminatórias e chegara a final, vencendo-a contra todos os prognósticos. Depois do Quarup não se tinha ouvido falar dele. Pelo que se sabia, não voltara às lutas e, mesmo sendo uma figura ímpar, destacando-se pela cabeça completamente raspada, algo incomum em Maravilha, pouco se falava dele.

O princípio do ucauca é que os lutadores tinham de passar pelas eliminatórias, mas havia uma exceção para os campeões, que já entravam na parte final da disputa. O anúncio da volta de Obajara fez com que suas lutas fossem lembradas, chamando mais ainda a atenção para a disputa. Do lado prático, começaram a surgir as apostas sobre suas chances de, novamente, sagrar-se campeão. O grande favorito do ano para os apostadores era da nação Caapor, lutador de ótima técnica e que, no ano, havia vencido todas suas lutas. Assim, se alguém apostasse em Obajara e ele ganhasse, faria, no final, um ótimo dinheiro, dependendo do quando apostasse.

Obajara não fora o único a reaparecer para o Quarup. Aproveitando a grande concentração, as principais trupes também se faziam presentes. Uma delas era a Carana, que novamente apresentava Ereima, o grande mágico, apregoado como sua maior atração, alguém capaz de realizar prodígios como levitar e mudar de um para outro lugar sem

necessidade de sair andando. Seus feitos eram muito comentados e aumentava o interesse por vê-lo se apresentar.

Entremeados à multidão, havia alguns outros personagens conhecidos e muitos, muitos mesmo, anônimos ou queriam o anonimato. Na primeira categoria encontravam-se dois nomes também conhecidos: Jurecê, que era chamado de bardo apaixonado, um cantor errante, divertido e desbocado, que fazia as pessoas rirem, divertindo-as, e Inaiê, o guardião independente, que nunca ficava muito tempo em um trabalho ou lugar e que, exatamente por isso, acabou sendo conhecido como cavaleiro errante.

Tal como Obajara acabara contribuindo para o aumento do interesse nas lutas, a presença de Ereima dera impulso às apresentações da Carana. Além do mágico, havia a apresentação de bonecos e um dos espetáculos de maior sucesso mostrava a desdita de um cavaleiro, desonrado e exilado, que perdera sua amada, mas que conseguira desmontar a mentira contada a seu respeito e voltara, reconquistando-a, com os dois vivendo felizes. Como sempre, haviam histórias, também, sobre feiticeiros – bons e maus – e curandeiros, que também faziam sucesso.

123

As trupes dependiam das contribuições espontâneas do público e quando maior fosse seu sucesso, mais arrecadavam, daí a importância de bons espetáculos, como os de mágica, de bonecos e de cantores, do que se aproveitava o bardo. Obajara, Ereima, Jurecê e Inaiê no entanto, não eram os únicos personagens diferentes presentes às festividades. Conhecidos e anônimos – alguns em busca de fama e conhecimento – existiam muitos outros. Era um grande encontro, incluindo oportunidades para os espertos e charlatões.

No meio, havia sempre alguém que buscava, de propósito, fugir dos holofotes. Um deles era Apoena, que um dia fora conhecido como o curandeiro jovem, fizera fama e sumira. Mesmo os que o tinham visto e haviam sido assistido por ele, se o encontrassem possivelmente não o reconheceriam. E isso, principalmente, por não querer ser reconhecido. No quarup, especificamente, ele buscava outro objetivo e só iria alcançá-lo se continuasse anônimo. Apoena, no entanto, não era o único a disfarçar-se, fugindo do que fora. Havia, andando entre os que

vinham para as festividades, outro nome conhecido – ou pelo menos, temido. Tratava-se do feiticeiro. Ele não precisava buscar o anonimato, pois embora muitos falassem dos seus feitos, poucos sabiam como era, verdadeiramente. E isso fazia com que Sami pudesse andar tranquilamente, à vista de todos, igual a qualquer outro anônimo. Era o que queria, pois isso lhe dava toda liberdade de que precisava.

O que seis diferentes personagens que tinham se tornado conhecido em Maravilha faziam, ao mesmo tempo, na nação Anambé e no quarup?

Ninguém tinha feito esta pergunta.

Era comum que coisas diferentes acontecessem durante as festividades e, talvez por isso, ninguém reparara que eles nunca tinham aparecido ao mesmo tempo em um único lugar. Quem deles se lembrava, se confrontado, confirmaria que nunca os tinha visto no mesmo local ao mesmo tempo. E havia mais: mesmo presentes em um local, nunca apareciam juntos no mesmo lugar. Se o mágico estava, por exemplo, se apresentando, nenhum dos outros estava na assistência.

124

Será que tinham uma combinação para deixarem aberta a audiência para um único personagem?. Se alguém sabia, ninguém o ouviu explicar. O que era ainda mais estranho é que esses personagens apareciam, como se tivessem vindo do nada. E da mesma forma, sumiam.

Como e por que acontecia desse jeito?

Ninguém nunca tinha parado para pensar na questão, apenas aproveitando o divertimento que lhes era proporcionado e que, no final, havia sido a principal razão que os trouxera ao Quarup - integrantes das nações, representantes dos homens livres, mercadores e seus acompanhantes, gente do povo nômade e outros mais. Para uns, era a oportunidade de bons negócios. Para outros, férias. E ainda para outros, a chance de encontrar amigos e conhecidos que não viam há muito tempo.

No meio da multidão havia alguns que continuavam trabalhando e, neste caso, o divertimento da maioria representava mais trabalho para eles. Um deles era Mira na Moana. Além de suas responsabilidades com a caravana de Ereko, tinha assumido outras responsabilidades

peçoais e as estava desempenhando, contando com a ajuda de Conte oz Nemet, seu amigo mais próximo. Ambos – a exemplo de Sami e Apoena – agiam com a maior discrição e suas principais tarefas eram encontrar pessoas e fazer contatos, azeitando uma rede que, assim que fosse acionada, se fecharia, levando ao objetivo que vinham perseguindo. Mas Mira tinha, antes, uma tarefa a cumprir e foi procurar Ereko.

- Ereko, queria lhe dizer que o Conte, que é meu subcomandante, voltou a Caturama, antecipando-se a nós para deixar tudo pronto para nossa volta. Para o seu lugar escolhi o Moma me Enonde, que considero o mais capaz para o posto. Ele ficará encarregado quando não estiver no acampamento e, eventualmente, pode também acompanhá-lo, se for preciso. A propósito disso, se não tiver nenhum compromisso fora, vou aproveitar para fazer alguns contatos.

Ereko confirmou o que Mira já sabia, que ficaria o dia recebendo clientes no acampamento. Chamou, então, Moma e o apresentou ao negociante, dizendo-lhe que estaria fora e que deveria ficar à disposição dele. Depois disso, voltou à tenda e a fechou, indicando que queria privacidade. Era normal que fizesse isso, pois usava o tempo para descansar e respeitavam este espaço, mesmo que ficasse recluso toda uma tarde, já haviam se acostumados a algumas de suas excentricidades e não mais se importavam. Em total privacidade, despiu-se por completo, lavando-se com cuidado. Seco, voltou a se vestir, mas quem o olhasse não viria o guardião, mas outra pessoa. Olhou-se ao espelho e, satisfeito, saiu por uma porta secundária, fazendo um caminho alternativo e deixando o acampamento com uma pequena mochila. Iria começar a ação.

Durante o tempo que ficou fora do acampamento, Mira fez quatro visitas. Nelas, não precisou se apresentar e trocou poucas palavras com quem o recebeu. Sua ação mais visível foi entregar a cada um dos contatos uma pasta. Esperava que o seu conteúdo fosse lido e perguntava se havia alguma dúvida. Se houvesse, a esclarecia. Se não, apenas indicava que o outro deveria aguardar ser chamado, deixando o local.

Seu quinto encontro foi diferente. Quem o visse, veria um perfeito desconhecido chegando à casa do conselheiro Veico em Embiá, batendo à porta com discrição e aguardando. Foi atendido por uma jovem

e esperou um pouco. Logo depois, ela mesmo voltou e foi introduzido na residência e levado ao escritório do conselheiro, que o aguardava sentado e, tão logo chegou, abriu uma pequena gaveta, tirou dela um envelope e o entregou a Mira, que apenas acenou, sem dizer nada, deu meia volta e saiu.

Dali foi direto ao acampamento, usando o mesmo caminho da vinda. Pouco depois, a porta de sua tenda se abria e mandou chamar Conte, que ainda não tinha partido, já que aguardava o sinal verde. Ao entrar, Conte encontrou Mira de pé, aguardando-o. Imediatamente lhe estendeu o envelope que havia recebido há pouco.

- Você precisa ir. O que faltava está neste envelope. Sabe o que fazer, não sabe?

- Sim, sei. Quanto tempo nós temos?

- As audiências começam na segunda-feira. É este nosso tempo. Os outros já estão avisados e de prontidão. O único elo que nos está faltando é de quem está encarregado. Então, precisamos dele aqui na segunda-feira, na hora que o Conselho iniciar sua primeira sessão secreta. Sim, sei que houve mudança. Não a pedi, mas cedi às circunstâncias. Vamos fazer assim e torcer para que funcione. Estamos, como sabe, iniciando uma sequência de eventos. Quanto tudo terminar, o mundo terá dado algumas voltas e Maravilha estará um pouco diferente. Quando acontecer, teremos concluído nossa missão.

- Vou partir agora e voltarei no tempo necessário. Pode estar seguro disso.

Mira viu Conte dar meia volta e sair. Teria quatro dias de ansiedade até saber se tudo daria certo. Tinha as contingências planejadas, mas sempre era possível um imprevisto e, então, decidiu, mais uma vez, passar os procedimentos em revista, vendo se havia algum ponto que esquecera. Na revisão, não viu chegar a noite, só a percebendo pelo seu cansaço. Dormiu e acordou. Trabalhou. Acompanhou Ereko, conversou com pessoas, riu, brincou e viu o tempo escoando, com o seu pensamento fixo em uma só coisa: Será na segunda-feira. E foi então que ela chegou.

As atividades na casa do Conselho haviam começado, mas a primei-

ra sessão ainda estava longe de começar. Logo depois que foi aberta, um jovem alto, atlético, de cabelos longos, olhos azuis e muito bem vestido, chegou e se apresentou a um dos atendentes, anunciando que estava ali para atender a uma convocação feita pelo Conselheiro Veico em Embiá, apresentando-lhe o “convite” que lhe fora enviado. O atendente leu o que estava escrito e levou um susto, mas nada disse. Apenas pediu um momento e saiu em direção ao interior da construção. Pouco depois, voltou em companhia de dois abás e lhes indicou o jovem que esperava. À vista dos abás, não esboçou nenhuma reação. Um dos que chegaram, aproximou-se e pediu que o acompanhasse, o que fez sem relutar.

- Desculpe-me, se estou equivocado. Mas aqui diz que você é Tevold zo Parka, um antigo abá da Liga Vivá. Se for realmente quem diz ser, há uma ordem de exílio contra você e um banimento que o impede de voltar às terras das nações. Infelizmente, vou ter de detê-lo, apresentando-o aos meus superiores. Serão eles que irão decidir o que fazer.

- Você não está enganado, abá. Sou mesmo Tevold zo Parka e sei o que pesa contra mim. Se estou aqui, há uma razão e acho que este documento fará com que mude de ideia. Por favor, leia o que nele está dito. Não viria aqui por minha própria iniciativa. Tenho um convite do Conselho de Anciãos e foi também o Conselho que me enviou este documento. Acho que não deixa dúvidas sobre a minha presença. A propósito, abá, me foi pedido que fosse discreto e, se me permite, acho que isso se aplica também a você.

O jovem pegou o documento que Tevold lhe estendeu e o leu. Nele, estava claro que Tevold zo Parka, cujo nome de origem era Tevold bê Anambé havia recebido permissão do Conselho de Anciãos para voltar à sua nação, apresentando-se e ficando à disposição do Conselho, até que fosse dispensado. O salvo conduto estabelecia, ainda, que durante sua permanência, as punições a ele aplicadas eram considerada suspensas, o que o levava a readquirir o seu status na Liga Vivá e como tal deveria ser tratado. O documento enfatizava, ainda, que o jovem teria trânsito livre pelas nações e que deveria receber ajuda para que pudesse atender à convocação. O jovem abá ficou estupefato, mas não podia contestar o que tinha em mãos, pois lá estavam as assinaturas dos

conselheiros e o brasão e as armas do Conselho. Como duvidar do que tinha lido? O que iria fazer?

- Se me permitir, abá, posso ajudá-lo. As instruções que recebi era de me apresentar ao Conselheiro Veico em Embiá. Talvez fosse o caso de procurá-lo e lhe perguntar se quer mesmo me receber. Se este não for o seu desejo, ainda tenho de me reportar à convocação e ver se tenho de atendê-la ou não. O que acha?

Meio perdido, o jovem acenou com a cabeça e deixou Tevold na sala com o outro abá, que também o olhava com espanto. Os dois ficaram em silêncio, aguardando. Pouco depois, o primeiro abá retornou e indicou a Tevold que o seguisse, levando-o diretamente ao Gabinete do Conselheiro Veico em Embiá, que o recebeu com um largo sorriso, agradeceu ao guardião e lembrou ao abá que nada deveria dizer sobre a chegada do visitante. Só então convidou Tevold a entrar.

- Obrigado por ter vindo, Tevold. Não sei se estou certo, mas isso não parece lhe surpreender, como se já esperasse que acontecesse. De qualquer forma, não importa. A sessão do Conselho deve começar em meia hora e vou aproveitar este tempo para que me dê algumas informações.

128

Veico lhe fez muitas perguntas, com Tevold lhe respondendo de forma calma e em voz pausada. O dirigente parecia nervoso, ele não. Na conversa ficou sabendo que seria chamado após a abertura da sessão e que acompanharia os depoimentos, do primeiro ao último. Como “convidado” do Conselho ficaria no alojamento anexo e embora não tivesse seus movimentos restritos, pediu-lhe que não se expusesse, já que os procedimentos eram reservados. No tempo em que o processo durasse – e Veico fez questão de lhe explicar o que era – nada seria divulgado. No final, se vencesse, a decisão seria publicada.

- Talvez não saiba, mas estamos iniciando uma série de eventos. Deles, já houve alguns movimento antes, mas de forma aparente tudo começa a acontecer apenas com a primeira reunião do Conselho de Anciãos. É só disso que temos certeza, pois o que vem à frente é uma incógnita, já que não podemos prever o futuro, mas podemos trabalhar para que aconteça. É isso o que estou fazendo.

Tevold ouvia em silêncio e, no final, abriu um amplo sorriso, deixando o conselheiro em dúvida se concordara com ele ou não.

- Conselheiro sou agradecido pelo que está fazendo. É corajoso de sua parte. Fique tranquilo, pois vai acontecer do jeito que espera, pelo menos no que respeita ao Conselho, cuja decisão final será em meu favor, não tenho dúvida. Como disse, é uma série de eventos, que são concatenados e que estão acontecendo há muito tempo. As reuniões se inserem nestes eventos, que vão além da decisão do Conselho. Talvez ninguém lhe tenha dito ou talvez não tenha percebido, mas o que estamos fazendo é muito mais do que corrigir uma injustiça. Com esta ação, vamos mudar a percepção de como veem a Liga Vivá e sua ação e, a partir dela, vamos como veem as próprias nações. Neste caso, somos apenas agentes.

O conselheiro ficou em dúvida, mas nada disse sobre o comentário de Tevold. Como era chegada a hora do início da reunião, levantou-se e dirigiu-se ao salão.

Efetivamente, iam começar.

O CRIME REVELADO

O conselheiro Veico estava tenso e bastante nervoso no início da primeira sessão do Conselho e, ao mesmo tempo, mostrava impaciência com o protocolo que tinha de ser seguido, com o grande kara tendo de anunciar, de novo, a razão da reunião, o compromisso de confidencialidade, o propósito da apuração e o processo de inquérito. Queria começar logo, pois tinha pressa em resolver o assunto, mas acompanhou, mostrando interesse, o que Amer no Taliba dizia e observada seus pares para ver como reagiam, até chegar sua vez.

130

- Feitas estas observações, passo o comando da reunião ao conselheiro Veico em Embiá, representante da nação Guajá neste Conselho e que, por deliberação da maioria, ficou encarregado da condução do inquérito.

- Obrigado, grande kara. Se o Conselho não se opuser, pretendo fazer uma pequena alteração no roteiro que aprovamos, ouvindo primeiro o jovem Tevold zo Parka, que pode nos ajudar a entender melhor o caso. E também solicitaria sua permanência nas sessões, acompanhando os outros depoimentos.

Ninguém se opôs – e já esperava isso. Pediu ao seu secretário que trouxesse Tevold ao Conselho. Os conselheiros e auxiliares se viraram para a porta, aguardando, e viram entrar um jovem bem vestido, alto, louro, atlético, que mostrava segurança e tinha um sorriso nos lábios. Caminhou tranquilo e altivo até o lugar que lhe havia sido indicado, sentou-se e percorreu o Conselho com os olhos, fazendo um ligeiro aceno em direção ao grande kara Amer no Taliba e aguardou.

- Como podemos ter certeza de que é quem afirma?

Tevold virou-se para o conselheiro Caiuá ni Assurini, que havia feito a pergunta e o olhou por alguns segundos.

- Conselheiros, aqui, neste Conselho, temos alguém que me conheceu muito bem, o grande kara Amer no Taliba. Acho que pode afirmar que sou quem digo ser. Se isso não for suficiente, podemos pedir o testemunho de integrantes da Liga Vivá que comigo conviveram, que certamente irão confirmar quem sou. Se ainda não for suficiente, há uma terceira forma. Tenho marca de nascença e quem comigo cresceu e conviveu pode identificá-la.

- Grande kara Amer no Taliba, o que o jovem diz é verdade?

- Sim, conselheiro. Efetivamente, eu o conheci e posso afirmar que é quem diz ser. Mas para não haver dúvidas, gostaria que, com a permissão do Conselho, pudesse levantar a camisa, mostrando a marca de nascença.

Tevold se levantou, abriu a camisa e a levantou, expondo parte do corpo e mostrando a marca de nascença que se destacava ao lado da costela. Os conselheiros assentiram, como se a identidade do jovem estivesse mais que provada e Veico pediu-lhe que contasse a sua história.

- Em resumo, é simples. Como já devem inscrevi-me na Liga Vivá, fui admitido e, como um dos mais jovens abás, estava para ser promovido a enoma. A promoção tinha sido anunciada, faltando apenas sua oficialização. Antes que ocorresse, Covar já Guajá, a filha do enoma Riza va Atoma, que iria substituir, acusou-me de assédio sexual, o que é crime de desonra para a Liga. Com o apoio do pai, a acusação – falsa, pois isso nunca ocorreu – foi levada ao Conselho da Liga. No final, com a testemunhas de duas amigas de Covar, fui condenado, já que era a minha palavra contra o testemunho de três jovens. O Conselho decidiu que era indigno de pertencer a Liga, despojou-me do tacape e, como pena adicional, me impôs a exclusão da corporação e o exílio, com a proibição de retornar às terras das nações, uma punição muito acima da pretensa ofensa.

Tevold fez uma pausa e baixou os olhos. Depois, prosseguiu contando que, preso, no dia seguinte foi retirado de sua cela e obteve per-

missão para coletar apenas seus pertences pessoais, retirar o seu cavalo da cocheira e selá-lo, sempre acompanhado de três abás. Foi, então, lhe ordenado que montasse e levado até a fronteira das nações pelos abás, com a ordem de nunca mais retornar às nações. Se o fizesse, seria preso e submetido a um novo julgamento, considerando que sua ação era uma ameaça à Liga.

- Perdi tudo. Posição, honra, o amor de minha vida e tornei-me um rejeitado, pelo menos entre as nações, alguém que havia sido contaminado por doença contagiosa e que precisava ser isolado. O outro lado da questão é que descobri a existência de pessoas boas, dispostas a ajudar, a ensinar, a mostrar caminhos e abri-los, que me transformou em alguém melhor do que fui. Sim, continuo, no âmago, sendo Tevold, mas não mais zo Parka, nem bê Anambé. Não mais pertenço às nações e sim ao povo de Maravilha, que vai além das cinco tribos.

Sem emoção, como se estivesse narrando uma história, Tevold contou o encontro com Conte oz Nemet, que o acolheu, o ensinou e o levou a Sami, o feiticeiro, onde encontrou, também, Mira na Moana. Por um ano, acompanhou o feiticeiro, transformando-se em seu auxiliar e aprendendo. No ano seguinte, empurrado pelo feiticeiro, que considerava ser necessário conhecer o mundo e suas coisas e com o apoio de Mira na Moana juntou-se aos guardiões, viajando pelas terras dos homens livres e do povo nômade, mas tendo contatos, também, com integrantes das nações, sempre fora de suas fronteiras, pois não queria quebrar a proibição. Nestas viagens, aprendeu muito. Viu várias facetas das pessoas, ajudou-as e foi ajudado, o que lhe deu uma perspectiva diferente do mundo.

- Há seis meses, quando retornei a Caturama, fui chamado pelo Sami. Ele me esperava junto com o Mira, que era o meu chefe. Achei que tinha feito algo errado, mas não. Sami me falou da possibilidade de pedir ao Conselho de Anciãos a revisão do meu caso. Não me deu detalhes, mas disse que o pedido tinha base nos Escritos, que ele conhece profundamente. Se concordasse, iria formular o pedido. Aceitei.

Pouco mais de um mês antes de sua convocação pelo Conselho, Conte oz Nemet, que foi o seu primeiro conselheiro e se transformou em grande amigo, lhe procurou e lhe disse que ficasse preparado, pois seria

chamado pelo Conselho. O pedido que Sami fora aceito e o Conselho de Anciãos iria revisar o seu caso, possivelmente por ocasião do Quarup, podendo convocá-lo a qualquer momento. Ele aguardou. Ao receber a convocação e o salvo conduto, deixou suas tarefas e foi para Anambé.

- Conselheiros, esta é, muito resumida, a minha história. Até que me dispensem, estou à disposição deste Conselho.

O que Tevold contou parecia ter sido suficiente, pois não houve perguntas ou questionamento do que tinha feito. O conselheiro Veico pediu-lhe que continuasse no recinto, agora como observador, o que o transformou no único ocupante do pequeno auditório, um script diferente do apresentado pelo feiticeiro ao conselheiro, mas sempre havia meios de improvisar e de mudar as coisas, adequando-as ao momento. O comando havia voltado a Veico.

- Gostaria de lhes apresentar a primeira testemunha deste caso, o guardião Mira na Moana.

O guardião, companhia constante de um dos maiores negociantes de Maravilha, era conhecido, mas não foi dispensado de todo o protocolo, tendo de se identificar e dirimir dúvidas sobre quem era e o que fazia. Identificado, o conselheiro lhe pediu para relatar o encontro que tivera com Vaara ca Caapor e que envolvia o caso em questão.

- Há algum tempo fui procurada por uma jovem que se identificou como Vaara ca Caapor e que, assim que a recebi, chamou-me de Tevold. Disse-lhe não ser esta pessoa, mas não acreditou e afirmou que estava ali para pedir o meu perdão pela armadilha que me armara, o que fora feito por amor. Afirmou, também, que ainda me amava e que se não tinha feito nada era para preservar a família, a quem também tinha enganado. Dizia-se arrependida do que fizera e que só ficaria tranquila com o meu perdão. Reafirmei-lhe que estava enganada, pois não era Tevold e nunca tinha pertencido à Liga Vivá ou ao povo das nações, mas ela pareceu meio desvairada, saindo apressada do acampamento. Depois disso, nunca mais a vi.

O conselheiro Caiuá ni Assurini quis saber se a jovem havia explicado que tipo de armadilha era. Não, apenas dissera ser uma farsa, uma mentira e que não pretendia que fosse punido como tinha sido.

No mais, não tinha dado detalhes e ele não lhe havia pedido nada. Como negara ser quem pretendia que fosse, ela saíra logo. O diálogo foi curto, com a jovem, desde o início, parecendo agitada e até meio desequilibrada.

- Mas, depois disso, não fez nenhuma associação da jovem com alguém?

Novamente era o conselheiro de Assurini. Mira respondeu-lhe que só algum tempo depois de a jovem deixar o acampamento é que ligou o que lhe dissera a um episódio de que tomara conhecimento, envolvendo a Liga Viva e o personagem nele envolvido que, por acaso, se transformara em seu amigo e companheiro de trabalho.

- Na primeira oportunidade que tive perguntei ao Tevold, que é como vocês o conhecem, a sua história e vi a confirmação de minhas suspeitas. A jovem que me procurou foi a que o havia acusado e que testemunhara perante o Conselho da Liga. Quando lhe disse que me procurara para pedir perdão, o que ouvi me surpreendeu. Tevold me disse que nunca a odiara e que já a tinha perdoado há muito, pois pensando que lhe fizera um mal, acabara lhe abrindo nova vida. A única coisa que ainda lamentava do episódio era ter perdido o amor de sua vida.

134

Mira na Moana virou-se, após ter concluído, e apontou para o jovem sentado na plateia.

- O Tevold, que está ali, pode lhes confirmar o que digo.

O guardião ainda respondeu mais algumas perguntas e foi dispensado. Antes de sair, dirigiu-se ao auditório e deu um forte abraço em Tevold. Mais uma vez, Veico assumiu.

- Conselheiros, diante do depoimento do guardião Mira na Moana coloco à aprovação deste Conselho a convocação de Vaara ca Caapor e de seu pai, o mauá Davit zu Amanu.

Ninguém se opôs e Veico pediu que fossem expedidas as convocações para os dois, que deveriam comparecer ao Conselho no dia seguinte.

- Antes de encerrarmos esta sessão pergunto ao grande kara Amer no

Taliba se gostaria de dar a sua versão dos acontecimentos, já que foi citado pelo apelante Tevold zo Parka, como colaboração para este Conselho?

- Posso confirmar o que Tevold zo Parka disse, pois presidia o Conselho da Liga. Além do mais fui o voto decisivo para a sua condenação, embora minha decisão tenha afetado profundamente minha filha, que ficaria noiva do abá. Durante o julgamento, Tevold protestou inocência, mas não tinha como confirmá-la. De outro lado, a jovem que o acusava tinha testemunhas e elas reafirmaram o assédio. O Conselho ficou dividido e a votação terminou em empate. Tinha de decidir e o fiz. Acho que nunca me expliquei, nem para Anika, nem para o Tevold, mas era minha obrigação. Gostaria muito de ter procedido de forma diferente, mas não tinha como diante das evidências.

Com a confirmação do grande kara a sessão foi encerrada para ser retomada à tarde, quando seriam ouvidos companheiros de Tevold na Liga Vivá. Os depoimentos mais importantes seriam no dia seguinte, com o comparecimento de Inaiê, conhecido como cavaleiro solitário, Vaara ca Caapor e Davit zu Amanu.

Nos depoimentos de colegas e de superiores de Tevold ficou esclarecido que tinha um caminho brilhante na corporação, era ótimo cavaleiro, campeão de ucauca, excelente adestrador, alegre, bom companheiro e, também, o “queridinho” das mulheres, embora estivesse comprometido com Anika ne Anambê, de quem ficaria noivo assim que sua promoção fosse confirmada. O seu perfil era de homem reto e cumpridor dos seus deveres, o que depunha em seu favor, no caso de negar as acusações que lhe tinham sido feitas.

Mas foi o depoimento de Inaiê que prendeu a atenção. Ele chegou com pompa e quem o olhasse veria incrível semelhança com Tevold. Tinham a mesma altura, o mesmo aspecto físico, o mesmo tipo de cabelo e os olhos azuis. Ambos eram atléticos, bons lutadores, bons cavaleiros e mostravam grande confiança. Os conselheiros ficaram olhando-os, como se fossem gêmeos. Da plateia, Tevold observava com cuidado, sempre com um meio sorriso nos lábios.

Inaiê sentou-se, respondeu as perguntas de identificação e contou sua história. Como Mira, havia sido procurado por uma jovem, que se

identificara como Covar já Guajá e que lhe pedira para procurar o pai, o enoma Riza va Atoma, pois tinha algo para lhe dizer e queria fazê-lo na presença dele. Embora lhe assegurasse que não era Tevold, por curiosidade acabou procurando o enoma, como pedira. Apresentou-se à cidadela e foi levado ao escritório do enoma, que já o aguardava na presença da filha. Como identificação teve de mostrar sua marca de nascença, o que o identificaria.

- Ouvi, então, a história de uma trama contra mim, isto é, contra Tevold, armada pela amiga, em quem acreditei, mas só mais tarde descobri tratar-se de uma mentira. Havia se afastado dela, mas continuava com o sentimento de culpa e como a oportunidade havia surgido, queria esclarecer tudo. Ela me contou os detalhes da trama a mim e ao pai. O enoma me disse, então, que do seu ponto de vista não adiantaria levar o caso ao Conselho, pois ainda teria dificuldades de comprovar minha inocência. O enoma me falou de algo chamado desafio de honra, a que poderia recorrer e que seria a forma de recuperar o meu posto na corporação, mas sou apenas um cavaleiro e, é evidente, que nada tenho a ver com a Liga, até por não ser Tevold. Então, nada fiz.

136

Indagado a quem tinha contado esta história, Inaiê disse que a poucos, mas um deles tinha sido o feiticeiro, de quem não sabia o nome e que encontrara em uma taberna de Caturama, junto com outros guardiões. Cada um tinha uma história e contou a dele, despertando a curiosidade do feiticeiro, que lhe fez algumas perguntas. Depois, nunca mais tinham se encontrado e esquecera-se do caso, até receber a convocação do Conselho. De início, pensara em não atender, já que não era cidadão das nações e, por isso, não estava submetido às leis e ao Conselho, mas sabendo o motivo, considerou que talvez pudesse ajudar o personagem da história. A consequência do testemunho do cavaleiro foi a convocação de Covar já Guajá e de seu pai, ambos conhecidos do conselheiro Veico em Embiá.

Ao deixar o prédio do Conselho por pouco Inaiê não se encontrou com Vaara ca Caapor e o mauá, seu pai. A jovem foi levada ao plenário do Conselho e levou um choque ao ver que Tevold. Muito nervosa, acabou desabando e chorando convulsivamente enquanto confirmava a história da armação e confirmou ter encontrado Mira na Moana, que

tomara por Tevold, e lhe contou, se desesperando quando ele lhe disse que não era Tevold. Acabou confessando à mãe e informou que a mãe levou a história ao pai.

- O que o seu pai lhe disse, quando soube da história?, perguntou o conselheiro Veico.

- Ele nunca me falou nada, mas minha mãe, sim. Depois de conversar com ele, pediu-me que nunca mais falasse sobre isso, pois iria arruinar nossa família e que teríamos destino pior que o de Tevold. Tenho de viver com o que fiz. Por favor, não quero que meu pai me veja assim.

Chorando convulsivamente, Vaara deixou a sala e foi levada a outro gabinete. Seu pai foi, então, chamado e quando viu Tevold, empalideceu.

- Mauá Davit zu Amanu, o que disser aqui, no Conselho, está sob estrita condição de confidencialidade. De propósito, a convocação que lhe foi feita não explícita por que foi chamado, mas estamos revisando o caso de Tevold zo Parka e queremos ouvir sua versão sobre ele.

137

O mauá confessou ter feito pressão para que Tevold fosse condenado, considerando o que fizera como ofensa máxima, não à sua filha, mas à corporação, daí a carga contra ele. Depois, ao saber que havia sido encenação, abafou o caso. Admitiu que após descobrir que a história da filha era falsa, na fez para mudá-la por temor de comprometer a imagem da Liga. Ao mesmo tempo, achava que estava protegendo sua filha e família, que seriam desonradas com a divulgação da armação contra o jovem abá. Mesmo diante da confissão da armação não se sentia culpado e não achava que suas ações tinham importância em relação ao posto que ocupava na corporação. Questionado se pretendia se afastar, se o Conselho decidisse pela anulação das penalidades, afirmou que não. Davit zu Amanu era um homem orgulhoso e via sua ação como defesa da Liga, não da filha ou dele.

Ao término do depoimento do mauá houve um momento de silêncio. Quem retomou o assunto foi a conselheira Maiara, a decana.

- Conselheiros, diante do depoimento do mauá, que é muito claro, proponho que determinemos o seu afastamento imediato do Conselho

da Liga, impondo-lhe a aposentadoria compulsória e o rebaixando a abá, com o grau inicial da carreira. Ter sido enganado uma vez, pode até justificar sua ação, mas não ter feito nada depois, é inaceitável.

Davit ouviu estupefato o que a conselheira disse e fez menção de falar. Ela reagiu.

- Quietos, mauá. Não piore sua situação. Não pedimos a sua opinião e se a quisermos, a pediremos. De momento, deixe-nos deliberar e permaneça quieto até que peçamos sua manifestação.

O grande kara, como presidente do Conselho conduziu a votação e o mauá foi vendo os votos se acumularem contra ele, com a proposição da conselheira Maiara sendo apoiada por unanimidade, sendo agravada com a proibição de retornar a cidadela ou a qualquer outra instalação da Liga nas nações de Maravilha.

A punição não tinha precedente nas ações do Conselho e o grande kara sugeriu, obtendo aprovação unânime, que as penalidades só fossem aplicadas após a decisão final do colegiado, com o mauá ficando detido nas dependências do Conselho. O julgamento iria prosseguir e o conselheiro Veico em Embiá fez nova proposição.

- Os depoimentos do mauá Davit zu Amanu e de sua filha, Vaara ca Caapor, não deixam dúvidas que a condenação do abá Tevold zo Parka foi uma armação, baseada em uma mentira e que os fatos relatados no processo não aconteceram. Está claro, no meu entender, que a decisão do Conselho da Liga foi baseada em informações errôneas e, por isso, proponho que aceitemos o pleito que nos foi apresentado, anulando o julgamento e restabelecendo os direitos de Tevold zo Parka, que poderá retornar à Liga, assumir seu posto e ser promovido, como aconteceria se as falsas acusações não lhe fossem feitas. Se houve crime – e isso seria uma outra discussão – foi de quem armou as acusações e de quem deu suporte a elas.

O Presidente do Conselho colheu os votos e, no final, a decisão foi unânime, eximindo Tevold zo Parka de qualquer mancha, devolvendo-lhe os direitos e abrindo caminho para que retornasse à Liga Vivá, assumindo seu posto e sendo promovido.

A mentira fora, finalmente, revelada.

CRIME, CASTIGO E REVELAÇÃO

— **A** sessão do Conselho está encerrada e estão dispensados. Antes, quero lembrar-lhes que o tratado aqui é confidencial, não podendo ser divulgado até que o próprio Conselho faça seu édito, o que irá ocorrer após a revisão dos registros, a conferência dos depoimentos, os votos dos Conselheiros e, por fim, a conclusão do caso. Acredito que ainda vamos levar pelo menos uns 15 dias para ter o processo concluído. Antes, vamos avisá-los.

Os conselheiros e auxiliares começaram a se retirar. No final, apenas Veico em Embiá e Amer no Taliba ficaram à mesa. Além deles, na sala de reunião apenas Tevold, que os observava. Quando ameaçou levantar-se, o grande kara lhe fez sinal para esperar. Voltou a se sentar e aguardou enquanto os dois integrantes do Conselho conversavam em voz baixa. Com a conversa encerrada, o grande kara desceu e foi ao encontro de Tevold.

- Acredito que esteja ansioso para reencontrar Anika.

Não tinha sido uma pergunta, mas afirmação.

- Estou mais temeroso que ansioso, kara. Certamente a Anika mudou nestes anos, mas mudei muito mais. Quem ela vai encontrar não é o jovem que conheceu. Sou diferente e talvez essas diferenças não a agradem. De qualquer forma, vou ter de esperar a divulgação da decisão. Até que ocorra, como deve se lembrar, sou um proscrito. Meu salvo conduto era para o período de sessões do Conselho e elas terminaram. Tenho de me retirar do território das nações. Se me permite, vou indo antes que alguém descubra e seja preso.

Amer no Taliba não tinha o que dizer. Sim, o jovem – em relação a ele, ainda jovem – tinha razão e precisava preservar-se. Na hora que a decisão fosse publicada, ganharia muitos inimigos dentro da Liga

Vivá. Se pedisse seu conselho – no que não acreditava – certamente lhe diria para não aceitar a reintegração, mas não ia se meter na decisão de Tevold, nem mesmo em relação a filha. Na hora certa, teriam de se encontrar e eles próprios se resolverem. Ambos tinham sofrido e mereciam redenção.

Tevold ficou observando as reações do kara, que não tinha percebido sua ironia. Quem ele via era o garoto que vira crescer e a quem ensinara muitas coisas. Mas quem estava diante dele, na verdade, era outro. Se ainda tinha o mesmo nome, não era mais a mesma pessoa. Mas o que o preocupava de imediato não era o reencontro, mas como explicar-se, contar uma história sem revelar a rede que o ajudara e os papéis que exercera. Ao longo dos anos, tal como seu mestre, tinha se transformado em mil caras, feito papéis diferentes, encarnado personagens diferentes, tornando-se cidadão do mundo e deixando de ser um homem das nações.

Como Anika veria esta transformação?

140

A pergunta vinha lhe atormentando ao chegar ao ponto que durante anos buscou e se preparou para nele estar ainda não tinha resposta.

Vendo Tevold afastar-se e indo em direção contrária, Amer no Taliba lembrou-se do garoto curioso que havia sido seu aprendiz e sorriu, pensando: “Ele mudou. Já não pertence ao seu povo. Foi além dele. Será que voltará?”. Do outro lado e com pensamentos diferentes, Tevold apertou o passo, dobrou a esquina e desapareceu.

* * * * *

- Como foi o espetáculo? O que eu perdi?

A voz veio do canto da sala da casa idêntica as outras da rua. O jovem que havia entrado, relaxou. Ali, era um oásis, principalmente depois do dia tenso. Ele se aproximou, pegou uma almofada e também se sentou, cruzando as pernas, em uma cópia perfeita do que o outro fazia.

- Funcionou. São muitos fáceis de enganar. Você não perdeu nada. O script foi seguido quase à risca, sem nenhuma falha. Só não cheguei antes porque o grande kara quis conversar comigo e o encontro que,

no futuro, terei com sua filha. Agora, é só esperar.

- Bom. E ao vir para aqui, tomou todas as precauções?

- Sim, fiz com todo cuidado. Ninguém me seguiu. Estão concentrados no quarup. O timing foi perfeito. Ninguém está procurando ou se lembra de Tevold bê Anembê. O caminho está livre.

- Descanse e se refaça. Amanhã, vá para Caturama. O Sami está à espera e lhe dirá o que fazer. Provavelmente, vai reassumir seu posto. Obrigado pela ajuda.

Os dois se levantaram quase ao mesmo tempo. O que já estava na casa aproximou-se e deu um forte abraço no que havia chegado, virando-se e indo em direção a um dos quartos. O jovem que havia entrando voltou a se sentar e aguardou. Alguns minutos depois a porta do quarto abriu-se e dele saiu outra pessoa, que o olhou sorridente, acenou e deixou a casa. Descobriu-se cansado e foi para o quarto, despiu-se, tomou banho e atirou-se na cama, dormindo quase que imediatamente. Ao acordar, sentia-se descansado e, pela primeira vez em muitos anos, não se lembrava de ter sonhado. Teria de contar a Sami.

141

* * * * *

Mira voltou tarde ao acampamento e surpreendeu-se ao ver que Conte o estava esperando.

- Você devia estar em Caturama.

- Devia, mas não estou. Nosso querido amigo quer falar com você antes do anúncio da decisão do Conselho e me mandou de volta.

- Se é tão urgente, por que ele não veio?

- Ah, Mira. Se tivesse a resposta provavelmente não estaria aqui, mas aproveitando nos braços de uma bela mulher. Mas não, virei garoto de recados. Pergunte-me algo que saiba responder.

- Conte, deixe de sarcasmo e fale sério. O que o Sami lhe disse, exatamente?

- Ele disse: “Conte, preciso que volte e peça ao Mira para vir me falar. Tem de ser antes do anúncio da decisão do Conselho”. Como ele sabe se já houve ou não uma decisão? Você pode explicar?

- Ele sabe. Eu sei que sabe e você também. Isso basta. Estamos na última parada do ano. Ao final do quarup voltamos a Caturama. Em três dias, no máximo, levantamos acampamento e tomamos a estrada. Em mais cinco, estaremos em casa. Temos tempo, não preciso correr. Vou fazer as coisas do meu jeito. Vou conversar amanhã com o Ekeko e ver quando partimos. Deixe nosso pessoal de sobreaviso. Agora, se me permite, vou dormir um pouco.

Ao dirigir-se à barraca Mira repassou mentalmente os passos dados desde a primeira conversa com Sami. Será que havia cometido alguma falha? Aparentemente, não. Mas teria de esperar a conversa para saber de que se tratava. Se Sami queria lhe falar, tinha um motivo. Esperava que não fossem problemas e que pudesse usar o recesso das caravanas para descansar e planejar sua vida. Afinal, se o Conselho confirmasse a decisão tomada, poderia se transformar novamente, deixando de ser personagem e assumindo sua verdadeira identidade.

* * * * *

142

Amer no Taliba estava preocupado ao deixar o Conselho e o principal motivo não era o futuro encontro de Tevold com Anika. Apesar de concordar com a decisão de restaurar os direitos, funções e posições do abá, via nela implicações futuras que o Conselho não tinha analisado, talvez por não ter atentado para elas. A interpretação estrita dos Escritos, como fez o conselheiro Veico em Embiá teria repercussões, com os mais conservadores clamando que as nações tinham mudado de rumo e já não mais atendiam ao que os fundadores pensaram. Além do mais, ia inserir na Liga novo componente, colocando-a sob escrutínio e a deixando mais vulnerável, já que a investigação revelou um lado que poucos sabiam, escancarando as disputas internas, reveladas a partir da divulgação da decisão tomada. No fim, a imagem da Liga seria abalada, o que poderia influir na sua efetividade.

Mas não era só isso. A preocupação estendia-se ao jovem Tevold, alguém que conheceu muito bem, mas que estava modificado. No breve contato após o término da reunião do Conselho, viu uma pessoa diferente. E não só pela confiança demonstrada. Ele havia mudado, embora não pudesse identificar o que efetivamente mudou. Será que ao perseguir a restauração tinha se desinteressado da filha? A sensação

que não mais pertencia às nações continuava e tinha se intensificado. Talvez fosse a linguagem corporal ou talvez o fato de estar vivendo há muito tempo fora das nações, tendo de adotar novos costumes, nova postura e, com isso, ganhado nova visão de mundo. O maior temor do grande kara era de o Conselho estar abrindo uma vertente que levaria à transformação da sociedade das nações, aproximando-a dos homens livres. Na sua perspectiva, não era um bom movimento, mas tinham aberto a porta para a mudança e sem dúvida ela viria.

Ao chegar em casa e ver a filha, sentiu o impulso de contar o que tinha acontecido no Conselho. O compromisso assumido, de manter o sigilo, foi mais forte e se conteve. Aproximou-se e deu um beijo em Anika, que lhe sorriu.

- Como foi seu dia, pai? Está tudo bem? Parece preocupado!

- Está tudo bem, filha. Só estou cansado. Mas acho que a maratona provocada pelo Quarup terminou e, a partir de agora, vamos voltar à rotina, com as coisas mais calmas.

- Que bom, pai. Talvez possamos passar alguns dias na aldeia. Lá as coisas são mais calmas. 143

- Gostaria, mas tenho de esperar pelo recesso do Conselho. Até que ocorra estou preso aqui. Mas você e sua mãe poderiam ir. Assim que me liberar, vou encontrá-las. Queria lhe fazer uma pergunta, filha: Sei que tem esperança de reencontrar o Tevold, mas já pensou que pode ter mudado e não mais ser quem você conhece e ama?

- Ah, pai. Estou certa que mudou e fico pensando como está agora. Mas não tenho dúvida que continua me amando. Sei disso. O que não sei – e isso me preocupa – é o que faremos depois de nos encontrarmos. Temo que ele não queira mais viver nas nações e gostaria de continuar aqui. Mas, pai, onde ele for, vou com ele.

- Espero, do fundo do coração, que não se desaponte.

* * * * *

Ekeko tinha desfeito o acampamento e Mira seguia de volta a Caturama. Na viagem, sua preocupação era maior, já que passavam por áreas menos seguras e era sua obrigação cuidar da segurança dos bens

que transportavam e dos homens envolvidos, incluindo os que pertenciam à sua equipe. As viagens eram o que mais lhe dava trabalho e teria pelo menos cinco dias cheios pela frente. Ekeko, em companhia de três guardiões, ia à frente. A caravana se movia de maneira mais lenta e Mira a acompanhava. Se não houvesse nenhum incidente e diante do desejo de chegarem o mais rápido possível, havia projetado o percurso em quatro dias. Chegaria exausto, assim como os outros guardiões e integrantes da caravana, mas para eles valia a pena o sacrifício. A grande maioria tinha família e aproveitava o tempo de recesso para ficar com ela, que só viam esporadicamente durante a temporada. Não era o caso de Mira, que iria embarcar em outra missão cujo resultado lhe era desconhecido e imprevisível.

O percurso foi tranquilo, embora corrido, e em quatro dias aportavam na sede da caravana, em Caturama. Mira supervisionou a desmontagem e armazenamento de bens e equipamentos junto com sua pequena equipe, sendo os últimos a deixar o galpão. Cansados, mas realizados, repetiram o que faziam ano após ano, encontrando-se na taberna e comemoraram mais uma temporada de sucesso. Depois, cada um seguia o seu caminho, até se reencontrarem para o início de nova temporada. De todos, apenas Mira e Conte permaneceram na taberna, mas depois da última caneca de cerveja, saíram juntos, caminhando de forma despreocupada. Ao se aproximarem da grande casa na esquina, Mira se despediu e entrou. Conte seguiu em frente. Embora não dissesse onde ia, Mira sabia. Seu destino era o bordel mais próximo, onde passaria a noite, sumindo no dia seguinte. Seu velho amigo era mulherengo e também misterioso, com poucos sabendo o que realmente fazia.

Mira conhecia tão bem a casa que seria capaz de percorrê-la de olhos fechados sem esbarrar nos móveis ou objetos. Em 90% das vezes que chegava encontrava a casa sozinha. O segundo ocupante, que a usava com maior frequência, geralmente não estava e só chegava depois. Mira encaminhava-se para o quarto, distraído e só pensando em descansar, mas parou de repente ao ouvir a voz.

- Ora, finalmente vejo que chegou. Acho que não entendeu a palavra urgente da mensagem. Geralmente a uso quando há urgência.

- É bom te ver, também e ser bem acolhido na volta à casa. Como sabe, existem vários tipos de urgência. Neste caso, cheguei no tempo necessário. Temos tempo. Pelos meus cálculos a decisão só deve sair dentro de um mês, no mínimo. Sabe que não podia simplesmente partir, deixando Ekeko. Tenho de manter minha imagem. Afinal, não sei como será o futuro. Ou você vai me dizer?

- Detesto quando os alunos viram mestres.

O homem sorriu, levantou-se, se aproximou e os dois se abraçaram, ambos sorrindo. Mira ainda via nele o mestre, mas fora além do que lhe ensinara. Ao longo do ensinamento e do aprendizado, mestre e aluno haviam se transformado em amigos e confidentes. Juntos, formavam dupla quase imbatível, unindo inteligência e perspicácia aos truques que ambos. De um e de outro lado, eram mestres da enganação, de mil caras. Cada um, a seu modo, poderia ser guerreiro, cavaleiro, bardo, feiticeiro, mágico, o mais extraordinário e o mais comum dos homens. Podiam se passar por gente das nações, por homens livres e mesmo do povo perdido. No fundo, como só eles sabiam, eram dois seres únicos e a amizade os mantinha. Mira afastou-se do abraço e fitou o mestre.

145

- Obrigado. Sabe que nunca mais vou ser o mesmo, mas graças ao que me ensinou e à ajuda que me deu revelamos um crime, conseguimos que seja punido e vamos ver a sua revelação. Seja lá o que for acontecer de agora em diante, alcançamos nosso intento. O que me falta, agora, é encontrar a mulher que amo e descobrir se será capaz de me aceitar como sou.

- Muitos não acreditariam se o dissesse, mas o que fiz foi devido ao meu senso de justiça. O resultado, em si, não me deixa satisfeito. O que mais me satisfaz é ver que não há mais nada para lhe ensinar. Você sabe o que sei. O curioso é que muito do que sabe, eu não sei. As posições se inverteram. Vou ter de me transformar em discípulo. Dentre as coisas que preciso aprender, uma é como manter o amor. Foi ele que o moveu. Espero que não se decepcione.

- Mesmo que me decepcione, terá valido a pena. Talvez não sejamos mais mestre e aluno, como observou. Mas nunca serei mestre. Não

tenho jeito. Este é um papel que continuará lhe cabendo. Sou apenas a parte executiva, a mente lógica que une os pontos e põe as engrenagens em movimento. E é por isso que funcionamos bem juntos. Mas ainda não está terminado. Precisamos que a decisão do Conselho se torne pública. Até que aconteça, tenho de esperar.

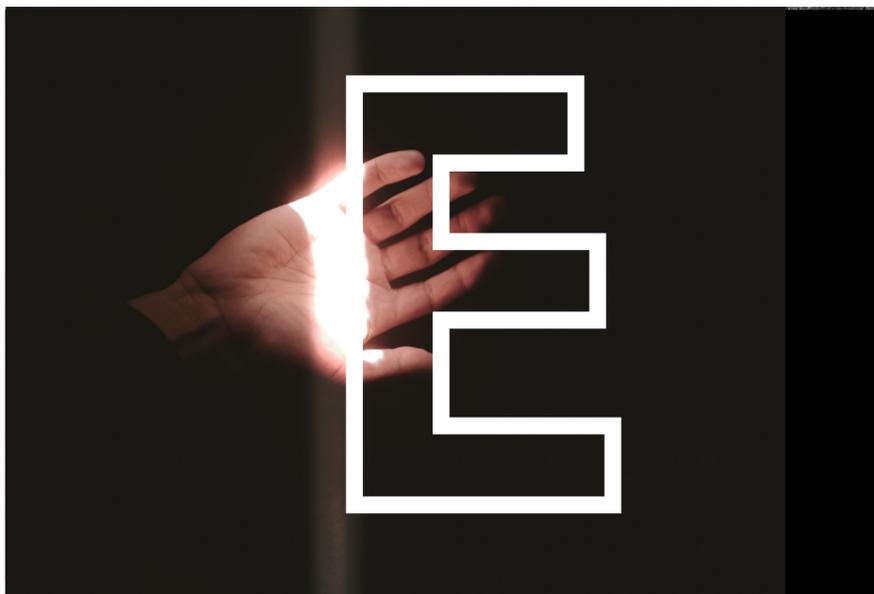
- Verdade. É bom que sejamos realistas, assim não nos frustramos. Mas no caso do Conselho, como sabe, é questão de honra. Mesmo que façam análise da decisão e vejam suas consequências, vão seguir em frente. É apenas questão de tempo, de como vão manejar as coisas.

- Não estou preocupado com a decisão, mas com o que virá após ela, não para as nações, mas para mim, pessoalmente. Lembre-se que tenho de contar uma história. Não preciso dizer toda a verdade, mas não quero mentir. É interessante, não? Vivemos de representação e as pessoas sempre querem dividir tudo entre mentira e verdade. Não é tudo questão de ponto de vista?

- Sim e não. Existe uma linha moral e é ela que divide o que fazemos. A representação é parte da vida, mas vivemos na linha fina e é ela que nos separa, colocando de um lado o que é real e, do outro, o imaginário, nele incluída a mentira. Representar é fingir, não ser. Nós representamos, mas assumimos o personagem e o vivemos, tornando-o verdadeiro. E cada um deles vive de acordo com as regras consagradas. Fingimos ser quem não somos. Ou fingimos ser quem somos. Enfim, estamos sempre nesta linha fina. O desafio é não ultrapassá-la. No seu caso, precisa, efetivamente, contar uma história, mas não toda a história. Quem a irá ouvir está interessado somente no que é, não no que foi.

- Tenho tempo para pensar nisso. Mas agora, vamos para a cama. Estou cansado e vou ter dias intensos.

Mira dirigiu-se ao quarto e, a caminho dele, ficou pensando em como seria ver a casa com crianças, tendo uma família.



INTERMEZZO



O PRIMEIRO PASSO

Era o quarto dia de sua jornada, mas parecia que tinha meses que tinha sido exilado. Cansado, escolheu a curva da estrada para armar o acampamento. O local era protegido e tinha ampla visão do caminho, podendo acompanhar quem passava, ia ou voltava. Mesmo sabendo se defender, continuava temeroso. Durante anos tinha ouvido histórias de assaltos nos caminhos de Maravilha. Eram menos no grande caminho, mas nada sabia dos secundários e estava usando um deles. Desmontou, tirou os apetrechos do arreio e começou a montar a barraca. Quando a estava terminando, ao longe viu três cavaleiros se aproximando. Eram diferentes dos que tinha visto até então. Pareciam bem vestidos e tinham ótimas montarias. Conversavam animada e despreocupadamente enquanto os animais trotavam. Ficou curioso, mas voltou à preparação do acampamento. Retirou a sela de Nanike, deixando-o mais à vontade e começou a cuidar da barraca, colocando seus suportes e estendendo a lona que a cobria. Concentrou-se na tarefa e não percebeu que os cavaleiros haviam se aproximado, parado e o estavam observando.

- Olá, vejo que escolheu local estratégico para o acampamento. Boa escolha. Importa-se se ficarmos próximos? Somos guardiões.

- Não vejo problema. Estou viajando sozinho, mas companhia é sempre bom, até por medida de segurança. Fiquem à vontade.

O guerreiro terminou a instalação da barraca e foi cuidar do cavalo. Escovando-o e o mimando com pequenos torrões, observava com atenção o que os outros faziam. O detalhe que lhe chamou atenção é que usavam apenas uma barraca, capaz de abrigá-los juntos. A montagem foi rápida e quando terminaram estava escurecendo. E os viu dirigindo-se para o seu lado.

- Chamo-me Conte oz Nemez e, como disse, nós somos guardiões.

Aqui, ao meu lado, está Jaiño na Saanen e quem está cuidando dos cavalos é Marit oz Amiki. E você, é também guardião?

- Ainda não, mas pretendo ser. Acabei de deixar minha tribo. Já tenho contato em Caturama e espero começar logo, assim que lá chegar.

- Também estamos indo para Caturama e, se quiser, pode nos acompanhar. É sempre melhor viajar junto com alguém, por segurança e também para termos companhia. Só que, antes, vamos parar por dois ou três dias em Tecoama. Vamos preparar algo para comer, venha partilhar com a gente.

Aceitou a comida, diferente da que estava acostumado, mas gostosa. Ouviu mais do que falou, tendo confessado sua inexperiência nas viagens e nas tarefas de guardião. Conte, mais que os outros, foi simpático. Era falante, brincalhão e lhe disse que não eram tarefas difíceis e que, comparado com outros integrantes dos homens livres, até que tinham vida boa. Viajavam, eram bem alimentados, viam lugares diferentes, encontravam pessoas interessantes e ainda ganhavam para isso. Às vezes, tinham de confrontar pessoas e evitar roubos e assaltos, mas como trabalhavam em equipe, ficava mais fácil.

149

- Desculpe me intrometer, mas tem alguma experiência em luta? Sabe usar armas? Isso é uma das primeiras coisas que vão lhe perguntar quando procurar emprego.

- Sei sim. Aprendi a lutar na tribo. Tinha a intenção de entrar para a Liga Vivá, mas não consegui. Também luto ucauca, que ensina técnicas de defesa pessoal. Não sei se estou preparado, mas aprendo rápido.

Satisfeitos com a refeição e cansados da estrada, Conte propôs que fossem dormir, combinando com seus companheiros o rodízio que fariam, guardando o acampamento. O jovem guerreiro se propôs a ser um dos guardas e lhe deram o primeiro horário. Ficou de vigília, até que lhe vieram render. Recolheu-se e, desde que deixara a Liga, foi a primeira noite em que dormiu tranquilo, sem pesadelos. Acordou com as vozes dos guardiões. Conte reclamava que tinham esquecido o moca, popular bebida retirada dos grãos de planta nativa de Maravilha. Levantou-se, procurou entre suas coisas e saiu com a sacola na mão.

- Bom dia. Vi que vocês não tem moca. Por acaso, tenho. Se a água

já estiver no fogo, vamos preparar a bebida. Como é que gostam? Mais forte ou mais fraco?

- Gostamos de mais forte. Enquanto isso, vou providenciar alguns ovos e um pouco de carne. Assim, teremos bom café da manhã.

Tomaram o desjejum juntos e foram desmontar o acampamento. Com tudo preparado, Conte renovou o convite para o jovem guerreiro os acompanhar e aceitou. Esperava que, com isso, sua vida ficasse mais fácil. E pensou aproveitar para aprender, vendo como os guardiões se portavam e buscando informações sobre o que faziam.

- Nossa próxima parada é a Oca do Lobo, para o almoço. Se não estou enganado, devemos chegar nela no início da tarde. Temos boa caminhada pela frente, então vamos dar o fora daqui.

O comentário de Conte mostrava que lideraria o grupo. Jairo e Marit foram preparar os cavalos e o jovem fez o mesmo. Ao emparelhar-se com os outros três, o jovem guerreiro pensou que estava dando o primeiro passo de sua nova vida. Tinha longo caminho adiante e não podia prever onde ele o levaria. Mas, pelo menos, começara a estabelecer relações, sabendo como são importantes na vida.

O PRIMEIRO NOME

Entre os povos das nações o sistema para a escolha de nomes levava em conta, primeiro, o nome próprio, que deveria ser único, e identificava claramente a pessoa como pertencente à nação ou à tribo. Cada nação – e muitas tribos – usavam ligação para determinar o que, no final, era o sobrenome da pessoa. Assim, alguém da nação Anembê, obrigatoriamente teria em seu nome um “be” – por exemplo, Atiba be Cafene. Neste caso, vem o nome – Atiba – a designação da nação – be, Anembê – e, depois, a tribo, Cafene. Era comum, também, usar a designação de local, a aldeia em que a pessoa havia nascido.

O povo nômade tinha sistema parecido, mas entre os homens livres não havia regras. O assunto foi objeto de conversa dos viajantes, com Conte assinalando que os pais podiam escolher qualquer nome e sobrenome para o filho e que, mais tarde, se assim o desejasse, poderia trocar o nome por outro. Não havia registros e ninguém se importava com a mudança. Era informação nova para o jovem guerreiro que até podia continuar sendo Tevold, mas que teria, obrigatoriamente, de escolher novo sobrenome. Há anos, quando era assistente do kará tribal, havia conhecido viajante cujo nome era Ruiten, considerado na aldeia como muito esquisito. Talvez fosse alguém dos homens livres. Que tal Tevold va Ruiten? Teria de se decidir, mas, por enquanto, continuaria sendo apenas Tevold.

Parece que adivinhando-lhe o pensamento, Conte levantou a questão do nome, de como se chamaria entre os homens livres.

- Acredito – mas posso estar errado – que ao deixar as nações não mais poderá usar o seu nome. Terá de pensar em outro. Pode até continuar como Tevold, como nos disse que se chama, mas, se pedisse meu conselho, lhe diria para escolher outro. A meu ver, Tevold é indicati-

vo de gente das nações e isso o irá identificar. Se quiser desaparecer, comece pelo nome.

- Pensarei nisso, Conte. Obrigado.

A partir daí, capitaneados por Conte, começaram a brincar com a escolha de nomes. A cada hora, vinha sugestão diferente. Embora não sugerisse nenhum, acabou se divertindo com a brincadeira e, dentre as várias sugestões, acabou se fixando em um: Idris oz Senay. Mas nada disse aos companheiros, achando que ainda não era a hora de mudar sua identidade. À medida que o tempo passava, os companheiros de Conte começaram a reclamar de fome e a perguntar se estavam longe do almoço. O jovem, a exemplo dos companheiros, não recusaria uma boa refeição, mas podia esperar mais.

- Calma, pessoal. Logo vamos chegar e verão que vale a pena. Será muito melhor do que a gente parar agora e comer o que temos. Por melhor que seja, não chega perto da comida da Oca. Garanto que irão gostar.

152

Para o jovem seria nova experiência. Na corporação, as refeições eram servidas em horários programados. Acreditava que eram diferente do que encontraria fora, mesmo se comparando com o que tinha em casa, quando voltava na aldeia. A comida na Liga Vivá era boa e farta, forma de compensar o esforço a que eram submetidos nos treinamentos. Perdeu-se em pensamentos lembrando o treinamento e os exercícios diários, incluindo os de vários tipos de luta, e foi despertado pela voz de Conte.

- Veja, estamos nos aproximando da Oca. Podem preparar o estômago para a ótima refeição que teremos. O dono é meu amigo e irá caprichar.

Cerca de meia hora depois a previsão se confirmou e, ao virarem uma curva, viram ao longe o prédio da estalagem. De um lado, ficavam os quartos de hóspedes. Do outro, mas ligado ao prédio principal, a taberna. E foram para ela que se dirigiram. Desmontaram, deixaram os animais na cocheira, sendo cuidados, e foram para o salão.

- Olha só quem está chegando! Conte, Conte! Achei que não mais o veria, seu bandido. O que é que o traz por estas bandas? O que está

aprontando desta vez?

Tekle, como o taberneiro se chamava, parecia realmente surpreso. Encaminhou-se para Conte e lhe deu forte abraço, batendo-lhe de forma amigável nas costas.

- E aí, velho urso. Vejo que o negócio está prosperando. Isso é bom. Mas não vimos aqui para jogar conversa fora e sim, para comer. O que tem pra hoje? Não vai me decepcionar, não é? Afinal, trouxe meus amigos Jaino, Marit e Idris e falei muito bem de sua comida.

O taberneiro os levou para a mesa, próxima da entrada da cozinha, e pediu que lhe servissem cerveja. Conte, Marit e Jaino aceitaram a grande caneca. O jovem ficou observando-os e ouvindo os comentários. Ao mesmo tempo, correu os olhos pelo local, avaliando-o. Viu que várias mesas estavam ocupadas e havia notado que as coadeiras estavam cheias. O amigo de Conte tinha bom movimento. Esperava que o atrativo fosse, mesmo, a comida. Sentia-se faminto. Não se decepcionou. A refeição foi muito boa, farta e o lembrou da infância, quando, aos domingos, a família se encontrava e a principal atração, ao lado das fofocas familiares, era a comida. Bem alimentados, perderam a pressa. O movimento havia diminuído e Tekle voltou à mesa, sentando-se com eles. Quis saber o que tinham achado da refeição, sorrindo com os elogios. Conversaram por algum tempo e Conte levantou-se e levou para o outro canto do local o dono da taberna, para uma conversa privada. Os dois voltaram juntos à mesa e Conte anunciou:

- Pessoal, está na hora de partirmos. Já está tudo certo com o Tekle. Vamos em frente.

O guardião voltou-se para o estalajadeiro e o abraçou, agradecendo a boa refeição. Quando ia saindo, este lhe passou um envelope.

- Sei que irá ter com o feiticeiro. Pode lhe entregar isso? Ele está esperando.

Sem nada dizer, Conte colocou o envelope no bolsou e virou-se, deixando a taberna. Os três o acompanharam. Retornaram à estrada e o projeto era só pararem à noite. Ainda tinham dois dias até chegarem a Tecoama, onde poderiam descansar e de lá retomar a viagem para Caturama. Acompanhando os três novos amigos, o jovem guerreiro

estava quieto, meditativo e ninguém mexeu com ele. Quando tinham caminhado cerca de uma hora, reintegrou-se às conversas.

- Sabem de uma coisa: o Conte acabou de me dar um novo nome. A partir de agora podem me chamar de Idris. Aceito a sugestão que me deram e serei Idris oz Senay. Este é meu nome de homem livre.

O jovem tinha tomado sua primeira decisão, dado novo passo. O caminho, no entanto, continuava longo.

A MORTE DO GUERREIRO

Até chegarem a Tecoama, o jovem guerreiro foi se acostumando ao novo nome, até por o percurso ter demorado mais do que previra Conte. Tiveram alguns imprevistos que os atrasara e os dois dias iniciais acabaram virando quase quatro. Idris estava cansado. Talvez por não estar acostumado com tais jornadas ou, talvez, pelo estresse da nova vida, totalmente diferente da que tivera até então. Longe da família, de casa, de sua aldeia e das nações, sentia-se meio que abandonado. Pouco sabia do mundo fora do povo de Maravilha e até chegar ao destino tinha de aprender e se adaptar. O esforço lhe cansou e considerou oportuno o descanso proposto por Conte, que novamente o surpreendeu pelo conhecimento. Foram muito bem acolhidos na estalagem que o guardião escolheu. Animados, seus companheiros quiseram comemorar a chegada à cidade. Idris, não. Preferiu descansar e se preparar para o encontro com o feiticeiro, que poderia ocorrer no dia seguinte.

155

A ideia de encontrar o mago não havia sido sua, mas de Conte e acabou concordando com ela. De princípio, não via no que o encontro o iria ajudar, mas o guardião, muito mais experiente, insistira e conseguiu sua concordância. Descansado pela noite de bom sono, em cama decente, desceu para o café da manhã com a intenção de circular pela cidade, conhecendo-a. Não aconteceu. Quando se preparava para sair, Conte apareceu, sentou-se à sua mesa e lhe disse que, assim que terminassem, iriam ao encontro do feiticeiro. Acabara de receber recado que estava esperando-os. Os outros guardiões não participariam do encontro, apenas eles dois.

Fizeram boa caminhada e cruzaram várias ruas até chegarem quase à periferia da cidade e à pequena rua que dava ampla visão do bairro. Conte apontou para a casa da esquina, ampla, mas envelhecida, informando que era ali que encontrariam o feiticeiro. Idris estava curioso, o

que o apressou.

- Calma, Idris. Não é assim que funciona. A porta e as janelas ainda estão fechadas, indicando que o feiticeiro não chegou. Quando forem abertas, nos aproximaremos. Acabamos nos adiantando. Vamos esperar.

A espera não durou muito. Poucos minutos depois, sem que vissem alguém chegar à casa, as janelas foram abertas e alguém chegou até a porta, abriu-a, olhou a rua e tornou a encostá-la.

- Agora podemos ir. O feiticeiro está nos esperando.

Conte foi à frente e abriu a porta, já anunciando para quem estava na recepção:

- Sou Conte oz Nemez. O feiticeiro está nos esperando.

O jovem que os recebeu não se abalou, continuando com o que fazia. Olhou-os, como se conferindo, e deixou a sala. Logo depois, ainda em silêncio, lhes fez sinal, pedindo que o seguissem, levando-o à ampla acomodação nos fundos da casa. Bateu levemente na porta, a abriu e indicou que entrassem. E foi o que fizeram. O ambiente era parcamente mobiliado, muito limpo, iluminado e ventilado. No centro, displicentemente sentado, estava alguém tão jovem quanto Conte. Era alto, louro, tinha cabelos compridos, vestia-se comumente e os recebeu com um largo sorriso.

- Ah, Conte. Você nunca chega no tempo certo, não é? Sempre me faz esperar. Não sei por que o suporte. Ainda bem que me trouxe uma surpresa. Não julguei que tão cedo fosse ver Tevold ne Anembê, um dos mais promissores abás da Liga Vivá, certamente seu futuro comandante, exilado e desonrado devido à trama de duas mulheres.

Idris ficou atônito e Conte deu sonora gargalhada, aproximou-se do feiticeiro e o abraçou.

- Bem, vejo que não preciso apresentar meu acompanhante. Você já o conhece e não sei por que não me surpreendo. Encontramo-nos por acaso, já que fazia o caminho de Caturama. Só não sabia que o esperava.

- Conte, meu amigo, você só sabe o que precisa saber. A bem da verdade, no entanto, não esperava encontrar Tevold tão cedo. Foi grata surpresa a sua visita. Acho que tem algo para mim, não é?

Conte retirou o envelope do bolso e o entregou. O feiticeiro não o abriu, apenas olhando-o. Voltou sua atenção para o jovem guerreiro, examinando-o atentamente com o olhar, o que deixou Idris embaraçado. Entre seu povo, não era comum alguém olhar outrem de modo tão direto. Era considerado falta de educação, mas o feiticeiro ou não sabia ou não se importava com isso.

- Jovem, precisamos conversar e a conversa vai demorar. Não preciso do Conte, então, meu amigo, pode cuidar de seus negócios. Em caso de necessidade, peço para chamá-lo. Qual foi o nome que deu a ele?

O guardião lhe contou e saiu. Tinha cumprido sua parte. Pelo menos era o que Idris achava, mas não podia ter certeza. Assim que ficaram a sós o feiticeiro lhe indicou a cadeira próxima da que estivera sentado quando chegaram. Ficaram frente a frente e quem tomou a iniciativa da conversa foi o feiticeiro.

157

- Deve estar surpreso por conhecê-lo, mas a explicação é simples: vivi algum tempo entre os anembês e muitas vezes acompanhei o que acontecia na Liga Vivá. Quando seu processo começou, estava por perto e soube do desfecho. Tenho boa relação com o kara Amer no Taliba, embora não me conheça como feiticeiro. E foi por isso que pedi que, ao chegar a Caturama, me procurasse. É claro que o nome que lhe deu é outro, mas a pessoa é a mesma, ou seja, eu.

- O kara disse que poderia me ajudar. Pode fazer isso?

O feiticeiro disse que sim. A ajuda pressupunha algumas condições, sendo a primeira a necessidade de desvestir-se de sua identidade, deixando de ser abá e se transformando em pessoa diferente, o que requeria aprendizado.

- Se efetivamente, como lhe acenou o kara, deseja retornar a seu povo e à mulher que ama, terá de mudar completamente, como se nunca tivesse estado nas nações. Hábitos são difíceis de mudar e, no seu caso, precisamos construir nova história. Está disposto a fazer isso?

- Posso dizer com segurança que o meu maior desejo é retornar, não tanto pela Liga, mas por Anika. Acredito na promessa que fez, de me esperar. Não voltando, vou condená-la à solidão, à amargura e não consigo imaginá-la sofrendo. De coração, posso afirmar que farei o que for preciso para cumprir meu lado do prometido.

- Ótimo, se tem disposição é bom início. Não será fácil, mas pode conseguir e pretendo ajudá-lo. Vamos começar logo.

O feiticeiro lhe pediu que voltasse à estalagem e pegasse suas coisas. Não seguiria com Conte e os outros guardiões para Caturama. Ficaria em Tecoama e iniciaria a mudança. No fim do treinamento não mais seria Tevold – e nem se sentiria assim. Ganharia novo nome e nova identidade, mas elas não garantiriam seu retorno. Antes, teria de conhecer o mundo, experimentar coisas diferentes, atuar em novas áreas e experimentar novas profissões.

- Você é jovem e temos tempo. Vou esperá-lo, não aqui, mas em outro endereço. É para lá que irá se dirigir. Estarei à espera, mas não se surpreenda se estiver diferente.

158

O feiticeiro lhe instruiu a não se despedir de Conte, nem dos outros guardiões. Cuidaria de informá-los da mudança dos planos. Assim que chegasse ao novo endereço, o jovem guerreiro iria desaparecer. Depois, quem aparecesse seria pessoal totalmente diferente.

MAIS DO QUE MESTRE

Ao voltar sozinho à estalagem Conte encontrou seus dois amigos guardiões à espera e prontos para seguirem viagem. Viu nos olhos deles a curiosidade e a satisfação parcialmente.

- O jovem não irá conosco. O feiticeiro quer conversar com ele e é possível que o transforme em seu aprendiz. Se isso acontecer, não o veremos tão cedo. De qualquer forma, acabemos por reencontrá-lo, tenho certeza.

- Você nos fala sobre o feiticeiro, mas nunca o encontramos e nem sabemos, de verdade, quem é? Acha certo deixar o Idris?

Quem fez a pergunta foi Marit, que mais se aproximara do jovem guerreiro.

- Marit, se o feiticeiro o escolheu, não há força no mundo que mude a escolha. Não existe ninguém como ele, posso assegurar. O Idris está, sim, em boas mãos. O feiticeiro irá lhe ensinar e lhe dará muito mais conhecimento do que tenho, apesar de me considerar seu amigo. Mas encare as coisas de outra forma: ser escolhido é um grande fardo. Não inveje a situação de Idris.

A primeira conversa com o feiticeiro foi longa. Ao voltar à estalagem Idris não mais encontrou seus companheiros. Pegou suas coisas e foi para o endereço que o feiticeiro lhe havia dado, surpreendendo-se por descobrir que se tratava de imponente casa em área nobre da cidade. Além de grande e imponente, a residência ocupava vasto terreno, cercada de muros altos e com a área escondida mais ainda pelas árvores que acompanhavam os muros. Ao entrar, viu que era esperado por alguém que podia ser a governanta.

- Venha, vou lhe mostrar seu quarto e também o resto da casa, onde

pode encontrar as coisas que precisa, pois saio no meio da tarde. Fique a vontade e, se assim o desejar, pode explorar o quintal, que tem coisas interessantes.

Idris gostou do quarto, amplo e com vista para o quintal. A cama era grande e confortável. Havia armários e escrivaninha, o que o lembrou do seu quarto no quartel da Liga Vivá. Ali havia ordem, com as coisas perfeitamente alinhadas e nos lugares certos. Pacientemente, a governanta esperou.

- Desculpe, mas não me falou sobre onde deixo meu cavalo. A casa tem estábulo? Ou preciso deixá-lo em outro local?

- Vou abrir o grande portão e poderá entrar com o cavalo. Leve-o para o fundo do quintal e encontrará o estábulo. Pode entregar o animal ao tratador, que lhe dará os melhores cuidados. Não irá precisar dele.

Fez o que lhe havia dito e retornou à casa, encontrando-a novamente à sua espera para informações adicionais.

160

- Temos horários flexíveis, mas nem tanto. O café da manhã vai até as 8 horas. Depois, no caso de ficar na casa, o almoço é às 13 horas e quanto o feiticeiro participa é sempre pontual. À tarde temos moça e alguns snacks, com o jantar sendo às 19 horas. Essas são as regras e deve segui-las para não ter problemas.

A governanta lhe levou para o tour, mostrando as instalações: quartos, cozinhas, áreas sociais e a biblioteca, a maior que já tinha visto. Das dependências, apenas uma não lhe era liberada: o quarto do mago.

- Mesmo que queira entrar, não conseguirá. Não é que tenha segredos, pois sei que não tem. Mas o feiticeiro faz questão de mantê-lo privado. Se quiser que o conheça, irá lhe chamar, mostrará-lo e até lhe dar acesso. Até que faça isso, o quarto estará trancado por feitiço que não é capaz de quebrar. Acho que isso é tudo. Vou cuidar dos meus afazeres.

Idris voltou ao quarto, desfez a mochila, guardando suas coisas pessoais, que eram poucas. Ao abrir as portas do armário, descobriu que uma delas dava acesso ao banheiro, que explorou. Decidiu tomar banho, trocar de roupa e se preparar para o almoço que, de acordo

com sua contagem do tempo, não deveria demorar muito. Teria a companhia do feiticeiro e certamente começaria sua instrução. À espera, estirou-se na cama e acabou adormecendo, sendo acordado por batidas na porta. Levantou-se prontamente e a abriu.

- Ah, vejo que descobriu o banheiro e isso lhe deixou bem mais apresentável. Vamos, o almoço está pronto. Comeremos e aproveitamos para conversar. Sua instrução irá começar.

- Desculpe, feiticeiro. Não sei o seu nome, como devo chamá-lo?

- Nomes não são importantes e já tive vários, cada um com significado diferente e atrelado ao que me ocupava. Quem é mais próximo de mim, me chama simplesmente de feiticeiro. Acho que é adequado. Pode me chamar assim, por enquanto.

Ao chegarem à cozinha, o feiticeiro apresentou a governanta, confirmando que exercia este papel.

- Vocês já se encontraram, mas a Shaima é quem governa esta casa. É meu anjo da guarda e irá se transformar, também no seu. Irá ajudá-lo no que precisar quando na minha ausência. Qualquer coisa, é só lhe perguntar.

Durante o almoço o feiticeiro antecipou que lhe faria vários testes, apurando seus conhecimentos. A partir dos resultados e que traçaria o programa de treinamento.

- Quero que, em todos os momentos, lembre-se de que serei muito mais do que mestre. Vou lhe ensinar, mas também serei seu tutor. Passaremos muito tempo junto e para que tudo dê certo, preciso da sua dedicação. Sei que é inteligente, aprende depressa, conhece magia e sabe lutar. É um bom início, mas muito pouco. Precisarás de muito mais. O que faremos envolverá teoria, mas estará mais centrado na prática e exigirá que, tal como venho fazendo há tempo, incorpore personagens. Só quando avaliar que é capaz de incorporá-los à perfeição e que terá sua graduação.

Por uma semana Idris foi submetido a muitos testes. Mostrou seu conhecimento de feitiços, de drogas e remédios, suas habilidades na ucauca e em outros tipos de lutas, conhecimentos de história, dos

costumes das nações e o que sabia sobre o povo nômade e os homens livres. No final, estava física e mentalmente exausto. Queria apenas dormir e esquecer que era apenas o começo. Sequer podia imaginar o que ainda viria, mas desistir não era opção. Tinha de seguir adiante, por mais dura que fosse a jornada.

O PEQUENO MERCADOR

Tenho nova tarefa para você. Sabe o mercador que atua na esquina, indo daqui para o centro? Ele retornará à sua terra, chamado pela família, e irá substituí-lo.

Raino Samela não ficou surpreso com o que o chefe estava lhe dizendo. Em menos de um ano já tinha sido carroceiro, vendedor de peixe, garçom e, em tempo menor, havia exercido outras tarefas. E cada uma delas era indicação do “chefe”, que sempre mudava sua direção, exigindo-lhe mais e mais. No caso, além de manter o pequeno mercado, teria de adquirir novas informações, fosse pela observação de fregueses e transeuntes, fosse pelas conversas livres que ocorriam no mercado, alimentadas pelas fofocas locais. A cada dia seria questionado sobre o que tinha aprendido de novo. O objetivo da tarefa não era transformá-lo em mercador, mas ensinar-lhe a ser observador, obtendo informações apenas pela observação ou ligando pontos de coisas que tinha ouvido.

163

Cada nova função que lhe era dada fazia com que mudasse. O aspecto físico quase sempre era o mesmo, mas a vestimenta, o gestual e o linguajar, bem diferentes. Sua obrigação era conhecer a linguagem de quem interpretava, saber os detalhes do que o personagem fazia e não só representa-lo, mas incorporá-lo, como se fosse ele. Até agora, conseguira apenas parcialmente esta imersão, mas a cada repetição ficava melhor. Seu objetivo era chegar à perfeição, de forma que o mestre não lhe pudesse fazer nenhuma observação. Seria difícil, mas tentaria.

A indicação de que assumiria o pequeno negócio veio na sexta-feira, quando retornava para casa. Na segunda, tinha de estar preparado para o novo papel. O mercador iria apresentá-lo à clientela como o sobrinho que o substituiria enquanto estivesse fora, atendendo chamado da família. Como o mercado existia há alguns anos, tinha de rapidamente

reconhecer clientes e seus hábitos e saber detalhes do negócio. Era preciso trabalhar e usou o final de semana para percorrer os mercados locais, observando seus proprietários e os que neles trabalhavam, absorvendo trejeitos e maneiras. O que mais observou foram as roupas, que teria de ser adequadas à nova função e descobriu que não eram novas, mas também não pareciam velhas, apenas usadas, mas bem preservadas.

Na segunda-feira, antes da abertura do mercado, estava à espera do proprietário. Quando chegou, se apresentou.

- O feiticeiro me mandou. Chamo-me Raino. Enquanto estiver fora, cuido de tudo. Serei seu sobrinho.

O comerciante apenas assentiu, abriu o comércio e entraram. Raino imediatamente começou a dispor as mercadorias, seguindo a ordem que vira nos dias anteriores e limpando as bancas, deixando-as atrativas para os clientes. Com a loja aberta, o movimento começou. Sempre que um conhecido chegava, o proprietário o apresentava. No final, era quase que como um mantra.

164

- Este é o meu sobrinho Raino, que sempre me ajudou e que irá trabalhar comigo.

Os fregueses, gentis, acenavam. Alguns chegaram a lhe apertar as mãos. Quando a semana terminou, conhecia todos, sabia o que compravam e as preferências de cada um. O comerciante estava impressionado com a rapidez do aprendizado. Vendo que tinha substituto à altura, decidiu antecipar a viagem e Raino ficou sozinho na loja. Até que sua presença sozinho fosse corriqueira, também criou outro mantra.

- Meu tio teve problema na família e viajou às pressas. Tive de ficar para cuidar da loja e farei isso até que volte. Não sei quanto tempo irá demorar, mas espero que volte logo. Peço desculpas se não lhes atender como faria. Estou aprendendo ainda.

O personagem foi representado por quase três meses. Nesse tempo, Raino dominou o negócio e o melhorou, dobrando seu faturamento. Com o sucesso – e a volta do dono – era hora de nova mudança. Sabia que viria, mas não quando. A decisão era do “chefe”, não sua. Enquanto não lhe dissesse, continuaria a ser o simpático vendedor de legumes

e verduras, fazendo o máximo para agradar os fregueses, no que estava sendo o maior período das tarefas que lhe tinham sido dado. Com o domingo se aproximando, o cansaço lhe foi chegando e ansiava por fechar a loja, dirigir-se para casa e descansar, ficando sem nada fazer.

No sábado, ao retornar o “chefe” o estava esperando.

- Parabéns. Fez ótimo trabalho, mas não está destinado a ser comerciante. Tenho nova tarefa. Descanse pela próxima semana que, a partir da seguinte, será guardião. O Conte irá lhe arranjar o lugar e lhe ensinar o que sabe sobre a profissão. Quando o considerar pronto, me dirá e retornará.

Com o novo papel, deveria seguir Conte oz Nemez, não só fazendo o que pedisse, mas observando a rotina do trabalho, os roteiros das caravanas, o relacionamento com as nações, tribos, povo nômade e homens livres, aprendendo e acumulando conhecimento das pessoas, dos negócios e das rotas.

- O mais importante é aperceber-se da diferença entre as pessoas e como agem. É preciso identificar os costumes locais, incluindo o jeito de falar e de se portar. Estes detalhes são essenciais para incorporar-se à comunidade. No final, e como já lhe disse antes, o aprendizado por que está passando tem o objetivo final de torná-lo o mais comum e imperceptível, onde quer que esteja. Mas fique tranquilo que terá tempo de notoriedade. Isso posso garantir.

165

Em pouco menos de um ano, desde que chegara a Tecoama, não tivera oportunidade de cavalgar. Aproveitaria a semana para se reacostumar. Percorreria grandes distâncias à cavalo e precisava estar preparado. Quando Conte chegasse tinha de estar pronto. Daria mais um passo adiante.

Mas quão longo seria o seu caminho? Não sabia. E talvez nem seu professor soubesse.

NOVOS PAPÉIS

“**I**dris, tenho um recado para você”. O jovem ajudante tinha chegado silenciosamente e não o vira. Virou-se e viu que estendia um envelope. Pegou-o e o abriu, lendo o conteúdo. Na folha, apenas uma palavra “Volte” e, embaixo dela, um símbolo, para ele inconfundível, mas que outra pessoa certamente não identificaria e muito menos entenderia. O “volte” indicava que deveria deixar o que estava fazendo e regressasse à Tecoama. Para ele, não era problema, mas afetaria o trabalho que estava executando, já que integrava uma equipe. Conte não iria gostar, mas tinha de lhe falar. Antes de ir ao encontro de seu chefe, arrumou suas coisas, deixando-as preparadas para a partida.

166

Idris deixou sua tenda e saiu à procura do chefe, encontrando-o na companhia de outros guardiões, preparando-se para as tarefas do dia. Depois de cumprimentá-los, aproximou-se de Conte e simplesmente lhe estendeu o papel que tinha recebido.

- Precisamos conversar.

Conte olhou o bilhete e o devolveu, indicando-lhe que esperasse e começou a distribuir as tarefas do dia, nas quais não o incluiu. Com o café terminado, saíram em direção a tenda de Conte.

- Quando foi que recebeu o bilhete?

- Agora, há pouco. O ajudante é que o levou. Você sabe de alguma coisa que não sei?

- Não, sei o mesmo que você. Como ele sabia que estávamos aqui?

- Conte, esta não é a pergunta correta. A questão é por que mudou os planos? A única chance de saber é indo ao encontro dele. Infelizmente, tenho de partir. Cabe a você arranjar a desculpa para esta partida. Depois, quando o encontrar, pode questioná-lo pela mudança

dos planos.

- Tem hora que odeio este relacionamento, feito só de imprevistos. Não tenho controle sobre nada e, no seu caso, vai ser um grande desfalque. Temos uma equipe pequena e vai nos gerar mais trabalho. Pelo pouco que conheço o homem, você tem de ir. Vou arranjar a desculpa.

- Conte, lamento. Mas, como já disse, não tenho como não atender ao chamado. Comprometi-me e tenho de manter este comprometimento. Quando sai, foi sabendo que ficaria com você todo o ciclo. Alguma coisa deve ter acontecido e, ao encontrá-lo, talvez me diga.

Os dois se abraçaram e Idris voltou à sua tenda, recolheu os pertences e foi preparar o cavalo para a viagem. Se andasse rápido, dentro de dois dias estaria em casa e poderia ouvir do mestre quais eram os novos planos. “Afinal, se mandou me chamar é por ter algo novo”, pensou enquanto montava e saía em direção à principal ligação para Tecoama.

A viagem não foi do jeito que esperava e levou três dias para completá-la. Chegou à noite, colocou o cavalo no estábulo e foi para casa, vazia. O mestre não o estava esperando, o que não chegava a ser novidade. Cansado, foi dormir, colocando de lado a questão do porque de ter sido chamado. Sem compromisso, dormiu um pouco mais. Ao descer para o café, descobriu que teria companhia.

167

- Vi que tinha chegado. O que disse para o Conte?

- Não tinha nada para dizer. Mostrei o bilhete. Ele não ficou satisfeito, mas me liberou. Terá de fazer o mesmo trabalho com menos gente. Gostaria de ter esperado o término do ciclo. Mas o que aconteceu para me chamar?

- Novos planos. Até agora, tudo o que fez foi localizado, com exceção desta última tarefa. Apesar de especializada, ela não o expõe. E quero vê-lo exposto, não em uma, mas em várias circunstâncias. Alguns papéis serão bem difíceis. Quero ver se consegue exercê-los. Se conseguir, vou considerá-lo preparado. E então, damos início ao estágio final do planejamento.

Antes que Idris lhe fizesse nova pergunta, o mestre lhe passou uma

folha escrita. Nela, estavam seis nomes diferentes e, à frente de cada um, o papel que teria de exercer.

- Vejo que ficou surpreso. É mesmo um desafio. Só o estou propondo por achar que está preparado e dará conta de cada um deles. Se seguirmos os ciclos, em seis anos os terá completado e estará preparado para o estágio final, quando assumirá novo papel e identidade.

- Vou ter algum tipo de treinamento? Afinal, posso até ter noções deles, mas não conhecimento mais aprofundado.

- Vai sim. Antes de cada papel teremos cerca de três meses de treinamento, sempre coincidindo com o período em que caravanas e trupes estão em recesso. Nossa base irá mudar e vamos para Caturama. É onde sua exposição começa.

- Quando vamos começar?

- Ah, vejo que já aceitou a ideia. Ficamos aqui ainda por um mês, tempo para que pesquise cada um dos personagens, descobrindo como se vestem, como atuam, que tipo de relacionamento tem com as pessoas, como são vistos. São papéis que exigem grande adaptação e flexibilidade. Aprenda o mais que puder.

Idris ficou pensativo, olhando o mestre em silêncio. Sua vida era mais simples antes de conhecê-lo. Era algo recorrente e a cada etapa, sempre quisera saber a razão do novo papel e o objetivo do ensinamento. As respostas nunca eram claras e foi se acostumando aos imprevistos, deixando de questionar razões e assumindo os papéis, exercendo-os com a maior intensidade. Como agora, na maioria deles não se julgava preparado e, mesmo assim, os exerceu. Aprendeu mais, tornou-se mais observador, aprendeu a interpretar sinais e olhares, a ler os corpos e definir se estavam dizendo a verdade ou a mentira. Estava se transformando – e talvez fosse esse o objetivo – em ilusionista, tal como o mestre, senhor de várias caras e mil disfarces. Seu mestre não precisava tê-lo adotado. Tampouco precisava dele como auxiliar e não tinha nenhuma obrigação de ensiná-lo. Mas era exatamente o que fazia. Se lhe dizia que o novo estágio era necessário, iria cumpri-lo e o faria da melhor maneira possível.

- Não se trata de aceitar ou não a ideia. Na primeira conversa que

tivemos, foi muito claro, não escondendo as dificuldades que enfrentaria. Também foi cristalino ao explicar que poderia dizer não. Se o plano era seu, o beneficiado, no final, seria eu. A decisão de executá-lo foi minha. Olhando para trás, vejo que percorri longo caminho e não quero abandoná-lo agora. Sinceramente, não sei se conseguirei representar estes papéis, mas vou tentar e colocar neles todo meu empenho.

- Sei que fará. Se não tivesse confiança em você não o teria escolhido. E nem lhe contado quem verdadeiramente sou. Poucos sabem, mas ninguém tem tantos detalhes quanto você. Continuo achando que é a coisa certa a fazer, mas, como antes, quem decide é você. Não sou eu que percorro o caminho. Apenas o indico. Ficou satisfeito de aceitar o desafio. Sei que irá vencê-lo.

Por três meses, Idris voltou a ser o discípulo que ia se educando para o que faria. Diariamente, sentava-se com o mestre e discutiam o aprendizado, preenchendo lacunas, abrindo novas brechas e ampliando as informações. Menos de um mês do início de nova temporada, foram para Caturama e começou seu primeiro papel.





**O HOMEM
RESTAURADO**

A DECISÃO CONFIRMADA

“Senhores, temos de finalizar a decisão que tomamos”. Uma semana após a reunião em que inocentou Tevold, o Conselho estava novamente reunido e quem fez o comentário foi o Conselheiro VEICO, que havia levado o assunto à apreciação dos conselheiros, provocando a reversão da condenação do jovem abá e sua reintegração, com os direitos restabelecidos. Apesar de ver na sua ação e na decisão do Conselho o atendimento aos escritos e certo de terem aplicado a justiça, algo o incomodava, como se alguma coisa estivesse errada, mas não conseguia identificar o que era.

172

Nos dias de recesso havia passado e repassado os passos dados e não via falhas. Tudo se encaixava à perfeição e talvez fosse o fato de estar certo, com nada fora do lugar, que o incomodava. Mas ao analisar os passos, nada via de errado. No fundo, bem lá no fundo, temia ter sido manipulado, apesar de ter sido dele a iniciativa de levar a questão ao Conselho. Mas já que a decisão havia sido tomada, precisavam implementá-la.

- O conselheiro Veico tem razão. Podemos tomar dois caminhos. O primeiro é simplesmente divulgar a decisão, deixando que o beneficiado busque a reintegração que lhe demos. A segunda, é tê-lo aqui, diante deste Conselho, e promover o cumprimento da decisão tomada. Gostaria que o Conselho decidisse, pois se optar pela presença do beneficiado teremos de convocá-lo.

A intervenção foi do grande kara, Amer no Taliba, que presidia o Conselho. Pessoalmente, queria a presença de Tevold na sessão de confirmação da sentença, mas como só votava quando havia empate, era preciso, antes, consultar seus pares. Surpreendeu-se com o resultado unânime pela presença do beneficiário.

- Senhores, diante da decisão, vamos expedir a convocação de Tevold be Anembê. Pelo que sabemos, ele vive em Caturama, o que fará com que tenhamos mais alguns dias antes do anúncio da decisão. Por isso, vamos às outras questões da pauta.

A reunião foi rápida e Amer no Taliba ia saindo quando foi retido pelo conselheiro Veico em Embiá.

- Pode me dar alguns minutos? Gostaria de conversar. Pode ser no seu ou no meu gabinete.

Como estavam mais próximos do gabinete do grande kara, foram para ele.

- Você parece preocupado, Veico.

- Grande kara, tenho a sensação de que há algo errado com este processo do jovem Tevold, mas por mais que reflita não vejo nada fora do lugar. Sei que agimos certo, corrigindo a injustiça cometida com o jovem. Mas não analisamos as consequências da decisão. E só há pouco, após o início da sessão de hoje, é que atentei para isso. Talvez seja o foco do meu desconforto. O que acha que irá acontecer?

173

- Sinceramente, não sei. Como grande kara cabe-me o papel de especialista nos Escritos. Considero-me bom conhecedor dele, mas nunca imaginei que contivesse o dispositivo em que nos baseamos para ouvir a queixa de Tevold. Ele nos fornece nova perspectiva de como encaramos alguns fatos. Minha opinião é que a divulgação da decisão irá criar grande impacto entre as nações, mas não saberia determinar quais, nem seu alcance. Estou seguro que a Liga será muito afetada e é possível que o Conselho tenha de analisar outros fatos relacionados a ela.

- Aplicar a justiça deveria ser mais simples. Em tese, vivemos pelos princípios dos Escritos. Na realidade, nos afastamos deles há muito tempo, criando atalhos e caminhos que nos desviaram dos ensinamentos que nos trazem. Eu também fui surpreendido, mas ao tomar conhecimento não poderia deixar de agir. Acho que fiz o certo. Não me arrependo e faria de novo. Mas temos pelo que desencadeamos. Podemos ter criado um ponto de inflexão e isso pode nos mudar e não sei se será para melhor.

- Nenhum de nós se preocupou em discutir esta questão antes do julgamento. Concordamos que era importante enfrentá-la. Acho que agimos da maneira certa. Mas como você fiquei com a sensação de inadequação. Gostaria de ter refletido mais, mas não posso fazer o tempo voltar. Então, é vivermos com a incerteza do futuro e que nossas ações tenham impacto nele. Ainda a propósito deste caso, preciso que me ajude a fazer contato com o jovem Tevold. Como comandou o julgamento, tem os dados necessários para este contato.

No dia seguinte à conversa, o mensageiro foi mandado para Caturama e à procura de Conte ou Nemez, a quem deveria entregar a convocação de Tevold ao Anembê, chamando-o para a sessão do Conselho em que veria restaurado seus direitos. Na convocação, havia a informação de a cerimônia ser privada, apenas com a participação dos conselheiros e do beneficiado. Entre idas e vindas, a nova reunião do Conselho foi programada para 12 dias à frente, o que cumpria a previsão de Mira de que, entre a decisão e sua consolidação teriam cerca de 30 dias. Apesar de ter tempo, estava preparado, pronto para partir assim que recebesse a convocação. Quando viu Conte se aproximando, imaginou que ela havia chegado.

- Conte, seu senso de oportunidade continua ótimo. Não é que chega na hora do almoço. Com certeza veio filar a boia, não?

- Acho que isso é um pagamento pequeno para ter me transformado em mensageiro, mesmo estando de férias. Começo a pensar que acham que sou seu pai e que é uma criança que precisa de proteção. Sempre que alguém quer falar com você, quem procuram?

- Certo, certo. Você faz jus ao almoço. O que tem pra mim?

Conte simplesmente lhe estendeu o envelope com o timbre do Conselho das Nações. Mira sorriu, reparando que estava aberto. A curiosidade do amigo não resistiu, mas não se importava. Confiava nele e que nada falaria, a não ser que fosse liberado. Pegou o envelope, abriu e leu o conteúdo.

- Tenho de partir. Você podia ir comigo.

- Não acho que seria conveniente ou necessário. Já decidi qual será o personagem desta vez? Já conversou com o Sami?

- O Sami viajou há uma semana. Pode ser até que esteja em Anembê, mas não sei. Quando a personagens, serei eu mesmo. Pelo menos até chegar serei Mira na Moana. Não vou precisar de um clone. Terei de ser eu mesmo, não apenas um observador de longe. Gostaria que fosse comigo. Seríamos dois guardiões com alguma missão fora de época. Melhora o disfarce. Vou sair logo pela manhã.

Na manhã seguinte, quando deixou a grande casa, Conte o estava esperando. Sem dizer palavras, colocou-se a seu lado e partiram para a jornada de quatro dias. Quando chegassem ao destino, Mira na Moana iria desaparecer e, em seu lugar, surgiria Tevold be Anembê, que tinha suas características físicas, mas que, para quem olhasse, era bem diferente dele. Seria a última vez que faria a transformação. Precisava voltar a ser o jovem que deixou as nações, não por ele, nem pelo Conselho, mas por Anika. E era apenas o primeiro de muitos passos que daria até retornar à casa grande. Sua esperança era voltar acompanhado.

Na manhã do quinto dia depois de ter deixado Caturama, Mira na Moana saiu da pensão onde tinha dormido e caminhou apressado em direção à mesma casa a que se dirigiu ao término do julgamento de Tevold be Anembê. Como da primeira vez, passou por ela, observando o entorno e vendo que estava tranquilo, aproximou-se, abriu a porta e entrou, encontrando a mesma penumbra e, nela, alguém sentado, esperando.

- Você está preparado?

- Não. Não me sinto preparado. Aliás, vou me sentir nu. Preferia que o Conselho fizesse isso sem minha presença. Na verdade, esperava que fosse assim. Fiquei surpreso com a convocação. Podia recusá-la, mas não achei que fosse correto ignorar o pedido.

- Se lhe deixar mais aliviado, saiba que será sessão fechada, somente com sua participação, como foi o julgamento.

- É melhor assim. Vou me preparar.

Mira na Moana entrou em um dos quartos da casa e, uma hora

depois, quem dele saiu foi Tevold be Anembê. Na sala, à sua espera, estava outro Mira, que lhe sorriu.

- Já estou pronto. Vou sair primeiro, volto à estalagem e encontro o Conte. Você vai para o Conselho. Depois, nos reencontramos aqui. Boa sorte.

Esperou por volta de 10 minutos e também saiu, tomando o rumo do Conselho. Apresentou suas credenciais e pela pressa com que foi atendido, teve certeza de estar sendo esperado. O atendente o encaminhou ao gabinete de Amer no Taliba, o que era inesperado, pois imaginativa ser recebido por Veico em Embiá.

- Obrigado por atender a convocação do Conselho, Tevold. Temos algum tempo antes da sessão e gostaria de algumas informações. A primeira dela é: O que pretende depois de restaurado?

- A pergunta não é essa, kara. Talvez o mais correto seria perguntar o que vou fazer. O que quero não depende só da minha vontade. A única razão para ter buscado esta reparação tem um nome: Anika. É ela quem irá decidir o que farei. Quando souber, então poderei lhe responder. Sim, tenho planos. Mas eles são diferentes dependendo da posição da sua filha.

- Desculpe, não fui claro. A questão é mesmo o que pretende fazer e o que gostaria de saber é qual sua intenção em relação a minha filha.

- Não teria lutado pela reversão da decisão da Liga Vivá se não pretendesse viver com Anika. Este é o ponto. Mas preciso saber se ainda quer viver comigo. As condições mudaram. Não sou mais o jovem abá, orgulhoso do seu posto e à espera da promoção para ficar noivo e casar. Construí uma vida fora daqui. Será que ela entende isso? Será que vai me aceitar como sou? Mudei, mas ela não sabe. Quando souber, como reagirá? Não acredito que tenha a resposta, kara. Por isso é que afirmo que só saberei o que fazer depois de conversar com a Anika.

Vendo a posição do jovem, Amer no Taliba desistiu de lhe perguntar se voltaria à Liga Vivá e explicou como seria a sessão do Conselho. Conduziu-o, então, ao gabinete do conselheiro Veico em Embiá, que o instruiria no que fazer.

- Sente-se, Tevold. Acho que não chegamos a conversar e é preciso que saiba alguns dos procedimentos do Conselho. Vou lhe explicar e se tiver dúvidas, pergunte.

O Conselheiro lhe passou o roteiro dos procedimentos, começando com a consolidação da decisão Dos conselheiros, que seria registrada, lida, assinada pelos integrantes do Conselho e por ele próprio. A decisão seria publicada, ganhando força legal. Só depois disso é que poderia solicitar o seu reingresso na Liga Vivá, pois a decisão lhe isentava das acusações e revertia sua posição de exilado a integrante da Liga, já com seu novo posto.

- Quero que fique claro que terá de ir à Liga e pedir a reintegração. O que o Conselho fez foi inocentá-lo e garantir sua reintegração, mas ela não é automática.

- Sei disso, conselheiro. A decisão do Conselho apenas remove as razões por que fui excluído. O processo de reintegração é outro, embora haja a determinação do Conselho, pelo que entendi da decisão, para que isso seja feito.

- Posso lhe fazer uma pergunta direta?

- Pode fazer qualquer tipo de pergunta, conselheiro.

- Qual foi a verdadeira razão de ter vindo buscar a decisão do Conselho? Desconfio que não é para voltar à Liga.

- Não é bom ser um pária, conselheiro. Até poderia viver como exilado, mas lembre-se que me transformaram em pária que sequer podia se aproximar dos territórios das nações. E isso é ainda pior quando se tem certeza de ser inocente. Acho que isto basta para justificar o pedido ao Conselho.

- Mas existem outras razões, não é?

- Sempre existem outras razões, conselheiro. Mas tomo o direito de preservá-las por entender que são de foro íntimo. A única razão pública é a que já lhe dei.

- Desculpe se sou insistente, mas acho que há uma razão maior para tudo isso, embora não a tenha alcançado. Não quer me dizer?

- Conselheiro Veico em Embiá, sou apenas e tão somente um guardião, alguém que foi obrigado a tomar outro rumo para sobreviver. Não tenho este poder de análise que me atribui.

O conselheiro parecia agitado, mas Tevold estava absolutamente calmo. Sim, havia consequências, mas não lhe cabia a iniciativa de analisar a situação e apontar os pontos que tinham puxado. E não era só isso. Além dos pontos que ele e Sami discutiram poderia haver outros que não observaram. O processo de mudança era uma constante e, quando apressado podia trazer consequências que ninguém previu. A decisão do Conselho representava, sim, um ponto de inflexão, trazendo à luz os princípios dos Escritos, os fundamentos das nações e o julgamento mostrou como a Liga havia se desviado deles. A sociedade se veria exposta nas ações da Liga o que levaria a novas mudanças. O que o conselheiro queria era um exercício de futurologia, que não faria.

- Obrigado, Tevold. A reunião do Conselho já vai começar. Se quiser, pode esperar aqui, que mando chamá-lo na hora oportuna. Ou se preferir, pode esperar na sala de sessão, mesmo. Com licença.

178

Para Tevold não fazia diferença e, se não fosse convocado, sequer participaria da sessão. Mas já que estava ali, preferiu antecipar o chamado e dirigiu-se à área de público da Sala do Conselho, sentando-se bem à frente, como se estivesse lembrando aos conselheiros do que tinham feito. Tranquilo, acompanhou a sessão até que chegassem ao seu julgamento e à redação da decisão, só se manifestando quando chamado. O grande kara Amer no Taliba foi quem leu o conteúdo da decisão tomada e anunciou que seria difundida para as nações. Uma cópia, com as armas e assinaturas dos conselheiros estaria à disposição de Tevold no dia seguinte. Era só procurá-la na Secretaria. A decisão restaurava seus direitos e o deixava limpo das acusações, dando-lhe total liberdade de movimento entre os povos das nações.

- Na decisão, o Conselho anulou as acusações que lhe foram feitas, declarou-o inocente e reconheceu que a condenação na Liga Viva foi fruto de uma trama. Além disso, restaurou seus direitos, incluindo a promoção para a qual já havia sido indicado. Há na decisão recomendação expressa para que a Liga o readmita, mas a volta dependerá de sua vontade. Se este for seu desejo, deve solicitá-la com base nesta

decisão. O édito com a resolução do Conselho será tornada pública amanhã, o que lhe concederá validade. E estamos encerrando a sessão do Conselho se ninguém mais quiser se manifestar.

O grande kara fez uma pequena pausa ao ver que Tevold estava se levantando, julgando que fosse se dirigir ao Conselho e foi surpreendido pela atitude do jovem, que se curvou levemente em direção aos conselheiros, virou-se e saiu sem dizer palavra.

UM SÓ E MUITOS

“**S**enhorita Anika, podemos conversar por alguns minutos?”. A voz assustou Anika, que se virou e viu à sua frente alguém que, inicialmente, julgou ser Tevold, mas que identificou como o guardião Mira na Moana, que a olhava sorridente.

- Desculpe se a assustei. Não foi meu intento. Podemos nos sentar ali, à sombra, se aceitar conversar. Acho que lhe devo uma explicação.

Anika ficou curiosa e aceitou. Lembrou-se do rápido contato com o guardião e a impressão que havia lhe causado e o que o pai lhe disse, depois, constatando que ele nada tinha a ver com Tevold. O que pretendia? Será que sabia alguma coisa sobre Teve? No contato com o pai, negou que o conhecesse. Não, não foi isso. Apenas disse não ser ele, pois não pertencia às nações e, por isso, não podia ter pertencido à Liga. O guardião tinha sua atenção.

- Desculpe a maneira com que a abordei, senhorita. Talvez devesse procurar seu pai, o grande kara, mas acho que o assunto a interessa diretamente e, por isso, é que estou aqui. No encontro que tive com o kara Amer no Taliba podia ter lhe dito que conheci Tevold e que se transformou em amigo, já que trabalha na minha companhia de guardiões. Ele não me perguntou e, então, achei que não precisava falar. Depois, refleti e é o que quero lhe contar.

O que contou a Anika era parte da cobertura para a aproximação de Tevold. Disse-lhe que ao deixar as nações, Tevold lhe havia sido apresentado por um amigo comum, que o encontrou logo após a partida e praticamente o adotou. A primeira providência foi lhe dar novo nome, já que pela decisão do Conselho não mais poderia usar seu sobrenome de nação ou da Liga. Ele e o amigo acharam que também não devia continuar como Tevold e o convenceram a trocá-lo. No final, o nome

escolhido foi Idris oz Senay. Ele foi admitido como aprendiz, o que lhe proporcionava um pequeno salário e local para ficar.

- Um dia, estávamos na taberna almoçando quando vimos alguém se aproximando. Como somos todos pacatos, não nos preocupamos. A pessoa se apresentou como Sami, se disse feiticeiro e que precisava conversar com Tevold, citando seu antigo nome. Mas a conversa não seria ali, indicando o endereço que deveria procurar, ressaltando que era importante e que a conversa interessava mais ao jovem guardião do que a ele. Ficamos curiosos, mas Idris mais ainda. Ao término do almoço, foi ao encontro do feiticeiro. Nós voltamos às nossas tarefas.

Idris só retornou ao alojamento no final da tarde e o foi procurar.

- Queria agradecer pelo que fez por mim. Queria que o Conte estivesse aqui para lhe agradecer, também. Ele me deu um caminho quando estava perdido. Vou me juntar ao feiticeiro, tornando-me seu aprendiz. Na infância e juventude cheguei a pensar em ser kara dos anembês e aprendi bastante. O feiticeiro me ofereceu a oportunidade de aprender mais e tomar outro rumo. Vou para Tecoama, mas sempre que puder estarei por aqui, não quero perder o contato com vocês.

181

Idris e o feiticeiro não foram vistos por muito tempo e pelo menos um ano se passou antes que Mira o encontrasse. Ele estava mudado. Deixou de ser louro. Seus cabelos estavam castanhos. Havia ganhado corpo e tinha atitude diferente. Já não aparentava medo ou insegurança. Ganhou um olhar perscrutador, profundo e o seu gestual ficou muito mais contido.

- Ele não estava representando. Era mesmo Idris e tinha uma história completa, capaz de convencer qualquer pessoa, que saia admirado com o esforço – e bastante sorte – que teve, conseguindo chegar onde chegou. Nesta volta, ficou em Caturama cerca de uma semana e depois sumiu de novo.

Algum tempo depois o feiticeiro reapareceu em Caturama, mas Idris não veio junto. Mira o questionou e recebeu como resposta apenas que o jovem estava cumprindo outras tarefas, representando novos personagens. Sorrindo, mas com voz séria, o feiticeiro lhe disse:

- Você se preocupa a toa. O Idris está bem e representando novo

papel. Nós todos, a toda hora, representamos, configurando nossos personagens. O Idris está aprendendo a ser ele e, ao mesmo tempo, outros. Normalmente, somos só um. Mas há aqueles que, por qualidades próprias, podem ser muitos. Quem tem este dom, pode ser quem quiser. E o Idris tem o dom. O que está fazendo é exercê-lo e refiná-lo. No final, voltará mais forte, melhor, com mais conhecimento e poderá reassumir o seu verdadeiro eu, seja qual for.

Ainda sorridente, o feiticeiro levantou-se e partiu. Mira não entendeu o que quis dizer, mas já na temporada começou a ouvir histórias sobre um novo personagem, um jovem curandeiro. A única coisa a ligar o novo personagem jovem a Idris era a semelhança física.

- Quando o Idris começou conosco, chegaram a dizer que se eu fosse mais velho certamente diriam que seria meu filho, tanto que parecia comigo. Chegou a tal ponto que parei de estranhar quando as pessoas me confundiam com ele. No caso dos novos personagens, muitas vezes me chamaram a atenção para a semelhança comigo, mas como nunca encontrei nenhum deles, não poderia dizer se eram mesmo parecidos.

182

Assim como surgiram, as histórias cessaram e, no final de uma das temporadas quando retornou a Caturama, Idris estava à sua espera. Estava mudado, mas Mira o reconheceu. Já não era o jovem assustado que tinha obtido sua ajuda. Mostrava confiança, segurança, ganhara músculos e havia deixado de ser louro.

- Estou voltando. Dessa vez para ficar. Só que não me chamo mais Idris. E me deu um novo nome. Por mais que o questionasse, nunca me disse por que o mudou.

- Espere. Há algum tempo recebi um bilhete, entregue pelo mágico da trupe de Alton. Depois, conversando, me disse que este bilhete lhe havia sido entregue por um feiticeiro e por alguém chamado Mira. Você é este Mira?

- Não senhorita, não sou eu. Mira é um nome comum entre o povo livre. Apesar de conhecer o feiticeiro, não tenho intimidade com ele. Talvez tenha sido o Idris, fazendo-se passar por mim. Acredito que não teria dificuldade em fazer isso. É muito bom em assumir e repre-

sentar papéis, disfarçando-se como outra pessoa.

A partir da volta, Idris – Mira continuava chamando-o assim, mesmo tendo afirmado que tinha outro nome – dedicou-se ao trabalho e o ajudou a construir a nova companhia de guardiões e a expandir seus serviços, conseguindo o contrato com Ekeko, mas atendendo outros clientes, cuidando da segurança e logística. Tudo estava indo muito bem, até há cerca de três meses.

- Na época que o kara Amer no Taliba me procurou, querendo saber se era Tevold, recebi um recado do Idris. Nele, me dizia que ficaria fora por um tempo, não precisando a duração, mas que não me preocupasse, pois tudo estava arranjado para a próxima temporada. Não me preocupei até esta semana, quando o vi, de relance, aqui em Anembê. Ele não me viu. Não sei onde está, nem vou procurá-lo. Ele só é encontrado quando quer.

A presença de Idris e a informação da reunião do Conselho das Nações fez com que Mira chegasse à decisão de procurar Anika.

- Senhorita, não posso afirmar, mas me parece que não é coincidência a presença do Idris e a reunião do Conselho. Acho que há uma interligação. Acho que pode tê-la provocado, mas não sei a razão. Estou certo que a irá procurar e foi por isso que quis ter esta conversa. Se isso acontecer, quem irá lhe procurar não é o jovem Tevold que deixou as nações, mas um homem muito diferente. E digo diferente em todos os aspectos.

Anika quis saber mais. Mira não tinha as informações. O que fez foi especular, reafirmando a decisão de Idris de encontrá-la e recuperar o que sempre dizia ser o amor de sua vida.

- Senhorita Anika, o Idris é mais do que um amigo, é meu irmão. Peço que o ouça. Permita que lhe conte sua história. Não o julgue pelo que aparenta. Deixe que se revele. O que fez foi para reencontrá-la. Pense nisso e desculpe por tomar seu tempo.

Anika não teve tempo de agradecer. Quando se deu conta Mira havia levantado e partido, andando apressado. Sentiu o impulso de segui-lo, mas acabou presa no banco, pensativa. Queria muito encontrar Tevold. Ansiava por isso. Sabia que estaria diferente, mas nunca ima-

ginou que a diferença representasse um desafio. O que Mira quis lhe dizer, de verdade? A incerteza a deixou assustada, mas não se deixaria vencer. Confrontaria o pai sobre a reunião do Conselho.

* * * * *

- Pai, gostaria de conversar.

Amer no Taliba acabava de chegar em casa e surpreendeu-se por Anika o estar esperando e pelo tom incisivo que colocou na frase e, sobretudo, em conversar. Estava cansando e preocupado, mas não deixaria de atender a filha.

- Claro, filha. Sobre o que quer conversar?

- O que a reunião do Conselho tem a ver com o Tevold, pai? Você não me falou nada.

- Nika, não podia e ainda não posso. As sessões são secretas, confidenciais e ninguém pode falar do que está discutindo. Posso ser o grande kara, o presidente, mas estou sujeito às mesmas regras. Lamento, mas nada lhe posso dizer.

- Então é verdade que o Tevold está envolvido?

Filha, não costumo esconder nada de você, mas desta vez não posso mesmo falar. Só quando for liberado da confidencialidade é que posso discutir o que o Conselho está fazendo.

Anika ficou irritada. Mesmo admitindo que o pai não lhe podia contar, queria saber. E pela reação teve certeza que as reuniões tinham a ver com Tevold, o que lhe trouxe, ao mesmo tempo, esperança e medo.

- Você se lembra do Mira, o guardião que trabalha com o Ekeko? Ele veio me procurar e me contou uma longa história sobre o Tevold e, no final, disse tê-lo visto aqui, sugerindo que tinha algo a ver com a reunião do Conselho. Achei a história estranha, mas estou convencida que está certo.

- Não posso comentar as reuniões, já lhe disse. Espere um pouco mais. Quando puder, lhe conto o que está sendo discutido. Pode me dizer o que o Mira lhe contou?

Ela contou, tentando lembrar os detalhes e viu, ao longo do relato, a curiosidade do pai, principalmente quando se referiu ao feiticeiro e a possibilidade de uma pessoa representar mais de um papel.

- Mira lhe disse o nome do feiticeiro?

- Não, pai. Por que?

- Já ouvi algumas histórias sobre este feiticeiro, inclusive de pessoas das nações e algumas até em boa posição. O curioso delas é que nunca tem um nome. Ninguém sabe, de verdade, como é, de onde veio e como é capaz de mudar de local e de aparência. Chego a duvidar que exista, mas as histórias são reais. Fiquei intrigado quando falou dele.

- Pai, será que tudo não é uma armação contra o Teve? Igual a que fizeram na Liga?

- Não acredito que seja armação. Se há alguma é a favor de Tevold. Na verdade, nada sei. Não tenho elementos para julgar. O Ekeko me disse, há algum tempo, que o Mira era inteiramente confiável. Talvez tenha tido boa intenção ao lhe contar esta história. Mas não consigo entender qual é o seu objetivo?

185

- Pai, não me importo se a armação for para inocentar o Teve? Mesmo que tenha feito outras coisas, você sabe que não assediou ninguém. Confio nele. E acho que também acredita no que disse. Quero o Teve de volta, pai. Já disse isso milhares de vezes. E não importa que, aparentemente, tenha mudado. Desde que me ame, vou ficar com ele.

* * * * *

- Não sabia que estava me esperando.

- Ah, nem você é capaz de adivinhar tudo, não é?

- Sou feiticeiro, não adivinho. Não posso ver o futuro.

- Não, mas pode influir no presente. Por que foi conversar com Anika.

Um dos Mira, o que havia acabado de chegar, olhou para o outro com surpresa, revelada pelos olhos e pelo quase imperceptível movimento corporal. O Mira sentado, esperou. O outro também se sentou.

- Achei que devia a ela uma explicação. Queria fazer um alerta, lembrando-a que o Tevold que conheceu não é mais o mesmo e que precisa ouvi-lo, esperar pelas explicações. Nós a enganamos antes e não queria enganá-la de novo. Sinto-me melhor comigo mesmo depois de ter tomado esta ação.

- Você está provocando um futuro e isso não devia acontecer. Está fazendo com que o acaso não funcione. Não é assim que agimos e, se digo isso, faço por ter me ensinado. Sim, nós a enganamos. Mas não foi só a ela. Vai me dizer que irá cada uma das pessoas e lhes contará outra história. Tenho certeza que não fará isso. Sua aproximação tem um propósito. Sei qual é. Mas, acredite, não vai funcionar. Preferia que não tivesse tomado esta iniciativa.

- O que acha que pretendi?

- Tornar o caminho mais fácil. Mas não é o que vai ocorrer. Com o contato, vai torná-lo mais difícil. Terei de dar explicações adicionais e para ser convincente terei de o envolver, o que levará, também, à revelação de algumas de suas facetas, que poderão identificá-lo. Não sou a única pessoa dotada de inteligência entre os que convivem com você ou o conhecem.

- Você acha que me importo?

- É claro que se importa. Por que está há tantos anos atuando sem que as pessoas saibam quem é? Feiticeiro não é um nome, uma identidade. Apenas o disfarce. O que Sami quer dizer? Nada em um mundo onde existem milhares de Samis, cada um deles diferente do outro e nenhum é feiticeiro. Se não tivesse nada a esconder, já teria revelado sua identidade. Entendo a razão de mantê-la, mas sua ação colocou todo este disfarce em risco.

- O que você irá fazer?

- Em relação a você, nada. Em relação ao resto, exatamente o que planejei. A decisão do Conselho será publicada amanhã. Vou dar três dias para que ganhe a maior repercussão e aparecer, pegar a cópia do édito e procurar Anika, casar-me com ela, retornar a Caturama e à empresa. A partir de então vou representar poucos papéis. Serei guardião, terei esposa, filhos e família.

- E vai contar sua história a Anika?

- Vou contar o necessário. Serei cuidadoso.

- Então, está tudo decidido? Há alguma coisa mais a fazer?

- Há muita coisa a fazer e muito não está decidido, mas não vou me preocupar com isso. Quero ser um cidadão pacato, transformando-me novamente em guardião e pai de família, como milhões de outros em Maravilha.

- Parabéns, Tevold be Anembê. Você conseguiu o que queria e me fez ver o papel que o amor representa neste mundo. Sinceramente, não acreditava que conseguiríamos chegar tão longe. O feiticeiro vai entrar em recesso, pelo menos por um tempo.

- Muito obrigado, Morio no Malik. Não teria conseguido sem sua ajuda. Você continuará sendo meu mestre e terá sempre um lugar à sua disposição ao meu lado. Mas entenderei se desaparecer por um tempo.

O primeiro Mira viu, novamente, o olhar de espanto do segundo e não se conteve, soltando uma sonora gargalhada. O outro o olhava, estupefato. O silêncio voltou e durou alguns segundos.

- Então, você sabe. Quando descobriu?

- No meio do segundo ano, mas os indícios começaram ainda no primeiro. À medida que fui aprendendo, fui juntando as coisas e, acho que foi em um treinamento, quando me disse algo que funcionou como insight. Depois, foi só ligar os pontos e confirmar o que já sabia. Foi mais fácil do que julgava. Acho que já esperava por isso, mas nunca falamos no assunto. Não achei importante. Tinha mais coisas por fazer. Nomes, como sempre afirma, são apenas detalhes. Quer que lhe conte a história?

- Se for a minha, não precisa. Acho que a conheço bem. Você, mais uma vez, me surpreende. E olha que não sou fácil de surpreendeu. Mas já sabe disso, pois estava me lendo o tempo todo. Acho que chegamos a uma nova encruzilhada e ela me apresenta mais incertezas que certeza. Você já traçou o caminho. Eu não. É verdade que vou sumir por um tempo, mas posso voltar mais cedo e ser, quem sabe, um tio que veio de longe, de que sua família falava, mas que nunca conheceu. Se

decidir, este será o último papel da minha vida.

- Sabe o que me moveu até aqui, mas não o que penso em relação ao futuro. Não acho que seja uma boa escolha viver como muitos. Chega uma hora que se quer ser um, identificado, com ligações mais fortes, com alguém ao seu lado. É este o caminho que estou tomando, mesmo não sabendo se sairei vitorioso. O estranho é que, mesmo sendo um só, vou continuar sendo muitos. As memórias vão permanecer e me lembrarei. Quando voltar, e se voltar, vai encontrar minha nova velha persona. Você sempre será bem vindo.

Os dois Miras se levantaram e se abraçaram longamente. Ao se separarem, cada um seguiu para um dos quartos da casa. O segundo Mira saiu primeiro, mas não era o mesmo. Sua aparência tinha mudado e quem o visse, embora pudesse ter a sensação de já o ter visto, não o reconheceria. Ao sair, talvez provocado pela conversa, era uma nova persona. Se alguém lhe perguntasse, certamente iria dizer que se chamava Moiro no Malik, um cidadão do mundo.

188

Mira esperou um pouco depois de ouvir o barulho da porta sendo fechada. Saiu de seu quarto e foi para o outro, recolhendo os pertences que encontrou e colocando-os na bolsa que já estava parcialmente ocupada. Depois, revisou todos os cômodos, certificando-se que nada tinha ficado, capaz de identificar seus ocupantes eventuais. A busca foi cuidadosa e cada objeto foi avaliado. No final, o que a casa tinha era comum, encontrado em outras residências ou facilmente adquiridos. Nada que lembrasse um gosto específico, que chamasse a atenção. Deu-se por satisfeito. Fechou a sacola e saiu. Nem bem tinha caminhado uma quadra, quando ouviu um chamado.

- Mira, Mira, por favor, espere. Preciso lhe falar.

Identificou a voz e diminuiu o passo. Quando se virou, estava sorrindo.

- Senhorita Anika, que surpresa. Não esperava encontrá-la.

- Depois do que me contou, precisava perguntar o que sabe, de verdade.

- Senhorita, só sei o que lhe contei. Na verdade, são informações

esparsas que juntei, mas não posso assegurar a total veracidade dela. Como seu pai é o Presidente do Conselho, achei que ele poderia lhe dizer o que está acontecendo.

- Fui falar com meu pai, mas ele disse que a sessão é secreta e nada pode me falar. Você sabia disso?

- Não, senhorita. Não sou das nações e o pouco que conheço delas é como guardião. Não sei os mecanismos do Conselho e nem entendo bem o que ele faz. Desculpe se não posso ajudar, mas não tenho mais informações. Se me permite, tenho de ir. Estão me esperando para voltar a Caturama.

Mira voltou-se e suas feições haviam mudado. Não estava mais sorridente, amável. Seu rosto tinha endurecido. Compreendia a boa intenção do feiticeiro, mas a conversa com Anika iria tornar as coisas mais difíceis. Como convencê-la de que, mesmo tendo sido muitos, se transformaria em um, embora não fosse exatamente o Tevold de quem se lembrava. Quando se reencontrassem, estaria diferente, mas ainda guardaria as facetas daqueles que representara. Seu último pensamento, antes de apertar o passo e virar a esquina, foi “Será que Anika vai me aceitar como sou?”.

O AMOR RECOMPENSADO

Era uma quinta-feira que todos lembrariam. O dia era de verão e com o sol a pino, o que levava as pessoas à sombra e uma delas era o pórtico onde eram fixadas as decisões do Conselho das Nações. No meio das decisões, mas à parte, vinha a informação da reversão da pena aplicada pela Liga Vivá a Tevold zo Parka, cujo nome de origem era be Anembê. O primeiro leitor da decisão não se lembrou do nome e nem do episódio, mas o segundo a quem contou, sim. A partir daí, ela se multiplicou, com mais e mais detalhes sendo acrescentados. Por volta do meio dia, estava consolidada e virou o principal comentário na hora do almoço. Entre os anembês a notícia caiu como uma bomba. Tevold tinha lhes dado orgulho e os deixara envergonhados. A questão mais frequente, quando informados da decisão, era “o que tinha havido?”

Enquanto o burburinho tomava conta da maior das conversas, Anika estava alheia à nova informação. Em casa, ajudava a mãe nas tarefas do dia e preparava a mesa para o almoço. Tão logo o pai chegasse, estaria pronto aguardando-o. Quando Anika se sentou, esperando o pai, ouviu o chamado e foi atender. Era a prima que a tinha levado ao show do mágico, quando recebeu o bilhete de Tevold. Pelo gestual, estava excitada. Abriu-lhe a porta e quase foi arrastada para a sala, onde ambas se sentaram.

- Você sabe da última decisão do Conselho das Nações?

- Não. Sei que esteve reunido, pois meu pai me falou. Mas não disse do que tratavam.

- Prepare-se. É uma bomba. O Conselho acabou de publicar uma decisão que não só inocenta Tevold das acusações que lhe foram feitas, mas lhe concede o direito de retornar à Liga Vivá, ocupando o posto para o qual seria promovido antes de ser excluído. Ele teve todos os

direitos restaurados. Pelo que entendi, pode voltar para Anembê e para as nações. A decisão do Conselho o inocenta de tudo o que o acusaram.

Anika ficou paralisada, sem fala, apenas olhando a prima, que viu as lágrimas correrem pelo seu rosto e esperou.

- Quero ver com os meus próprios olhos. Vamos lá. Venha comigo.

Segurou a prima pela mão e saíram às pressas. Foi uma caminhada curta e Anika leu com avidez as últimas decisões do Conselho até chegar à decisão sobre Tevold. Ela sorveu cada uma das palavras e anos mais tarde era capaz de repetir frase por frase, reproduzindo o documento na íntegra, incluindo as pontuações. Quando terminou a leitura e virou-se para a prima seu rosto resplandecia.

- Sempre soube que a acusação contra o Teve era falsa, mas nada pude fazer, a não ser vê-lo partir e ouvir a promessa de que, um dia, retornaria. Nunca tive dúvidas do amor que me tem, mas duvidei que conseguisse voltar. Estava errada. Ele está cumprindo sua promessa e, quando voltar, estará totalmente limpo. Agora, é só esperar mais um pouco que vai voltar.

- Entendo sua felicidade, mas já considerou a possibilidade de Tevold não regressar?

- Ele prometeu e acredito nele. Você vai ver. Quando souber da decisão do Conselho, virá. Sei que não será o mesmo, que terá mudado. Mas virá. É o que quero. É o que espero. Não vou perder a esperança.

Quando Tevold havia sido excluído da Liga e proscrito, Anika era pouco mais do que uma menina. Ao longo dos anos transformou-se em mulher, guardando a mesma beleza e inocência que fez Tevold apaixonar-se por ela. A notícia do reconhecimento da inocência do amado e deixou ainda mais bonita, ampliando o viço que sempre tinha guardado. A prima foi a primeira a notar a mudança, também observada pela mãe quando retornou à casa. As três sentaram-se e Anika contou à mãe a decisão do Conselho. Estava feliz, muito feliz. Mas também zangada com o pai, que lhe havia escondido os fatos. Quando ele chegou, foi direta:

- Pai, por que não me contou que o Conselho ia inocentar o Teve?

- Não podia, filha. Assumi o compromisso de guardar segredo. Não podia quebrá-lo. E não queria lhe dar falsas esperanças, pois não sabia como o Conselho iria decidir, se aceitaria ou não o pedido de Tevold. Desculpe, mas foi melhor assim. Agora, já sabe que ele foi inocentado. Vou lhe contar como foi.

O grande kara assumiu o papel de pai, não de condutor das nações, e relatou à filha o que havia acontecido, do momento em que o conselheiro Veico em Embiá apresentou o pleito de Tevold até a decisão do Conselho, sem omitir os depoimentos de quem foi chamado a testemunhar.

- Então, o Teve esteve aqui. Por que não me procurou?

- Filha, ele estava sob o mesmo compromisso que todos nós. Lembre-se que se descoberto poderia ser preso. No Conselho, estava protegido. Não tenho certeza, mas acho que usou disfarce quando chegou na primeira convocação e, também, quando a decisão do Conselho foi anunciada, há uma semana.

- Como ele está, pai? Mudou alguma coisa?

- Na aparência, mudou pouco. Parece que ficou mais alto. Ganhou corpo e músculos. Aparenta ser mais confiante. Em um primeiro olhar, não parece alguém das nações, mas dos homens livres. O que mais me impressionou foi o olhar. Ele parece observar tudo, vendo os pequenos detalhes.

- Ele não falou quando vem me ver?

- Não conversamos, a não ser por um breve momento antes do anúncio da decisão, mas nesta curta conversa a única coisa que deixou claro é que o que havia feito, até então, tinha como objetivo trazê-lo de volta a você. Não sei quando virá, mas não deixou dúvida que virá.

- O que acha que vai acontecer, pai?

- Sinceramente, não sei. Mas lembre-se que o Tevold vive há vários anos fora das nações e que, neste tempo, teve de se adaptar, internalizando costumes e vivendo como um deles. Veja como possibilidade

que não queria voltar à Liga, nem viver nas nações. Acho que deve pensar nisso. Mas estou só especulando. Não sei de nada, de verdade.

- Pai, pode parecer loucura, mas nunca tive dúvida que o Teve voltaria. Não sei se estou preparada para vê-lo depois de tanto tempo. Mas não importa. Disse uma vez e vou repetir: estarei com ele, se me quiser, onde quer que esteja.

* * * * *

Os minutos pareciam horas. As horas, dias e os dias eram como meses. Anika aguardava e o primeiro e longo dia já tinha ido. Veio o segundo e viu os ponteiros do relógio correrem com imensa lentidão. Nada aconteceu. Começou a se desesperar, mas ainda mantendo a esperança. Não sabia até quando iria aguentar e foi já meio desanimada que começou a enfrentar o terceiro dia. Acordou cedo, ajudou na arrumação da casa, fez suas tarefas e esperou, esperou e esperou.

O dia passou muito muito devagar. A noite chegou, afastando o calor do dia e fornecendo a brisa que refrescou a casa e levou a família Taliba para o pátio, sob a grande árvore, de onde podiam apreciar a noite, vendo as estrelas parcialmente ofuscadas pela lua cheia.

193

Anika procurava identificar as constelações que Tevold lhe ensinara os nomes, mas encontrava dificuldade. Nunca fora boa na observação do céu, ao contrário do amado, que parecia saber tudo dele, reconhecendo de imediato a estrela ou a constelação, quando ela as apontava. Distraída, não viu que alguém estava se aproximando e assustou-se quando ouviu um “Boa Noite”, virando-se para ver quem era, possivelmente algum passageiro, que cumprimentava o pai. O que viu a deixou atônita, com o coração quase explodindo e muito acelerado. Ficou muda, mas de repente explodiu:

- Teve, você voltou. Você voltou.

Anika nunca recordou o que fez nos segundos seguintes, mas se descobriu, logo depois, abraçada ao amado, que a enlaçava carinhosamente, chorando copiosamente, chegando aos soluços. E foi se acalmando com o tom calmo de Tevold, que apenas lhe sussurrava: “Está tudo bem. Está tudo bem”. Aos poucos o choro foi cessando, até parar por completo e Tevold pode afastar Anika um pouco, encaminhando-

-se, junto com ela, para onde os Taliba estavam aguardando.

- Desculpe, kara e senhora. Não queria provocar esta reação. Não consegui chegar mais cedo e minha ansiedade não me deixou esperar até amanhã.

- Nós entendemos, não precisa se desculpar, lhe disse o grande kara e sua mulher apenas acenou afirmativamente.

- Obrigado pela compreensão. Acho que devem ter muitas perguntas e quero responde-las elas, tirando as dúvidas que tenham.

Foi a deixa para que começassem a perguntar. Tevold mostrou-se paciente e respondeu os questionamentos, mesmo quando duplicados. No final, o que emergiu foi uma história muito parecida com a que Mira na Moana havia contado a Anika, apenas colocando ênfase nas dificuldades que encontrou, adaptando-se à vida e costumes diferentes, mas ressaltando, a cada momento, a ajuda que recebeu, o que lhe proporcionou grandes amizades, nas quais incluía o feiticeiro, que foi, em muitos casos, seu melhor professor.

194

- Os integrantes das nações vem os homens livres com preconceito, chamando-os de selvagens e desregrados. Não são assim. Na sociedade existe ordem, respeito e, em alguns casos, leis até mais severas que as aqui existentes. A grande diferença é que não existem funções pre-estabelecidas. Cada um tem de conquistar o seu lugar e ganha maior ou menor destaque de acordo com o que realiza. Tudo é questão de mérito.

A conversa foi longe e como ia ficando tarde, Tevold tomou a iniciativa de deixá-los, pedindo que ainda não divulgassem que tinha voltado. Era preciso nova conversa antes. Concordaram e Anika saiu caminhando com ele, para despedirem-se. Caminharam de mãos dadas por cerca de 100 metros. Abraçaram-se e beijaram-se, com Tevold se afastando, sumindo na noite, tão silencioso quanto tinha chegado. Anika ficou imóvel, vendo ele se afastar e, quando dobrou a primeira esquina, com a lua projetando sua sombra na rua, um rápido pensamento lhe veio: Seu amor havia sido recompensado.

A segunda-feira não foi tão radiosa. O sol estava encoberto por nuvens que ameaçavam chuva, mas a mudança no clima em nada afetou Anika. Ela continuava radiante. Dormiu muito bem e sonhou com Tevold, o que há muito tempo não lhe acontecia. No sonho, ele a pedia em casamento, mas dizia que assim que se casassem iriam se mudar de Anembê e que viveriam em Caturama. Ela se mostrou contra a mudança, mas explicou que era necessário. Ela bateu pé, dizendo que não iria abandonar a família e as nações. Que se a quisesse teria de ficar ali, com ela. No sonho, via as feições de Teve irem mudando, ganhando novos contornos. Ficando mais duras. Ele a olhou séria e disse, sem emoção na voz: “Então, vou embora”. Virou-se e saiu. Ela começou a chorar e foi o choro que a acordou, já com o sol clareando parte do quarto.

Ainda na cama, depois de se espreguiçar, ficou pensando no sonho e no que diria se Teve lhe dissesse que tinham de ir embora, viver em outro lugar. A primeira reação foi de medo. Estaria longe da família, de quem sempre tinha conhecido, enfrentando estranhos. À medida que ia considerando as coisas, chegou à conclusão que não agiria como no sonho. O que mais quis, desde que era adolescente, era ficar com Tevold. Sonhou anos e anos com ele, antes que a notasse e se declarasse. O que sentia por ele era quase físico, como se fosse o ímã que atrai o metal. Ele lhe dava segurança, sentia-se amada e protegida. E foi para sentir-se protegida e inteira que o esperou, sonhando em vê-lo voltar, em formar família, ter filhos. Seria ótimo se ficassem em Anembê ou nas nações, mas se fosse diferente, não iria desistir dos sonhos. Não iria sofrer por antecipação, mas não levaria muito tempo para saber.

Levantou-se, tomou banho, escolheu um vestido que agradasse a Tevold e foi tomar o café, encontrando os pais à mesa. Sentou-se e se serviu, incomodada pela observação dos dois, em silêncio. Depois de comer o primeiro pedaço de bolo e tomar um gole de café, acabou não se contendo.

- Pai, mãe. O que houve? Se querem falar alguma coisa, que falem.

O pai continuou em silêncio, mas a mãe, não.

- Filha, o Tevold está diferente. Acho que notou isso. Já pensou que ele pode não querer ficar aqui, nas nações, e voltar para o trabalho de guardião?

- Sonhei que me dizia isso e que insistia em que ficasse. Ele endureceu e foi embora. Acordei chorando. Pensei no sonho, na situação e no que diria. Se ele me pedir para ir com ele, vou, mãe. Esperei demais e coloquei toda minha esperança nele para recusar o amor.

Amer no Taliba não se surpreendeu com a resposta. Tinha quase certo que a filha acompanharia Tevold. Mas tinha uma observação a fazer.

- Filha, o Tevold que vimos ontem não é o mesmo que deixou as nações. Como pai, isso me preocupa. Gostaria de saber no que ele se transformou. Espero que tenham uma conversa franca e que lhe conte tudo. Só conhecendo a história é que vou me tranquilizar. Faça isso por nós, filha. Acho que não falaria comigo ou com sua mãe.

Terminaram o café em silêncio. O pai saiu e a mãe foi cuidar de seus afazeres. Anika retirou a mesa, guardou a louça e se preparou para a espera. O tempo, desta vez, estava a seu favor e foi com um largo sorriso que viu Teve se aproximar. Levantou-se, abriu a porta, saiu e ficou esperando-o.

- Vamos nos sentar sob a mangueira. Não quero que ninguém fique fofocando a nosso respeito.

Tevold sorriu, pegou sua mão e a conduziu até o amplo banco. De longe, parecia um casal comum, aproveitando a sombra da manhã, menos quente devido ao templo nublado.

- Nika, acho que não preciso dizer que mudei. Já percebeu, certamente. O Tevold que conheceu e com quem conviveu está bem diferente. Novas crenças, novas atividades, novos amigos, novas funções, novos locais e contatos. Meu mundo virou de ponta cabeça e só depois de muito tempo é que consegui colocá-lo no lugar. Foi difícil. Endureci. Aprendi, vivi vidas diferentes, fiz coisas que achava impossível. Mas há, ao longo desta trajetória, uma coisa que não mudou: o amor que sinto por você.

- Teve, também mudei. Não sou mais a menina que deixou. Talvez não tenha enfrentado as mesmas dificuldades que você, mas não foi fácil. Viver na espera não é a melhor coisa. Principalmente quando nada é certo.

- Imagino que não. O fato é que estamos aqui. Quero lhe dizer algo. Depois, quero fazer um pedido. Não, não fale. Apenas ouça.

Tevold lhe falou sobre o pedido feito ao Conselho e o tempo previsto para a decisão, que coincidiria com o recesso de verão que as caravanas faziam. A decisão saiu no tempo certo, mas sua divulgação, não. Ele ainda tinha 15 dias antes de ter de retornar e reassumir seu posto de guardião, começando nova temporada.

- A partir do momento em que o conselheiro Veico em Embiá aceitou levar o pedido ao Conselho venho pensando no que deveria fazer. Considerei apenas duas possibilidades: Voltar a Anembê e reassumir o posto na Liga ou permanecer como guardião. O que não considerei é viver sem você, qualquer que fosse a opção. Tive tempo para refletir e tomar a decisão de forma amadurecida, mas preciso fechar este ciclo da minha vida e o fechamento depende de você, Anika.

197

- Teve, você está me deixando assustada.

- Não é essa a minha intenção. O que preciso saber é se aceita viver comigo em Caturama. Não precisa me responder agora. Posso esperar um pouco mais. Pense bem. Pese os prós e contras. Quando tiver decidido, me fale. Vou continuar por aqui.

- Teve, não preciso pensar mais. Já pensei demais. Vou para Caturama e para onde for. Não tenho nenhuma dúvida.

- Então, Anika be Anembê, você aceita casar-se comigo?

Ao fazer o pedido, não estava preparado para a reação de Anika. Primeiro, a viu abrir o sorriso e seus olhos brilhantes. Depois, veio o impulso que a atirou nos seus braços, chorando e rindo ao mesmo tempo. Meio sem saber o que fazer e constrangido, abraçou-a suavemente, acariciando-lhe os cabelos, sentindo que ia relaxando, com o abraço ficando menos apertado, até que, aos poucos, foi se afastando dele.

- Tevold bê Anembê, aceito casar-me com você.

Ao terminar a frase, levantou a cabeça e o beijou apaixonadamente. Tevold sentiu uma corrente elétrica percorrer o corpo. Ao mesmo tempo, sentiu uma grande paz, como se lhe tivessem tirado um imenso peso dos ombros. Relaxou e aproveitou o momento.

O seu e o amor de Anika haviam sido recompensado. Juntos, iriam enfrentar os novos desafios que a vida lhes trouxesse.

DECISÃO E MUDANÇA

- **P**ai, mãe, queria lhes contar que o Teve me pediu em casamento e aceitei. Isso não chega a ser uma novidade, não é? O que é novo é que, depois de casada, vou com ele para Caturama. O Teve não voltará à Liga, mas pediu que não disséssemos nada sobre isso. Estará de volta dentro de dois dias e, então, fará o pedido oficial, combinando quando será o casamento.

Os pais de Anika não tinham dúvida que, com a volta de Tevold, ela o seguiria. Inicialmente, tiveram a esperança de que sua luta tinha sido não só para aproximar-se da filha, mas também para reassumir seu posto. Haviam se enganado, o que confirmava a impressão de Amer no Taliba de o futuro genro não ser a mesma pessoa que deixou as nações. Havia, em relação a Tevold e ao julgamento – ou talvez fosse o julgamento que causava a estranheza – alguma coisa que não se encaixava. Só que o grande kara não tinha nada palpável para apontar e não podia basear-se apenas na sua intuição. Sim, ela tinha funcionado a seu favor muitas vezes, mas neste caso e principalmente por envolver a filha não era suficiente.

Como supremo líder religioso dos povos das nações, Amer no Taliba não tinha problemas e nem enfrentaria burocracia para casar a filha. E não tinha como impedir o casamento, já que não havia nada contra o pretendente. Antes do julgamento e de ser declarado inocente, tecnicamente Tevold não mais pertencia ao povo das nações e, por isso, não podia casar-se com alguém que o integrasse, neste caso Anika. Mas não havia impedimento e nem sanção se ela o seguisse e se casassem pelas normas dos homens livres. O grande kara não tinha dúvidas que a filha seguiria Tevold, ignorando as regras que sua nação adotava. Afinal, não fora por isso que sempre esperou? Ele não se julgava no direito de colocar empecilhos à união, mas teria preferido que a filha

continuasse em Anembê.

Mesmo que a sensação de inadequação o incomodasse, ia preparar-se para o casamento. Antes, contudo, queria ter nova conversa com Tevold.

- Nika, queria ter antes nova conversa com o Tevold. Pode pedir a ele que me procure no meu gabinete?

- Claro que sim. Assim que chegar, peço para procurá-lo. É até bom, pois combinam os detalhes do casamento. Nos dois temos pressa, pai.

Concentrados em suas tarefas, Amer no Taliba não viu os dois dias seguintes passarem. Ao chegar em casa, no final da tarde, encontrou Tevold à sua espera.

- Grande kara, a Nika me deu seu recado, mas achei que era melhor ter uma única conversa, esclarecendo as dúvidas em relação a mim. Não quero que paire nenhuma dúvida sobre o que fiz e o que pretendo fazer. Assim, ficam informados. Farei um relato e, no final, se tiverem dúvidas é só perguntar que as esclareço. Mas quero fazer um pedido: que o que disser fique entre nós. Acho que é importante saberem, mas não quero que se torne público. Quando terminar, vão entender por que. É para nos preservar.

Tevold não minudenciou a história, mas a contou inteira, desde o momento em que deixou as nações até sua volta. Reconheceu que ao longo dos anos teve várias identidades, assumindo papéis diferentes, de ajudante de loja a guardião, o que fez orientado pelo feiticeiro e com o objetivo de aprender. A cada etapa do treinamento, aprendia. E foi assim que percorreu Maravilha como bardo, mágico, curandeiro, guardião, feiticeiro e cavaleiro e se transformou em alguém capaz de mimetizar qualquer ambiente, qualquer pessoa. Ao retornar a Catu-rama e ao feiticeiro, soube do seu papel final, o de guardião, dono de pequena companhia, que iria se expandir aos poucos.

Ao formar a companhia, alguns papéis tinham sido invertidos. Se antes estava subordinado a Conte, que se transformou em grande amigo, agora seria o inverso. Era ele quem iria mandar. E era hora, também, de começar a segunda parte do plano do feiticeiro, abrindo

caminho para que o julgamento da Liga Vivá chegasse ao Conselho das Nações. Fora ele, em seus vários papéis, que começou a juntar os indícios. E foi ele que as envolvidas na perfídia procuraram, confessando o mal feito. Mas fora o feiticeiro que descobriu o meio de reabilitá-lo. O plano foi armado a quatro mãos. De um lado, funcionou como elemento provocador. Do outro, o feiticeiro ficou encarregado das ligações, dos contatos, de achar alguém que levasse a ideia adiante.

Levaram seis meses para chegar ao Conselheiro Veico em Embiá e descobri-lo foi pura sorte. Como guardião, Tevold certo dia ouviu que o líder dos embiaras participava de círculo místico muito restrito e fechado, o que despertou sua curiosidade e o levou a pesquisar o assunto, procurando outros integrantes que confirmassem a existência de tal grupo e, também, a participação. Juntando os indícios, confirmou as informações e ao dá-las, descobriu que o feiticeiro participava do mesmo grupo. E foi ele quem fez o contato com o conselheiro. Tevold teve papel secundário no contato, mas foi quem organizou a logística em volta dos participantes do julgamento.

- Vocês já sabem quase tudo. A única informação que ainda não dei é quem é o guardião que representei. Não lamento nada do que fiz, mas quero me desculpar por enganá-los. Há muito deixei de ser Tevold e me transformei em Mira na Moana. É com este nome que voltarei à Caturama. E é com Mira na Moana que, no final, Anika irá se casar. O que fiz teve um propósito: recuperar o amor perdido.

Com a história encerrada, vieram as perguntas. Tevold – Mira, na verdade – as respondeu. Quando as perguntas se esgotaram, ele ponderou:

- Não podia seguir adiante se vocês – e principalmente Anika – não conhecessem esta história. Contá-la me custou o maior desentendimento com o feiticeiro, que defendia que só fosse revelada a Anika, quando chegássemos já casados a Caturama. Como disse a ele, era necessário contá-la. Não quero dúvidas no nosso relacionamento. Talvez não tenha a aprovação de vocês, mas não acho que isso afetará o sentimento de Anika em relação a mim. E em nada vai mudar o que sentia e continuo sentindo por ela.

O grande kara tinha encontrado razão para sua estranheza, mas não podia condenar o jovem. Talvez no lugar dele também lutasse para reaver o seu amor. Tevold – isto é, Mira – havia usado os instrumentos que tinha à mão e sucedera. O que ele poderia dizer?

- Tevold, você tem certeza que, se descoberto, não terá problema?

- Grande kara, não cometi nenhum crime. Lembre-se que não era cidadão das nações. Como homem livre, sigo as regras por eles estabelecidas, que as nações respeitam. Sou um cidadão pleno, reconhecido, com trabalho próprio e uma história que pode ser checada por quem quiser. Estou absolutamente limpo. Nenhum dos personagens que representei fez nada de ilegal, seja aqui, nas nações, ou fora delas.

- Mas como justificará a mudança de nome?

- Como sabe – e acho que todos nas nações – não poderia viver com meu nome anembê, pois tinha sido excluído das nações. Tinha de escolher novo nome e foi o que fiz. Entre os homens livres é comum a mudança de nomes, não importa se é feita uma única ou várias vezes. Ademais, não há como me identificar com os personagens que representei. Eles não tem nenhuma ligação comigo.

- O feiticeiro poderia fazer esta ligação.

- Quem é o feiticeiro, grande kara? Ele o conhece, diz ser seu amigo, mas sabe quem ele é? Sei que não. Ah, ele se chama Sami. E daí? Diria que existem milhares de Sami entre os homens livres. Qual deles será o feiticeiro? E se souber quem é ele? Onde é que vive? Tudo leva a um beco sem saída. Os personagens surgem e desaparecem. A única constante sou eu. E neste caso, não adianta procurar Tevold bê Anembê, pois ele não existe fora daqui. Lá fora, quem existe é Mira na Moana. Meu nome anembê só faria sentido se voltasse às nações.

- Mas como armaram tudo isso?

- Grande kara, tudo na vida é representação. Pare e pense: eu poderia ter voltado como Tevold e pedido a Anika para partir comigo. Anika, se fizesse isso, você me seguiria, mesmo que seus pais fossem contra?

- Seguiria, Teve. Sonhei muitas vezes que voltava para me buscar e fugíamos.

- Por que não fiz isso? Para ter Anika não precisava, como ela mesmo admite. Mas isso o atingiria, grande kara. Eu só teria a ganhar, mas a família de quem amo perderia. Seria um estigma. Eu não o carregaria. Anika, que se integraria a um novo mundo, também não. Mas os símbolos são importantes, principalmente nas nações. Limpar meu nome, voltar, casar-me era necessário, não por mim ou por Anika, mas pela simbologia, que preserva tradição e me exime da acusação de ter desrespeitado as nações.

- Mas, então, se pensa nas nações por que não fica em Anembê?

- Desculpe, Anika, mas parece que seu pai não vê as coisas. Grande kara, como seria a minha vida na Liga Vivá? Seria promovido, como o Conselho determinou. E depois? O que fiz gerou mágoa, muita mágoa. Expus a Liga e alguns de seus dirigentes, mostrei que agem em interesse próprio, não do coletivo, que são mesquinhos, só pensam neles e nas famílias. Como acha que seria tratado? É ingenuidade achar que voltaria e tudo estaria bem. Não, minha vida viraria um inferno e acabaria por transformar a vida de quem amo.

- Então, por que pediu a reintegração?

- Desculpe, grande kara, mas acho que não leu o pedido que fizemos através do conselheiro Veico em Embiá. Não há nele uma única alusão à reintegração na Liga por uma razão: nunca pretendi voltar a ela. O que pedimos foi a anulação da decisão tomada pelo Conselho. Nada mais. Foram os conselheiros que acrescentaram a reintegração. Não precisa acreditar em mim. Leia o pedido.

A sala da casa do líder anembê ficou silenciosa. Anika e a mãe apenas acompanharam as dúvidas levantadas por Amer no Taliba. O jovem não mostrava nenhum ar de superioridade ou de vitória. Desde que começou o relato seu rosto mostrava tranquilidade, embora mantivesse feições sérias, o que era apropriado para a ocasião. As duas observaram, ainda, que em nenhum momento ele titubeou nas respostas, sendo sempre direto e lógico. O grande kara, no entanto, ainda parecia ter dúvida, mas talvez não mais quisesse perguntar. Tevold

esperou um pouco mais. Quando ninguém se manifestou, ele o fez.

- Se não tem mais perguntas, quero formalizar, como já fiz com Anika, o pedido de casamento. Anika be Anembê você aceita casar-se comigo, Tevold be Anembê aqui nas nações e Mira na Moana entre os homens livres?

- Aceito. Não importa o nome que tenha, pois é quem amo. Casome com Tevold, com Mira ou qualquer outro, desde que seja você. Esperei muito e não quero esperar mais. E pai, não quero festa. Não quero divulgação. Vamos fazer uma cerimônia íntima, apenas. Por favor, faça isso por mim.

Amer no Taliba se sentia esmagado e sem saída. Gostaria de agir de forma diferente, mas não tinha argumentos. Vira suas objeções explicadas e de forma tão lógica que não permitiam refutação. A ele só restava render-se, fazer o casamento e ver a filha partir, sem poder contar os detalhes que Tevold lhes revelou. Agora, finalmente, entendia o que sua intuição lhe dizia. Fora manipulado. E não só ele, todo o Conselho tinha sido envolvido. A peça havia sido completa, com começo, meio e fim. Pensando que tinham tomado uma decisão, tomaram outra e deixaram a mais tradicional de suas instituições expostas. A Liga teria de mudar. O Conselho teria de mudar. As nações teriam de mudar. Tevold be Anembê tinha, afinal, plantado a semente da mudança. Se germinasse – e desconfiava que já tinha germinado – ninguém poderia detê-la.

- Anika, acho que está certa de querer que a cerimônia de casamento seja íntima. Vamos prepará-la. O que acham, vocês dois, de realizarmos dentro de 15 dias?

- Se Anika concordar, não me oponho. É um bom prazo e me permitirá voltar a Caturama com tempo para ultimar os preparativos da nova temporada.

* * * * *

Para preparar os papéis do casamento, Tevold teve de ir ao Conselho Anembê. Foi a oportunidade que Amer no Taliba procurava para conversar com ele a sós e havia instruído seus auxiliares que, tão logo aparecesse, pedissem que o procurasse, alegando que iria adiantar a liberação.

- Boa tarde, grande kara. O senhor queria me ver?

- Entre Tevold. Queria sim. Vou adiantar a liberação dos papéis, tanto os seus quanto os de Anika. Assim já poderá levá-los. Mas não foi por isso que pedi que viesse.

O grande kara, de certa forma, retomou a conversa que tiveram em sua casa. Primeiro, informou ter lido o pedido e constatado, como Tevold afirmou, que não pediu a reintegração e, então, confessou que sua posição foi tomada a partir do relatório do conselheiro Veico em Embiá, de onde partiu o pedido. Fez, ainda, outras considerações sobre o processo, suas testemunhas e participantes e finalizou com uma questão.

- Tevold, você sabia mesmo o que estava fazendo? Chegou a imaginar que a posição do Conselho coloca em choque a credibilidade da Liga?

- O senhor é jogador de xadrez e quando vai disputar uma partida sempre pensa à frente, buscando antecipar o movimento do seu adversário. No caso do julgamento, o que fizemos – pois não fui só eu – foi muito pensado e analisado, não só em relação aos Escritos, mas às posições de cada conselheiro. Nada no processo é solto, gratuito. Tudo tem um propósito.

- Vocês sabiam que a decisão do Conselho, como foi dada, iria iniciar um processo de mudança?

- Não foi este nosso objetivo. O que buscamos foi a anulação da decisão da Liga, tomada em bases falsas e ignorando evidências. Não fomos nós que expusemos a Liga, mas o Conselho. A anulação, a reintegração, o afastamento de integrantes e as novas diretrizes tomadas apontam para a necessidade de mudança. Se o Conselho das Nações entendeu assim, o que pensará o povo? Que algo de muito errado aconteceu. E se houve alguma coisa errada é preciso corrigi-la.

- Está me dizendo que o Conselho fez muito mais do que pretendiam?

- Desculpe, grande kara, se vou ser franco: leia o processo. Está tudo nele. Não busque desculpas para amenizar as decisões tomadas e

nem me culpe por elas. Não as tomei. Lembre-se que as decisões foram unânimes. Por que não votou contra? Aliás, grande kara, poderia ter feito isso no Conselho da Liga. Sabia que as acusações eram falsas, mas nada fez. Quem é, então, o agente da mudança? Reflita. O que propusemos foi muito pouco diante do que temos. Se fossemos usar todas as informações que tínhamos, a Liga seria desmontada. Ela é um escárnio ao Escritos e a quem diz que os segue. Como cidadão anembê sou obrigado a atender o Conselho. Se quer as informações completas, é só aprovar sua requisição no Conselho que as irei fornecer. Só que, neste caso, será a destruição da Liga.

- Isto está me parecendo uma ameaça.

- Grande kara, não entendeu nada, nada mesmo. Vá às ruas, converse com as pessoas, pergunte-lhes o que acham da Liga, peça-lhes para lhe contar histórias de abuso de autoridade, de suborno, de pedidos de propina, de quotas de mercadorias e até mesmo de roubo, puro e simples. Se fizer isso por um único dia terá histórias suficientes para refundar a Liga. À medida que fui tomando conhecimento das ações da Liga me questionei se os Conselhos – local, de nações e das nações – simplesmente faziam vistas grossas ou se era inocência. Sinceramente, acho que são os dois. Talvez tenham a melhor das intenções, mas não conhecem a realidade. Desça do pedestal e verá como as coisas são diferentes. Não preciso ameaçar, grande kara. A ameaça está ao lado e é muito maior. Pode destruir as próprias nações. A única coisa que quero é viver minha vida em paz e honestamente.

O grande kara Amer no Taliba, presidente do Conselho das Nações, estava atordoado e desconfortável com o que ouviu e começou a considerar a presença do futuro genro como desagregadora. Se dissesse a outros o que lhe disse, acabaria criando uma cadeia de eventos que poderia levar, sim, à destruição da Liga. Precisava levar o assunto ao Conselho, ouvir seus pares e ver o que poderiam fazer. Mas com base em que? Em rumores? Mais uma vez Tevold o deixou no beco sem saída, mudo e sem saber o que fazer. Talvez por estar meio perdido foi surpreendido pela voz do genro.

- Desculpe, grande kara, mas tenho outras coisas para fazer. Por favor, assine os papéis que mais tarde passo na Secretaria e os apanho.

Tevold saiu do Conselho pensativo. A discussão – que achava ser mais uma conversa – com o grande kara o deixou perturbado. Como alguém podia ser tão cego para a realidade? A velha imagem que tinha do líder, um de seus primeiros professores, desfez-se. Será mesmo que ninguém no Conselho percebeu o que estava fazendo? O que as decisões poderiam provocar? Ninguém seria capaz de fazer a análise de situação? Não tinha respostas, mas agradecia os ensinamentos recebidos ao longo dos últimos anos. Por eles, aprendeu que devia sempre analisar as consequências de seus atos. E era o que sempre fazia. Ao decidir pelo pedido de anulação de sua sentença tinha pensado muito, analisado todos os ângulos, mas não previu que o Conselho iria além do que pediu.

E foi nas consequências da decisão que pensou enquanto voltava para a casa que ocupava.

- Você parece preocupado. O que houve? O casamento deu errado?

- O casamento está mais certo que nunca. E sim, estou preocupado. A análise que fizemos em relação ao Conselho tem falhas graves. Acabei de ter uma conversa interessante com Amer no Taliba e, a partir dela, vi que os conselheiros não sabem o que fizeram. Não tem a mínima ideia das consequências das ações que tomaram.

- Por que se preocupa com isso? Você não é mais das nações. É um homem livre. O que acontecer não irá lhe afetar.

- Está enganado. Seremos afetados. Lembre-se que terei a meu lado alguém que é profundamente anembê e que o pai dela é o líder do Conselho, o que o torna responsável pelo que fizeram. As coisas podem se virar no sentido inverso do que queríamos, que era a mudança lenta.

- O que pretende...

- Vou me casar e voltar a Caturama. Mas acho que deveria ter nova conversa com o conselheiro Veico em Embiá. Ele precisa de novas informações e de alguém que puxe alguns cordéis.

- Ah, certo. Você se casa com a princesa, recebe o prêmio e eu fico

só com os camelos. Certo? Não quero consertar o mundo, tampouco as nações. Quem é dela que a conserte.

- Você vive consertando as coisas e sou a prova viva disso. Não custa fazer uma boa ação em benefício das pessoas. Pode não gostar delas, mas se nada fizer, o sofrimento será dividido e já sabe quem fica com a maior parte.

- Está bem. Vou conversar com o homem. Satisfeito?

Já não havia mestre e aluno. Muito diferentes, vindo de locais diferentes, haviam se tornado iguais. Ambos tinham confiança no outro. Havia se transformado em amigos, em irmãos mesmos. O encontro era de despedida. A oportunidade vinha da reafirmação da ligação, do suporte, do atendimento a um chamado, de estar sempre à disposição para ajudar e amparar. A despedida os levaria para locais diferentes. Um, que muito mudou, se transformaria no homem simples, perdendo sua aura. O outro, que já era simples, iniciava nova vida. Nela, havia local para mulher e filhos, a possibilidade de gerar uma prole e perpetuá-la. Os dois tinham consciência de quem eram, do que tinha feito e do que poderiam realizar juntos. Mas chegara a hora da separação. Eles se aproximaram e se abraçaram fortemente. Já não eram mais mestre e aluno. Apenas dois homens.

- Vá em paz, meu irmão. Quando voltar seu quarto estará preparado, à espera.

- Sei disso. E espero encontrar sobrinhos, vários deles.

Assim como Tevold be Anembê deixaria de existir, o feiticeiro não mais seria visto. O que sempre buscou, estava em andamento. A mudança ia chegar. Ele podia descansar.

* * * * *

A longa busca havia terminado. Tevold estava casado e Anika feliz.

Tinham realizado o sonho da juventude e cumprido a promessa de ficarem juntos. Estavam a caminho de nova vida. Era a hora das despedidas e Anika exibiu com orgulho o marido. À saída da cidade, havia um grupo de guardiões à espera e se juntou ao casal. Mais do que subordinados, eram amigos e companheiros de Mira na Moana e seria

sua escolta até Caturama e à casa grande, estrategicamente construída na esquina, com grande quintal e com a peculiaridade de ter um quarto em que apenas a governanta conseguia entrar.





**O DESTINO
DO HOMEM**

O grande caminho era seguro mas, como há muitos anos, o já não tão jovem cavaleiro escolheu o percurso secundário. Não era mais exilado, nem fora banido e envergonhado. Havia recuperado a honra, posto, função e restaurado em sua integridade. Voltara a ser alguém e sentia-se revitalizado a cada passo do cavalo, o mesmo que lhe levou na primeira jornada e que se transformou quase que em amigo. Relembrando o passado, sorriu e olhou para o lado, vendo a mulher que amava e que fora a força que o trouxera de volta, à nova realidade. E como da primeira vez, sussurrou seu nome: Akina, sentindo sua doçura.

Agora, no caminho que conhecia e era capaz de percorrer de olhos fechados, voltou a se recordar da previsão do grande kara:

- Você voltará, reassumirá seu posto e galgará outros, mais importantes. Ofuscará seus inimigos, derrotando-os e irá casar-se com quem ama.

Efetivamente havia voltado e poderia ter reassumido seu posto, mas não o fez. Também não tinha a intenção de ofuscar seus inimigos, preferindo elevar os amigos, quem esteve do seu lado, o ajudou. Já não rezava a Nanderu, não vendo propósito em pedir algo que somente seu esforço e persistência tinham conseguido. Não estava mais desamparado, não se sentia sozinho, levantara-se do chão e se ergueu muito mais alto. A incerteza o tinha abandonado. Era anembê, como sempre fora, mas não mais viveria como um integrante das nações. Ganhou nova identidade e o rótulo de “homem livre” e efetivamente o era. Não por estar entre eles, mas por comandar seu destino, o que só tinha conseguido com amizade, apoio e bons professores.

Na primeira vez que fizera o percurso, estava amargurado. Tinha perdido tudo, a não ser o cavalo, o mesmo Nanike que o levava agora. O contraste da sua tristeza com a atual felicidade podia ser vista no porte, na forma como cavalgava e na segurança que demonstrava. Não era mais o jovem amedrontado, que só via incerteza à sua frente. Não

precisava se preocupar com nova posição. Sim, transformou-se em guardião e perdeu o preconceito que tinha contra a função, até por, no seu caso, dar a ela novo padrão, exatamente o que lhe tinha trazido sucesso. Descobriu que a sociedade era diferente, mas que mantinha regras, não eram os depravados que pensava. Havia mudado. E agora, como tantos outros, não via pecado no lucro. Era ele que lubrificava os negócios, possibilitava seu crescimento e remunerava o trabalho. Na sua pequena companhia, era justo. Se os outros não o eram, que prestassem, depois, suas contas ao alto. Passou por tudo, venceu, mas não esqueceu o passado, embora o vendo dentro de nova perspectiva e não desejando simplesmente voltar a ele.

A nova jornada, lenta para conforto da esposa que o acompanhava, lhe trouxe à mente o julgamento, não o primeiro, mas o segundo. Os dois, no final, tinham sido uma farsa. O primeiro, encenado contra ele. O segundo, a seu favor. A diferença é que havia fatos, confissões e ações para basear a sentença. Não havia inventado nada, como no primeiro, movido pela inveja, enquanto o segundo visava a justiça. O que mais o atingiu não foi a sentença, em si, mas o engodo, a mentira, a farsa e a inveja. Não tinha sido acostumada a elas. Desde então, amadureceu e sabia que todas estavam presentes no caráter humano e que representavam papel importante na vida das pessoas. Escolher a retidão era a opção mais difícil e nem todos a suportavam. Era mais fácil ceder, mentir, enganar e conseguir o que pretendiam. Fazer do modo certo era mais difícil e nem sempre dava o resultado pretendido. O que tinha acontecido não deixava de ser paradoxal. Antes, fora expulso do que mais queria. E agora, que o queriam, não via motivos para voltar. Não desejava ser exemplo de nada. Não queria ser ícone de ninguém.

“Era guerreiro, altivo, honrando a família, a aldeia e nação. E ainda sou. Só que com família diferente e longe de aldeia e nação, mas pensando em algo maior, no homem”, refletiu vendo Akina lhe sorrir, como se tivesse encantada por ele. Como as coisas tinham mudado. Orgulhoso de ser abá, tinha invocado sua palavra, jurara e nada conseguiu. Como exilado, revelou a mentira, mostrando que estava certo e seus julgadores, errados. Não se sentia orgulhoso de ter exposto as pessoas, fazê-las passar pela vergonha da desonra e da confissão de malfeito. E foi por isso que procurou cada um deles, pedindo-lhes des-

culpas pelo que havia feito. Não importava se fosse ou não perdoado, mas aplacou sua consciência, com a certeza de que tinha feito o certo.

A escolha da rota alternativa não era mais uma fuga, mas a reafirmação de sua liberdade. Ao deixar as nações, não era mais Tevold bê Anembê. Agora, também não. O nome ficou no seu passado. O presente era outro e o futuro seria construído como Mira na Moana, o nome que o levara às nações, às aldeias, aos homens livres e ao povo perdido. Seu lugar era Caturama, a casa grande de esquina com quintal grande, propício à brincadeira dos filhos que pretendia ter. E faria isso cercado de amigos. Seus filhos já não seriam das nações, crescendo em outro ambiente, com novas crenças e novos propósitos. Ao pensar na família, voltou a sorrir e emparelhou-se com a mulher.

- Você se lembra do que me disse no dia em que fui obrigado a partir?

- Claro que me lembro. Se fechar os olhos, vejo a cena. Aliás, a vi milhares de vezes. E posso repetir as palavras: “Vou te esperar. Prometo. Não importa o tempo. Quando voltar estarei à espera”. Cumpri minha promessa. Esperei e você voltou.

- Nesses anos minha vida foi muito diferente do que vivi enquanto na Liga e nas nações, Akina. Mas por maior que fosse a diferença, o que me moveu, no final, foi voltar e a encontrar. Você esteve presente nos meus sonhos desde o primeiro dia em que parti e o fiz através deste mesmo caminho que agora percorremos. Estava envergonhado e não queria os olhares dos outros me vendo partir. Agora, é diferente. Mas fiz questão de fazermos a jornada por ele. É o início de nova vida.

Akina havia absorvido bem a sua história e aceitou de forma tranquila que não era mais Tevold. O jovem abá só existia na lembrança de poucos, daqueles que lhe eram muito próximos ou de quem foi afetado pela decisão do Conselho. Durante um tempo, esteve perdido. Depois, foi Dom Quixote e combateu alguns moinhos. Ganhou rumo e transformou-se em alguém. Podia ser Tevold ou Mira, não importava. Tinha conquistado seu lugar, agora completo com a presença da mulher amada.

- Teve, estou realizando meu sonho, que sempre foi ficar ao seu

lado. Sempre imaginei que ficaríamos em Anembê, mas o local não é importante. O que me importa é você e para onde for, vou junto. Por que acha que esperei todo este tempo? Não foi por falta de pretendentes, talvez nem tanto por mim, mas por ser a filha do grande kara. Não me importo com isso. O que sempre quis – e consegui – era ficar com você.

O percurso serviria para que a mulher tivesse rápida visão do trabalho que executava e a oportunidade de conversar com outros guardiões, trocar informações. Alguns deles eram casados e também residiam em Caturama. Tinham famílias, filhos. Juntos, formavam uma confraria, mas não era só nela que a esposa iria viver. A cidade oferecia outros atrativos e Akina teria a oportunidade de conhecer mais pessoas, ampliar o seu mundo e a dimensão de seu conhecimento. Como ele, iria se adaptar ao novo mundo e o faria como a sra. Mira na Moana.

* * * * *

“O futuro depende daquilo que fizermos no presente”.

A frase, que ficou marcada em sua memória, fez parte de uma das primeiras lições do feiticeiro ao jovem discípulo que, desanimado, só via o passado, lamentando o que havia perdido. Foi a partir daí que lhe incutiu a consciência que precisava trabalhar para realizar o futuro desejado. O jovem havia internalizado o aprendizado, praticando-o e expandindo seus conhecimentos. Se não fosse o planejamento cuidadoso e de longo prazo, não teria conseguido seus objetivos. Mas isso não significava que teria de parar de pensar adiante. Planejar o futuro era ainda mais necessário, pensando na esposa e em futuros filhos.

215

Incorporando o balanço de Nanike, como se, juntos, formassem apenas um animal, Mira observava Akina e pensava no futuro e em como ele se desenvolveria. A mulher, vendo-o alheio, perguntou:

- Teve, em que está pensando? Você parece distante?

- Desculpe, amor, mas estava pensando em como será o nosso futuro.

Ela lhe sorriu, feliz e segura, sabendo que tinha um braço forte ao seu lado, recebendo o suporte que precisava, começando pelo profun-

do amor que lhe dedicava.

O que nenhum dos dois sabiam é que o futuro tinha começado e que tinham um filho a caminho.







